

REVISTA DA SEMANA

N. 2 14-1-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

«REVEILLON» DE ANO NOVO

COPACABANA — YATCH
BOTAFOGO — FLUMINENSE
GINÁSTICO — TIJUCA

ELEANOR PARKER
(Kodacrome M.G.M.)



PALMAS E FLORES PARA O TALENTO DE **DOMITILA DO AMARAL**

PEQUENA HISTÓRIA DE UMA ESTRELA BRASILEIRA EM PALCOS DA EUROPA —

«ESTRELISMO» É A MORTE DO TEATRO — GARCIA LORCA NOS SEUS LÁBIOS.

CORRIA aquele mês de junho em Paris. Era só pedir ao tempo que não corresse depressa, pedir a Deus que um dia desse Paris de volta outra vez. E foi por causa do tempo que deixamos de ver «Yerma» de Garcia Lorca no pequenino teatro de La Huchette. É que todo brasileiro repetia com orgulho que o sucesso grande daquela apresentação estava na arte de uma moça brasileira e como o coração da gente fica bem verde-amarelo quando ficamos longe, era preciso ir ver bem de perto Domitila do Amaral. Mas o tempo nos roubou a vontade, outros caminhos nos tiraram do teatrinho que um dia fechou levando para outros pontos aquele punhado de moços e moças idealistas. O que restou foi procurar saber da moça brasileira, de conseguir dela algumas fotografias e guardar tudo isso para contar um dia, quando alguém quisesse saber do seu trabalho.

Antes de ir para a Europa em 1948, Maria Helena Domitila do Amaral fazia cenários para o teatro de marionetes do Instituto Pestalozzi. A vontade de ver terras e mundos onde houvesse mais teatro e mais arte fez de Domitila uma presença na Europa. Inicialmente visitou toda a Itália e organizou a sua viagem de forma que sua estada em cada cidade coincidissem

ASSIM DISSERAM OS CRÍTICOS

★ Em «L'Information», André Paul Antoine diz: «Mlle. Domitila Amaral é «Yerma». A despeito de um ligeiro acento, que aliás não a prejudica em nada, ela traz a compreensão e a expressão da obra alguma coisa de novo e de surpreendente. Ela é «Yerma» e não uma atriz representando um papel».

★ No jornal «Combat», Marcelle Capron assina: «Domitila Amaral é de uma sinceridade total na expressão do sentimento que possui e faz de «Yerma» uma personagem real e emocionante».

★ Georges Lermenier: «la clé de voute» desta representação é Domitila Amaral. Esta jovem comedianta brasileira não tem somente um temperamento teatral evidente. Ela já possui um tom e mesmo um estilo. Ela é uma «Yerma» de acordo com o que desejamos.

com uma temporada teatral. Depois de ter assistido a um festival de teatro na escola de «Education Par Le Jeux Dramatique». Dois

anos mais tarde estudava com Tânia Bala e foi então que ganhou a primeira oportunidade de aparecer pela primeira vez no palco do Viex Colombier, com um grupo de alunos daquele curso. Domitila em seguida percorreu todos os países da Europa, procurando em cada um deles apenas e só: teatro e teatro. Fala com grande ternura da Holanda por encontrar naquela paisagem a profunda melancolia que lhe inspira a obra de Van Gogh. Fêz um curso de arte dramática quando da sua permanência na Inglaterra e suas horas e seus dias são dedicados unicamente à sua arte.

Sem dúvida a sua grande oportunidade em Paris foi em «Yerma». Depois da peça estreada, toda a crítica de Paris teceu elogios à apresentação, ressaltando a presença de Domitila, «moça de perfil nítido e delicado, olhos imensos, lábios tristes» — como escreveu Robert Kemp, crítico de «Le Monde». A verdade é que Domitila do Amaral conseguiu, à custa de trabalho longo, uma realização sonhada. Na Europa encontra o que procura: o caminho certo para a sua arte e tudo isto realiza com método e a tudo recebe com modéstia, pois costuma afirmar que o «estrelismo» é a morte do teatro. — (F. LÓBO).



«YERMA», a bela e poética peça de Federico Garcia Lorca, o grande poeta espanhol fuzilado em 1936, encontrou em Domitila do Amaral a intérprete ideal. A brasileira, que um dia saiu do Brasil para ver teatro na Europa, abafou Paris com sua interpretação magistral no Teatro de la Huchette.

VOCÊ E O

MUNDO FUTURO

De RICHARD M. BARR

«Você e o Mundo Futuro» é uma antecipação do que será possível existir no ano de 1980. É uma narrativa dividida em cinco partes: Transportes, Vida no Lar, Medicina e Saúde, Comunicação Interplanetária, e Negócios. A menos que graves acontecimentos novamente se abatam sobre o mundo, as previsões encerradas nessa série de artigos hão de cumprir-se fielmente. Aliás, não são previsões: por mais fantásticas que pareçam, essas são antes afirmações perfeitamente viáveis, pré-estabelecidas em planos meticulosos. Quanto a seu autor, Richard Barr, é um veterano militante da imprensa norte-americana, tendo colaborado em diversos periódicos, como o «Washington Post», o «San Francisco Chronicle», o «Washington Star» e outros. Posteriormente, foi dirigir o escritório de notícias de Nelson Rockefeller, servindo a seguir como encarregado de relações públicas nas Embaixadas Americanas do Rio de Janeiro e da República Dominicana. Vive em Nova York, tem 47 anos, é casado e não tem filhos.

1 SÃO SETE HORAS da manhã de um dia de janeiro do ano de 1980. O ADS (Alarme Direcional de Som), virando-se na direção de George Wharton, principia sua tarefa diária, incumbindo-se de despertá-lo. Inaudíveis para qualquer outra pessoa no quarto, porém soando, aos ouvidos de George, com uma intensidade sonora idêntica, a de um amplificador de 18 polegadas, as palavras soam nítidas e distintas:

Está na hora de acordar, George. São sete horas da manhã. O observatório anuncia um tempo claro, a máxima temperatura sendo de 26 graus, e posteriormente, ao cair da tarde, cairão ligeiras chuvas, para reencher os reservatórios especiais, nas áreas suburbanas. A umidade é de 29 por cento. Agora, passam 45 segundos das sete, George. Se você não se levantar em trinta segundos, o preço dessa notificação será aumentada em 15 por cento. Repito: é hora de levantar. Levante-se logo, George...

Wharton gira o botão de controle existente ao lado de sua cama, e a voz pára de fazer-se ouvir. Estremunha, sonolento, e dá um rápido olhar para o relógio. — Um ato puramente reflexivo, de vez que o ADS NUNCA se engana de hora.

Cinco minutos mais tarde, no banheiro, acabou de lavar-se, e principia a barbear-se. Usa um modelo de frequência modulada, que raspa os pelos mais duros de seu rosto em exatamente dois minutos, deixando agradavelmente liso e insensível aos efeitos comuns dos raios ultra-violeta de que o aparelho é irradiador. Enquanto repõe no lugar o aparelho, lamenta a necessidade desse seu trabalho diário, e formula, mais uma vez, o desejo de possuir um queixo tão bem escanhado como, por exemplo, o de seu amigo Ed Sturgiss, o qual vangloria-se de se barbear, todas as manhãs, em somente 30 segundos.

Voltando ao dormitório, George repara que sua esposa ainda dorme. Sua vista recorda-lhe que ele lhe prometera levar toda a família, essa tarde, para assistir às novas Férias Aéreas. O côro desse novo espetáculo descia suavemente sobre o palco em minúsculos aparelhos aéreos. À medida em que a porta do quarto fechava-se suavemente, tocava um botão controlador dos fogões e aparelhos da cozinha, no andar inferior. Enquanto George se vestia, escolhendo um terno de pouco peso, dotado de ar condicionado, manufaturado em Kilion, a cozinha automática começava a fazer o almoço.

Duas fatias de presunto caíram, de um recipiente de vidro, numa frigideira. O presunto já tinha dois anos, porém conservava-se tão fresco como no primeiro dia, graças aos aperfeiçoamentos da técnica de refrigeração levados a efeito em 1960 mais ou menos. Na mesma frigideira logo tombaram dois ovos, as cascas se partindo com ruído característico de encontro ao metal. Um braço especial tratou de remover as partículas de casca, apanhando-as delicadamente e jogando-as ao incinerador. Começou a ferver a água na cafeteira, onde três tablets de café já esperavam. Pão, cortado em fatias muito finas, crepitava no fogo...

Quando George desceu para o café matinal, utilizando a escada rolante, já sua refeição o aguardava na mesa: suco de laranja, em conserva, dois ovos estrelados, café bem quente, com açúcar, no exato ponto em que Wharton o apreciava, e três fatias de pão torrado, e amanteigado. George era conservador em matéria de alimentos. Não podia entender como certas pessoas, a quem denominava «os meninos das pílulas», podiam suportar alimentar-se mediante pequeninas cápsulas de alimentos concentrados, por mais qualidades vitamínicas que acaso pudessem possuir.

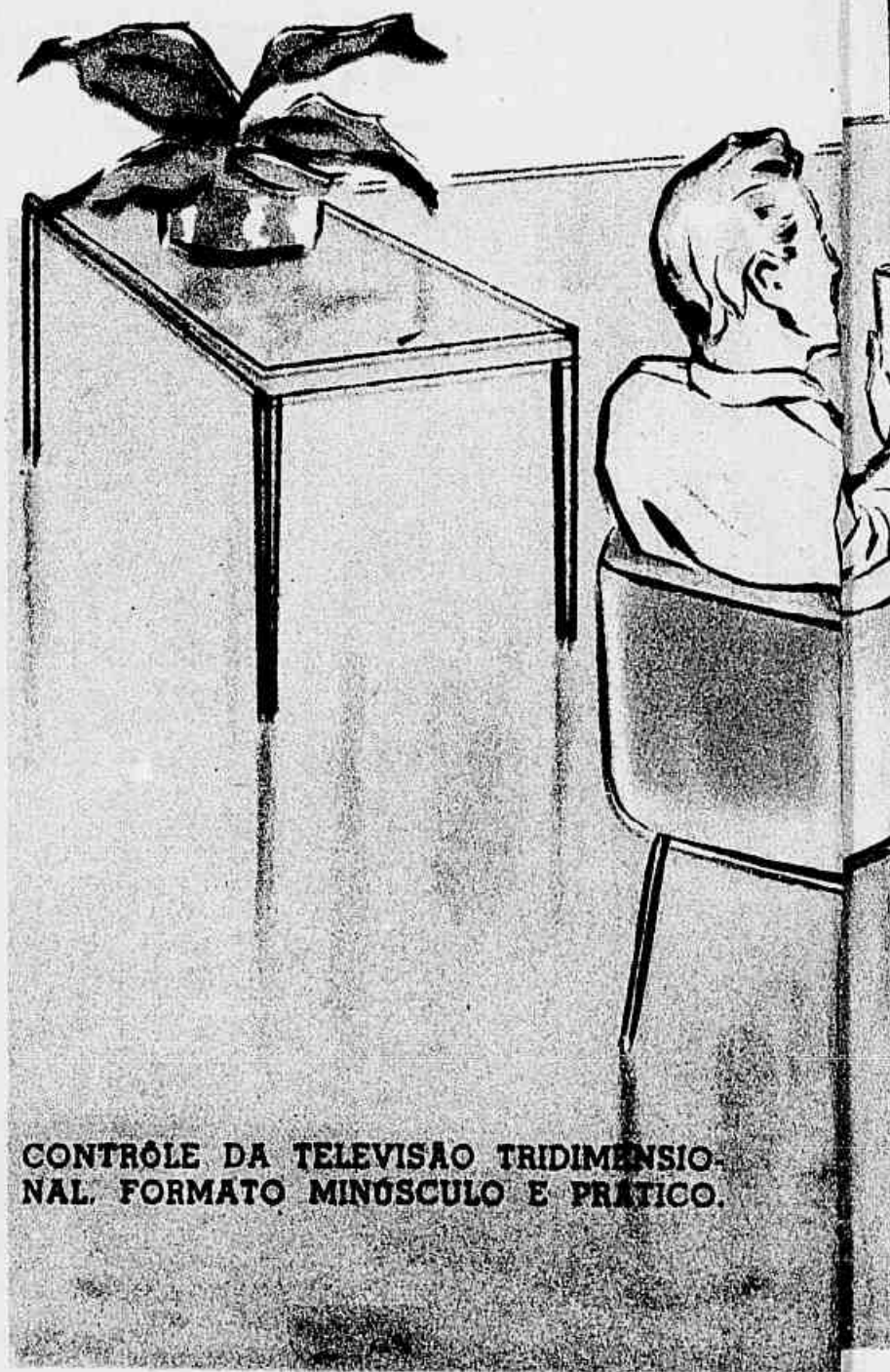
À medida em que fazia sua primeira refeição, George ligou sua televisão mural, somente no que se refere ao som, a fim de tomar contacto com as primeiras notícias do dia, tomando então conhecimento de um caso muito interessante: a polícia, em pequeninos aparelhos voadores, tivera que retirar um passageiro de bordo de um grande avião interestadual, a fim de ministrá-lhe remédios contra um ataque agudo do coração, que o acometera em pleno voo.

— Meu Deus do céu! pensou George. Um ataque cardíaco, como é possível?

Havia cinco anos que George não ouvia nada de semelhante: um ataque cardíaco! Naturalmente (pensou), teria sido alguma imprudência do homem. Com a ciência médica como atualmente está, não há necessidade de ninguém mais ter um ataque do coração.

A refeição e o programa de televisão terminaram quase que ao mesmo tempo. George dirigiu-se para a garagem, atravessando desta vez o jardim, ao invés de utilizar a pista suavemente inclinada que, partindo da porta de sua casa, ia dar à da garagem. Percebeu as betúnias recentemente floridas, algumas alcançando um tamanho de mais de metro e meio, com enormes flores de dez a quinze centíme-

TELEVISÃO EM RELEVÔ E A CÔRES. TELA DE GRANDES DIMENSÕES (3m x 2m).



CONTROLE DA TELEVISÃO TRIDIMENSIONAL. FORMATO MINÚSCULO E PRÁTICO.

tros de diâmetros. Os novos adubos, pensou, são verdadeiramente maravilhosos.

Embora a distância de sua casa à estação do carro aéreo fosse de menos de 25 milhas, George resolveu usar, essa manhã, seu grande carro controlado eletronicamente, deixando o segundo, controlado a mão, tal como os obsoletos modelos de 1956, para uso da esposa. Entrou no possante transporte, e acionando u'a manivela, encaminhou-se para a estrada, penetrando na corrente do tráfego. Dirigindo o controle automático para a mono-estação, fez girar, com um movimento silencioso, seu pequenino assento, de modo que pudesse apreciar o que ia deixando para trás. Começou a pensar então sobre os problemas que o aguardavam, aquela manhã, no escritório. Treze minutos mais tarde, seu carro automaticamente estancava num espaço especialmente destinado ao estacionamento. Já na gare, George ficou a observar as pessoas que seriam suas companheiras de viagem, no trem das 9:21.

Poucos instantes, após, o mono-carril aparecia



**GELADEIRA ELETRÔNICA E MÓVEL — UM
APERFEIÇOAMENTO DO MUNDO FUTURO.**

velozmente, para logo frear. Wharton escolheu um lugar e sentou-se. Suavemente o veículo começou a deslizar pelos trilhos, através do espaço, deixando-o a poucos passos de distância de seu escritório, 22 minutos exatamente após.

De novo em casa, Madame Wharton foi acordada pela voz de sua filha de três anos, que chamava através o ditafone de sua sala infantil. A senhora sorriu ao vê-la no visor de seu quarto de dormir, e disse sonolenta ainda: «Sim, querida, mamãe estará aí com você em pouco tempo».

No seu quarto, a criança ouviu claramente a voz da mãe. Deu uma cambalhota, de satisfação, e ergueu-se na ponta dos pés, para observar seu irmãozinho, que, com toda a sabedoria de seus onze meses, pensava gravemente no milagre de seus dedos do pé. Segurando com firmeza seu pé direito nas mãos rechonchudas, acabara de descobrir que podia trazer o pé até à altura do rosto, e chuchar o dedo. Olhou para cima, para o rosto da mãe, e deu um riso cheio

de satisfação. Esse, parecia ele dizer, é realmente um mundo maravilhoso.

Madame Wharton penetrou no quarto, tendo sido saudada com risadas de alegria. Levantou do berço a criança, beijo-a, e após cumprimentou a filha. Depois, levando consigo ambas as crianças, desceu para o café matinal. Após a refeição, quando já as crianças estavam colocadas, com segurança, em um sítio de recreação, ela decidiu que limparia, hoje, a casa de maneira completa. Na cozinha, descerrou o painel central de controle, e apertou dois botões.

O primeiro botão pôs em funcionamento um poderoso expulsador de partículas. Todas as aberturas da casa deram uma carga elétrica negativa, que repeliu qualquer matéria que por elas tivessem acaso penetrado. Os condutos existentes no teto de cada aposento deram uma rápida, positiva e gentil descarga, e — zás! — toda a poeira da residência foi em poucos segundos expelida na direção de um reservatório no subsolo.

O segundo botão começou a fazer ainda

mais limpo o chão. Uma camada de detergente seco, oriunda de fendas invisíveis no assoalho, espalhou-se rapidamente por toda a área, para depois ser de novo tragada pelas fendas, deixando o chão novamente seco, e o que é mais, limpo. Tempo total de ambas as operações, 91 segundos...

O único incômodo era o cachorrinho dos Wharton. Era um canino ao qual costuma George denominar de «indiscreto». Chamava-se Zany. Era «indiscreto» porque sempre latia o que não devia, devido ao ruído característico das fendas sugadoras de líquido. Todos os meses eram as mesmas cenas de indignação canina, os mesmos latidos tonitruantes, e, no fim de tudo, sempre acabava Zany prendendo o nariz em um dos buraquinhos. Madame Wharton agora mesmo estava escutando seus latidos zangados. Estava na sala de jantar. Depois de suspender a corrente de ar, foi em busca do cãozinho, para acalmá-lo.

(Continua no próximo número)



As cinco finalistas do Orfeão Português, entre as quais foi escolhida a representante dessa veterana sociedade lusitana, ao nosso certame, senhorita Lúcia Costa, a segunda, da esquerda.

go nos primeiros dias, reunir-se-á a comissão julgadora, incumbida de fazer a escolha da jovem que maior soma de elementos pessoais reunir para merecer o título de Rainha. Até agora, os nomes que vão compor essa comissão, tem-se mantido em sigilo, por determinação da Comissão Executiva.

Não há data predeterminada para a escolha das candidatas de cada associação. Essa escolha faz-se por iniciativa particular de cada uma delas. Essencial é que, dia 31 do corrente, todas estejam indicadas para, sem demora, ser processado o julgamento final. Espera-se que antes do Carnaval já a Rainha seja conhecida. Mas a sua coroação terá lugar no sábado de Pascoela, uma semana depois do Carnaval, portanto, a 18 de fevereiro.

O embarque da Rainha das Associações Portuguesas, e seu acompanhante, será efetuado em data a ser designada, a partir de março.

RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS

A SENHORITA LÚCIA COSTA APRESENTADA OFICIALMENTE CANDIDATA DO ORFEÃO PORTUGUÊS

A PROXIMA-SE a data do encerramento das inscrições para as candidatas ao certame promovido pela REVISTA DA SEMANA, em combinação com a «Voz de Portugal» e o programa «Revista de Portugal», da Rádio Globo. Transcorrido o período das festas, voltam-se as entidades lusitanas para a escolha de suas representantes, para, dentre elas, em fevereiro próximo, ser proclamada a Rainha das Associações Portuguesas, que irá a Portugal, em companhia de pessoa de sua família, como legítima representante da mulher luso-brasileira. E à medida que se avizinha o encerramento da prova, cresce de interesse o movimento das entidades portuguesas. Esta semana, uma delas escolheu e indicou oficialmente a sua representante.

NO ORFEÃO PORTUGUÊS

Foi essa veterana associação a primeira a fazer a seleção, entre tantas e prestigiadas candidatas, daquela que a representará no desfile final: Em animada festa realizada em sua sede,

no curso de dezembro, foi eleita a srta. Lúcia Costa, jovem de excepcionais predicados e ornamento de merecida projeção na família portuguesa residente no Brasil. Não foi fácil àquelles incumbidos dessa eleição, proceder à respectiva escolha, pois as rivais da srta. Lúcia Costa eram, também, dotadas de condições que as faziam prováveis vencedoras e isso pode ser observado no flagrante acima, em que se reúnem cinco dessas candidatas, inclusive a que foi proclamada.

DIA 31. O ENCERRAMENTO

No último dia do primeiro mês do ano, terá expirado o prazo para a indicação das representantes de todas as associações. Até esse dia, tais associações poderão, a exemplo do Orfeão Português, fazer a eleição sem maiores preocupações. E sabemos que nos bastidores dessas entidades associativas, o movimento é forte, para a indicação das preferidas. Em fevereiro, lo-



Lúcia Costa, representante do Orfeão Português no julgamento final da comissão incumbida de proclamar a Rainha das Associações Portuguesas

REDATOR-CHEFE..... Celestino Silveira
ASSISTENTE... José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO..... Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira, Vinicius Lima e W. Guarnieri.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.
FOTOGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Domitila do Amaral	2/3
Você e o Mundo Futuro (I)	4/5
Chuva, Champanha, Ano Novo	8/10
Os Melhores do Rádio em 1955	12/13
O que é o Teatro de Arena	20/22
Para o Carnaval	26/29
Trinta e Cinco Anos Entre Livros	36/37
Da Noite para o Dia	40/43
Sophia Loren tem a quem sair	44/45
Eles sabem, mas não querem dizer	47/49

SEÇÕES

Champanhota	11
Semana em Revista	14/15
Flashes do Brasil	17
Puxe pelo Cérebro	18
TV na Revista	19
Música	24
Femininas	30/31
Por esse mundo de Deus	32/33
Palavras Cruzadas	34
Pelas Esquinas da Noite	35
Literária	39
Revista há 50 Anos	42
Artes	43
Astrológica	46
Último Flash	50
Figura em Foco (Herbert Moses)	51
Fortuna	54/55

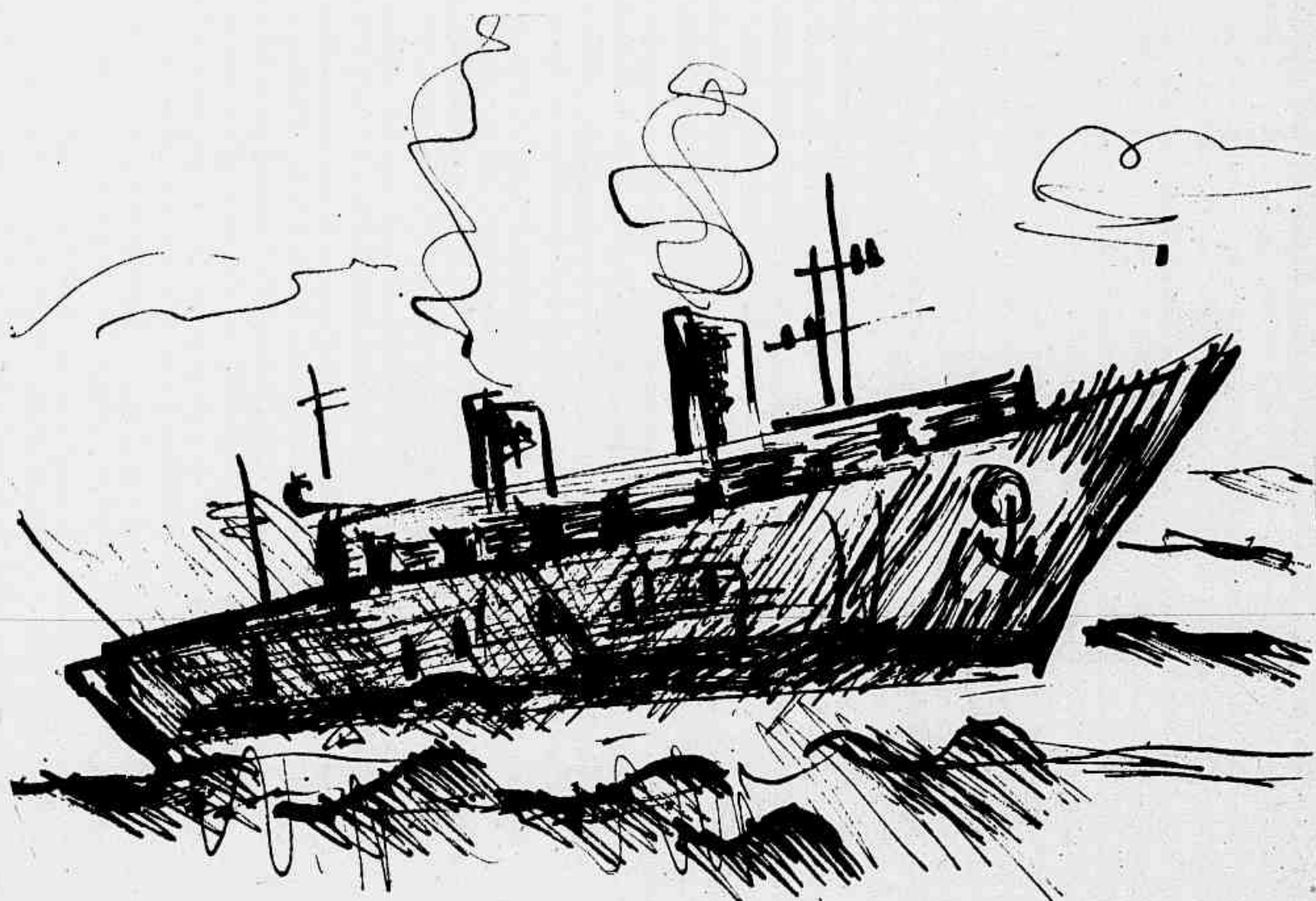
LITERÁRIA

Transatlântico de Luxo (A. Nery)	7
A Tentação (G. Zapolska)	38
Pra sua Reportage (P. Renato)	52/53

CAPA

Eleanor Parker (Kodakrome MGM)

Este número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

TRANSATLÂNTICO DE LUXO

SER pessimista é ruim. Também ser otimista sem mais nem menos é uma tendência tão destruidora da verdade quanto o pessimismo que deturpa as coisas até levá-las ao pó. Entre essas duas tendências o melhor, o mais equilibrado é sem dúvida pautar os entusiasmos ou as depressões, pela realidade. Viver fixado dentro dessa virtude tão rara entre nós é indício de força e de progresso. Li há dias uma notícia que apresentada aos olhos de um estrangeiro, tomaria aspectos de coisa maravilhosa e tentadora. Falava sobre a organização de um passeio demorado aos Estados do norte e nordeste do Brasil com paradas de dois dias nas capitais onde o excursionista poderia gozar dos maiores prazeres e confortos. Anunciava a duração da excursão e o preço desse sonho de muitos.

Ótimo como programa de turismo nacional. Mas a história em vez de ser contada e proposta com naturalidade, tombou para a irrealidade. Em vez de ser descrita sem ufanismos, desdobrou-se numa publicidade falsa e melancólica. A começar dizia que a excursão se daria no luxuoso transatlântico «Comandante Cantuária». Esse navio do Lóide quando apareceu não era transatlântico, por que depois de trinta anos o fantasiaram de «Queen Mary?» Onde está a vantagem de ser tão otimista? Ficamos com a impressão de que há no fundo, uma deliberada intenção de enganar os incautos e crentes em relação à nossa frota marítima. Seria mais criterioso partir da reali-

dade anunciando que uma excursão se daria com os elementos que possuímos e não com os que possuem os Estados Unidos! Esta de descrever um alquebrado navio do Lóide como um luxuoso transatlântico é forte demais em matéria de boa vontade, assim como também, anunciar o conforto supermoderno dos grandes hotéis do norte e do nordeste do Brasil. Traz um toque de desonestidade publicitária. Quanto à paisagem prometida aos excursionistas, não sei se eles gozariam realmente desse espetáculo depois de tanta decepção passada no transatlântico luxuoso e nos maravilhosos hotéis construídos nas capitais dos Estados!

E' recomendável incentivar a curiosidade dos brasileiros pelas suas coisas, provocar o conhecimento de regiões típicas variadas em climas e hábitos do Brasil mas, de começo sair da realidade através de promessas mirabolantes de uma excursão sob moldes dos maiores requintes de conforto e luxo, a meu ver é desaconselhável. Haverá depois dessa publicidade exagerada e fictícia uma contra propaganda dolorosa pelos próprios viajantes enganados.

E' por essas e outras que o turismo no Brasil está no plano dos discos voadores. E' por essas e outras que um simples passeio ao Pão de Açúcar devolve à curiosidade, decepções e cansaços aos que lá vão. Turismo à base dos contos de «Mil e Uma Noites», não consegue trazer benefícios aos cofres públicos nem atrai o nosso espírito para o conhecimento dos hábitos dos nossos próprios irmãos brasileiros. Não ser pessimista mas, também não ser otimista ao ponto de chamar o velho, cansado e minúsculo «Cantuária» de transatlântico de luxo!

ADALGISA NERY



CHUVA + CHAMPAGNE = ANO NOVO

ENQUANTO CÁ FORA uma chuva pesada e aborrecida teimava em cair, encharcando as roupas dos transeuntes, atrapalhando o tráfego e — o que é mais grave — privando aos milhares de devotos de lemanjá de lhe prestar o tradicional culto de fim de ano, no interior de clubes, «boites» e hotéis luxuosos, no Rio de Janeiro, não foram poucos aqueles que fizeram a sempre melancólica travessia do 1955 para o 1956 navegando em um mar de champanhe e de alegria. A partir das onze horas do dia trinta e um de dezembro, com efeito, podiam ser vistos, chegando à porta dos principais estabelecimentos da cidade onde bailes e festas de «Reveillon» seriam realizados, elegantes automóveis, que ali depositavam sua carga suave e graciosa de senhoras e senhoritas, dispostas a comemorar, da melhor maneira possível, ao lado dos pais, maridos, noivos ou namorados, a passagem do ano. Logo principiaram as danças, cada vez mais e mais animadas, à medida em que se aproximava a meia-noite, fronteira entre o Ano Velho e o Novo, marco

de separação entre um tempo que acabava de extinguir-se, e outro, que apenas despontava. Àquela exata hora, com efeito, quando a última badalada da meia-noite estivesse talvez ecoando em algum romântico carrilhão das redondezas, os bailes atingiram ao seu ponto culminante de animação. Todos, absolutamente todos os presentes: jovens e velhos, casais de esposos, noivos ou de namorados, simples conhecidos de alguns momentos antes, ou velhas amizades cimentadas através de muitos anos, trocaram cumprimentos comovidos, formulando-se reciprocamente os votos de «Feliz Ano Novo» e de «Muitas Felicidades» comumente ouvidos em ocasiões semelhantes. Enfim, nos «Reveillons» ou fora deles, nas mesas dos ricos e na dos pobres, o Ano Novo está aí. Apenas começado, que se poderá dêle dizer? Que ao menos seja tão compassivo, para com o mundo, como o anterior, que não conheceu guerras; e que traga, para o Brasil, a tranqüilidade e o progresso por que há tanto esperamos todos.

Ginástico



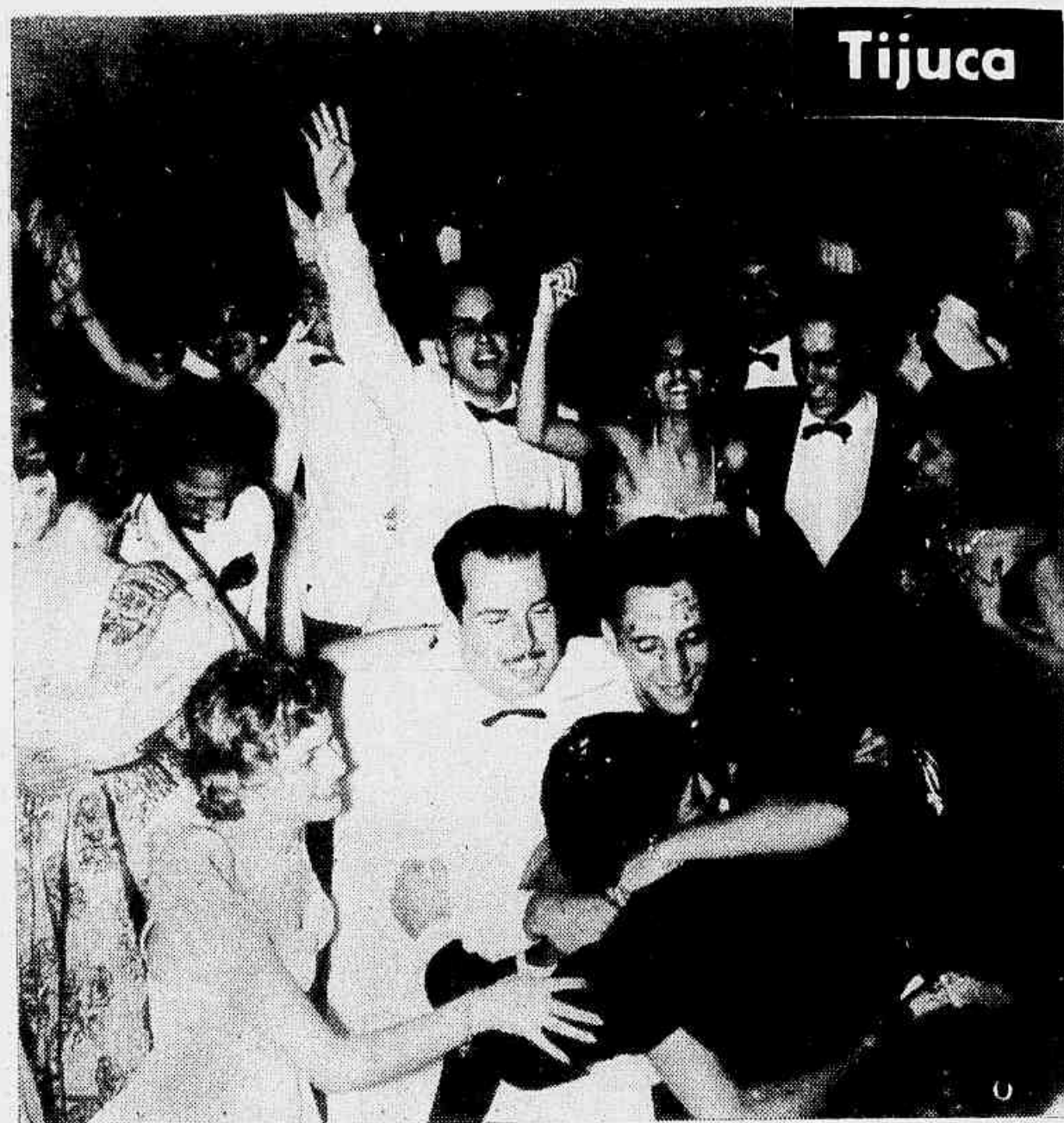
Yacht



Botafogo



Copa

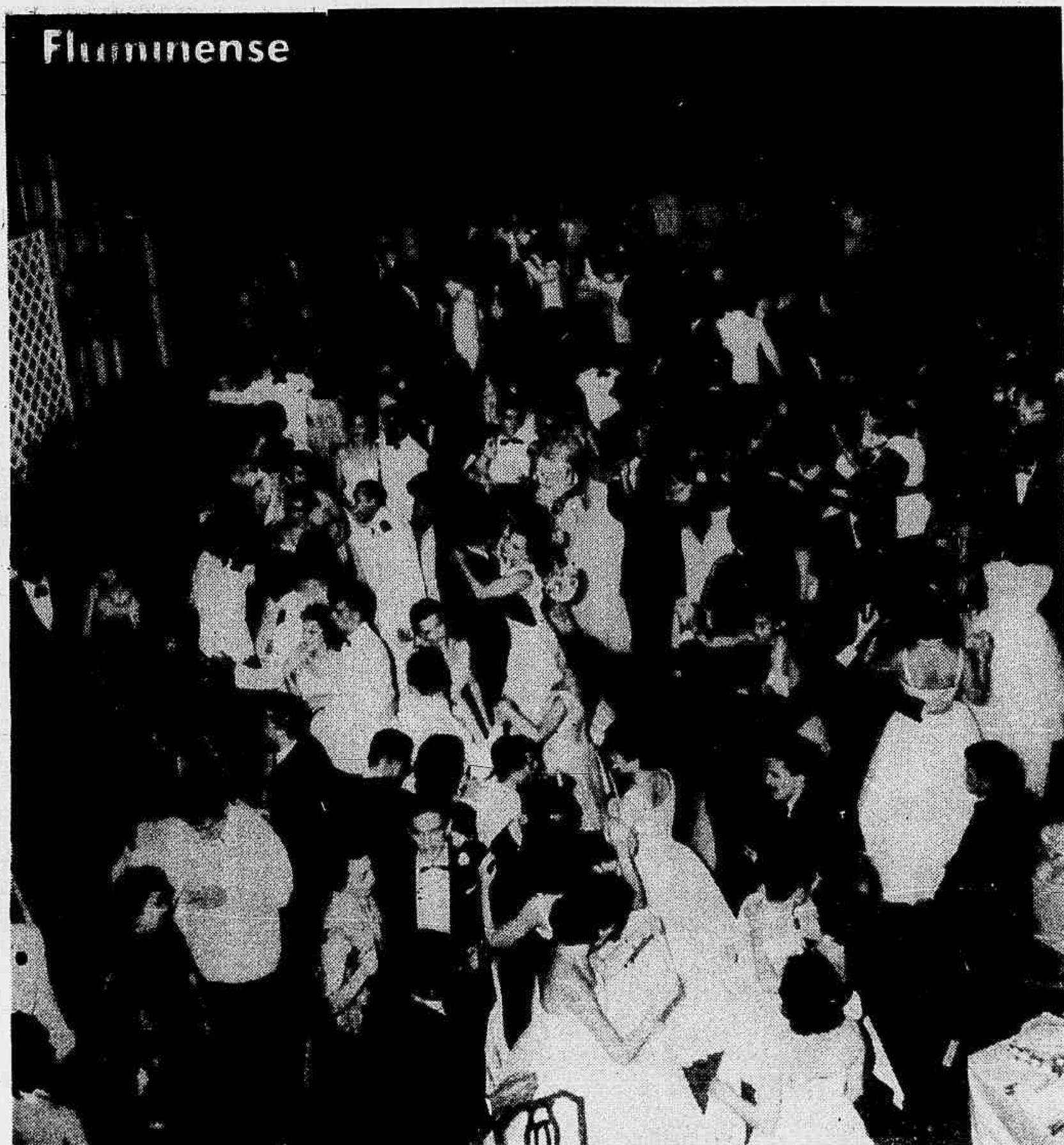


Tijuca

NOS CLUBES da Zona Sul, e nos da Zona Norte, foi idêntica a animação. Todos fizeram questão de celebrar o ano novo de maneira condigna, e para tanto, não pouparam esforços nem se acovardaram ante as taças de borbulhante champanha. O resultado foi um «Reveillon» cheio de alegria, como não se via há muito tempo, e que nos deu a esperança de que 1956, que de modo tão auspicioso se

inicia, seja verdadeiramente um ano pródigo em felicidade. As fotografias representam aspectos dos bailes de «Reveillon» de dois dos mais tradicionais clubes cariocas, o Fluminense Futebol Clube, das Laranjeiras, e o Tijuca Tênis Clube, poderosa agremiação da Zona Norte da cidade. Como poderão aquilatar, as coisas não estiveram para brincadeiras, quer em um, quer em outro dos bailes: pulou-se a valer, comemorou-se de verdade a entrada do ano.

Fluminense



OS PRIMEIROS SEIS MESES DE 1955 FORAM ASSIM: CASAMENTOS, VISITAS CÉLEBRES, "SADLER'S WELLS" E JAZZ.



O Teatro do Copacabana ganhou roupa nova.

Em casa do sr. e sra. Eugênio Lage, no Rio e, no estúdio do «Jaraguá», em São Paulo, nasceu para as pessoas das duas Sociedades o ano de 1955. Harry Stone, o solteiro mais convidado do ano, homenageia e recebe figuras do cinema nacional, enquanto a nobreza italiana sofre seu segundo choque, com a queda, em situação estranhíssima, da janela de um grande hotel de Roma do Príncipe Lanza de Trabia. Enquanto dava-se esta tragédia com um nobre italiano, aqui, um sorridente e esportista príncipe indiano (Murraram Jah) é homenageado com um jantar no Largo do Botafogo.

Um terceiro príncipe, mas da canção francesa, Maurice Chevalier é contratado por três mil e seiscentos dólares para cantar três noites no Recreio. A iniciativa não foi a frente. Na sua coluna e em reportagem, Ibrahim Sued publica a lista dos 10 homens mais elegantes, enquanto o irrequeto senador Assis Chateaubriand torna-se imortal e faz um discurso aquecido pelo calor dos debates em torno do petróleo. Em Itaipava, o sr. e sra. Vitor Bouças inauguram casa nova e, no Rio, o sr. Murilo Gondim batiza um poste com seu automóvel que teve que ser desmontado.

Reconhece-se oficialmente a chegada do verão, com

o almoço que a sra. Célia Leite Garcia ofereceu a amigos paulistas, na tradicionalíssima Samambaia. O sr. e sra. André Matarazzo, recém-casados, seguem em lua de mel para os Estados Unidos. O Teatro do Copacabana, depois de totalmente destruído pelo fogo, é entregue ao público pelo sr. Otávio Guinle, que gastou perto de quatro milhões na reforma. O «vermelhinho» da sra. Lurdes Catão ficou famoso e, atrás da celebridade a qualquer custo, Vanja Orico cai água, durante o passeio que Silvana Pampanini fez a Paquetá. Um grupo de brasileiros (entre eles, nós) parte para o Uruguai, a convite do governo, para assistir a um Festival da Moda, em Punta del Este.

O casal Joaquim Monteiro, que seria o mais viajado do ano, dá início a mais uma volta pela Europa. Myrian Stevenson, rainha da beleza, encanta a todos pela sua simplicidade. Num casamento complicadíssimo pelo protocolo, casam-se a princesa Maria Pia e o príncipe Alexandre. Foi o casamento mais concorrido do ano. Em curiosa coincidência, chegam ao Rio, hospedando-se em casa do sr. e sra. Carlos Eduardo de Souza Campos, a Duquesa de Devonshire e o Príncipe Ali Khan. São duas personalidades a mais no cenário carioca, já repleto de visitantes ilustres. Ginger Rogers é homenageada com um jantar em casa do sr. e sra. Pepe Caraballo. Nessa noite, Ali Khan cria um caso com o fotógrafo deste colunista que ignorava seu pavor por fotografia. Quem também cria o seu caso, mas involuntariamente e de maneira



O temporal europeu não despenteou seu cabelo.

formidável cerimônia, o Conde D'Arcanges toma conta da srta. Eugênia Maria de Ouro Preto.

As marinhas de Pancetti tomam conta do Museu de Arte Moderna e o casal Murilo Gondim dá o primeiro jantar de casados. O «Sadler's Wells» merece os aplausos do público carioca pela sua brilhante atuação. Pela mesma razão, os Embaixadores Fornari, da Itália, são homenageados pelos seus amigos brasileiros, com um grande jantar a rigor. Na Europa, o sr. e sra. Joaquim Guilherme da Silveira enfrentam uma tempestade que, felizmente, acabou muito bem. Num dos mais concorridos casamentos, casam-se a srta. Glória Nader e o sr. Waldemar Schiller. A simpatia dos dois provoca uma enchente na Igreja.

A Igrejinha do Posto 6 provoca uma série de acontecimentos sociais que culminam com a apresentação de Frei José Mojica de Guadalupe no Municipal. O Lagoinha promove jantares e este colunista apoia o 1º Grande Concerto Brasileiro de Jazz, acontecimento social e musical de grande repercussão. Com satisfação vemos o semestre fechar-se numa noite de bom gosto e arte para a qual concorremos.



Ela tornou famoso o «vermelhinho».

simpática, é Elaine Stewart, que se vê obrigada a operar com urgência de apendicite.

Quando Jacques Bergerac perguntou se a macumba era para inglês ver, nós negamos. Mas, sabíamos o trabalho que havia dado arranjar uma galinha, cujo sangue desse um tom trágico e real ao acontecimento. Rodam pelo Rio o sr. e sra. Kaiser, magnata do automóvel que tem seu nome. Após uma série de homenagens, partem para o Vaticano o Embaixador e Senhora Décio Moura, enquanto chegam os marqueses de Longo e Vinchiatturo, ela mãe de Jacinto de Thormes. São Paulo dá a grande festa, com o «Baile de Gala de Outono» que convoca pessoas da sociedade carioca. O Rio ganha a «Casa Grande» do Barão Stuckart e são iniciadas as «jam sessions» em casa do sr. e sra. Arnaldo Brenha.

Sir Winston Churchill deixa a política e oferece um grande jantar à Rainha Elizabeth II e ao Duque de Edinburgo. Quem deixa também o Rio e, brevemente, abandonaria o palco da vida é Carmen Miranda, a embaixatriz do samba. O frio vai se tornando mais intenso no Rio, enquanto na Europa enchem-se as praias francesas e italianas. Provoca discussão a apresentação, pela Canadá de Luxe, das linhas A e I de Dior e Balenciaga. Os homens afirmam, alarmados, que a moda das «melindrosas» está de volta. Sir Anthony Eden toma conta dos destinos ingleses; o «Didi» das Carmelitas toma conta do nosso entusiasmo e, numa

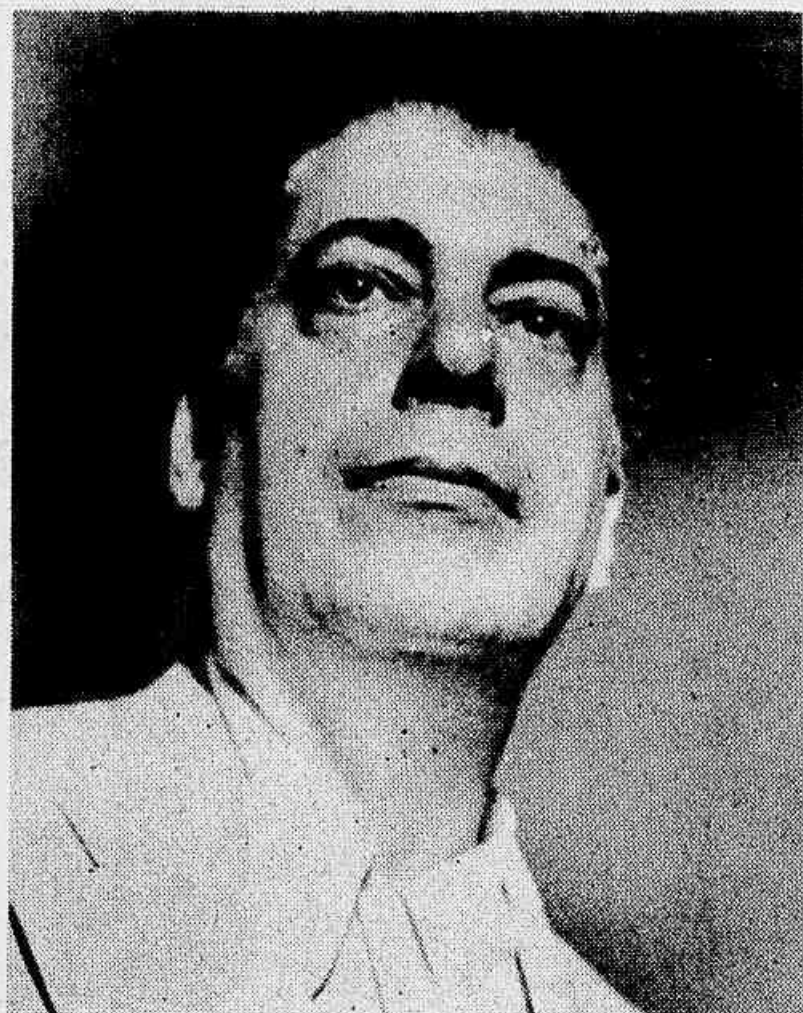


Visitou-nos e foi visitadíssima.



Ganhou o sobrinho e a direção dos destinos ingleses.

Cinquenta jornalistas elegeram



ALMIRANTE
Melhor Produtor



LUIS JATOBA
Melhor Narrador



IVON CURI
Melhor Cantor

OS MELHORES DO RÁDIO DE 55

VINTE, AO TODO, OS ELEITOS ★ OS QUE VOTARAM A DESCOBERTO E OS QUE PREFERIRAM FAZÊ-LO NO ANONIMATO ★ CABALAS, A BÔCA DA URNA, EM FAVOR DOS

CANDIDATOS QUE NÃO ERAM LEMBRADOS ★ DESTA VEZ A TUPI COLOCOU-SE ★ SEGUNDA VOTAÇÃO PARA ESCOLHER A MELHOR LOCUTORA QUE FOI MARIA HELENA

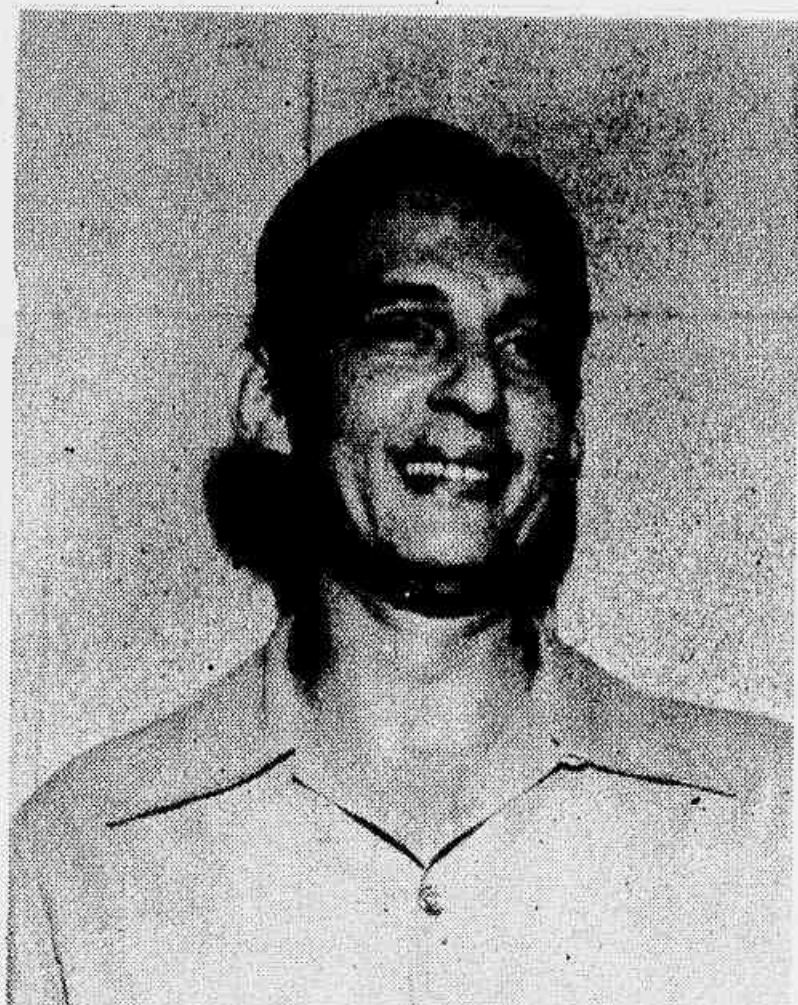
CINQUENTA jornalistas (ou melhor, quarenta e sete, porque três convidados para integrar a relação deixaram de comparecer por motivos justificados), elegeram em dezembro, os Melhores do Rádio de 1955. A iniciativa, a exemplar

do que tem sido feito nos anos anteriores, partiu do nosso confrade Anselmo Domingos, diretor da «Revista do Rádio», e à hora marcada, na sala do presidente da Associação Brasileira de Rádio, local escolhido pelos promotores do

certame, foi iniciada a eleição. Os membros do júri, à proporção que iam chegando, assinavam duas listas, a de presença e a de votação. Recebiam uma «cédula oficial» e depois de a preencherem eram convidados a depositá-la na



ATAULFO ALVES
Melhor Compositor



CÉSAR DE ALENCAR
Melhor Animador



VALDIR AMARAL
Melhor Locutor Esportivo

urna. No fim de quase duas horas, começavam os trabalhos de apuração. E, concluída a tarefa, conheciam-se os resultados, imediatamente irradiados pelas emissoras presentes e no dia seguinte amplamente divulgados pelos jornais e agências noticiosas. A eleição, como sempre, convenceu e agradou à maioria, mas as restrições foram feitas exclusivamente aos votantes. Nem poderia ser de outro modo. Se os «melhores» foram, realmente, esses ou outros, corre por conta dos confrades que votaram certo ou errado. Aliás, a votação poderia ser secreta ou não, dependendo do votante, o que veio facilitar aos que pretendiam votar «com a consciência» e não dando ouvidos à forte cabala que ali mesmo, na hora de pôr a cédula na urna, reinava, com insistentes pedidos em favor de um ou de outro. Houve, mesmo, grupos «dirigidos», de certas emissoras, para cabalar melhor. Isso, porém, só faz valorizar a importância do certame. E uma boa parte dos votantes assinou suas cédulas, desassombradamente. Medalhas de ouro foram oferecidas, como de praxe, aos **melhores**. De resto a iniciativa de Anselmo Domingos é das mais louváveis, porque, podendo o final do concurso realizar-se com um espetáculo em proveito de sua revista, prefere entregar a renda do espetáculo aos cofres da A.B.R., para conclusão do Hospital do Radialista.

Abaixo oferecemos a relação dos Melhores do Rádio de 1955:

Melhor cantor: Ivon Curi (37 votos) — Melhor cantora: **Ângela Maria** (27 votos) — Melhor locutor: Osvaldo Luís (33 votos) — Melhor locutora: Maria Helena (18 votos) — Melhor locutor esportivo: Valdir Amaral (25 votos) — Melhor comentarista esportivo: Benjamim Wright (27 votos) — Melhor narrador: Luís Jatobá (34 votos) — Melhor animador: César de Alencar (29 votos) — Melhor rádio-repórter: Dalvan Lima (17 votos) — Melhor rádio-ator: Domicio Costa (20 votos) — Melhor rádio-ator cômico: Matinhos (16 votos) — Melhor rádio-atriz: **Ísis de Oliveira** (18 votos) — Melhor rádio-atriz cômica: **Nanci Vanderlei** (21 votos) — Melhor novelista: **Mário Lago** (28 votos) — Melhor produtor: Almirante (25 votos) — Melhor produtor humorístico: Max Nunes (30 votos) — Melhor maestro: Radamés Gnattali (21 votos) — Melhor instrumentista: Sivuca (16 votos) — Melhor compositor: Ataulfo Alves (32 votos) — Melhor conjunto vocal: Tric Irakitan: (17 votos).



ÂNGELA MARIA — Melhor Cantora



MÁRIO LAGO
Melhor Novelista



ÍSIS DE OLIVEIRA
Melhor Rádio-Atriz



NANCI VANDERLEI
Melhor Rádio-Atriz Cômica



ADALGISA NÃO MAIS EDITARÁ

Uma das mais surpreendentes e contrastadoras notícias literárias do ano que passou, foi-nos propiciada por Adalgisa Nery. A conhecida poetisa de «Mulher Ausente», «Ar do Deserto», «As Fronteiras da Quarta Dimensão» e tantos outros livros de poemas, e colaboradora da «Revista», acaba de tomar uma decisão drástica: não mais há de editar livro algum. Inclusive o que estava há algum tempo sendo composto pelo editor José Olímpio, e de que já havia até provas, e que dentro de mais um ou dois meses estaria nas livrarias. O que terá motivado essa resolução, por todos os motivos lamentável? Um desencanto de Poesia não foi: Adalgisa já não saberia mais passar sem ela, que lhe propiciou os mais belos instantes da existência. Um gesto de egoísmo, o desejo de não mais distribuir pelos livros, que são empunhados por mãos estranhas, seus mais recônditos sentimentos, transformados em estrofes, também não deve ter sido. A que então, atribuir o fato? Confessamos ignorar. Contudo, não podemos deixar de aqui registrá-lo, formulando o desejo ao mesmo tempo, de que Adalgisa se arrependa de seu ato, e nos permita ainda uma vez o prazer e o privilégio de ler-lhe mais um livro recém-editado de poesias.

NACIONAIS

O FALECIMENTO do sr. Carlos Guinle Filho, ocorrido em Roma, repercutiu dolorosamente nos meios da sociedade carioca, da qual era um dos principais componentes. O extinto contava somente 37 anos.

Uma janela que abre sobre o corredor de outra casa vem causando sérias contrariedades a dois vizinhos, na rua Marechal Cantuária. Alega o primeiro vizinho que o segundo não tem o direito de abrir a janela em causa, de vez que se assim acontecesse toda a sua vida privada estaria sendo devassada; já o outro afirma que janela é para ser aberta, e que, destarte, pretende exercer seu direito de abri-la e fechá-la até quando bem entender. O caso já foi parar na Justiça.

Urbano, um velho faquir, que há mais de três meses entrou na urna de vidro do Cineac quase sem publicidade, acaba de bater o recorde

A SEMANA

mundial de jejum, em poder de Silki há pouco mais de cinco meses. Urbano, que passou cento e dez dias sem comer, está agora se recuperando num hospital, enquanto Silki, gozando do prêmio que lhe foi oferecido por uma companhia de aviação, encontra-se em Paris, até onde foi a fim de receber a faixa de Campeão Mundial de Jejum. Como é que vai ser agora?

O Ano Novo entrou ruidosamente, embora debaixo de uma chuva intensa e constante. Por isso, menos gente levou flores a lemanjá, se bem que os bailes de «Reveillon», nos vários clubes e nas «boites», nada perderam em frequência e em animação. Na Avenida Rio Branco, o Carnaval roncou alto, com escolas de samba e outros temperos.

O balanço final do ano de 1955, policialmente falando, apresenta um resultado trágico: no Rio de Janeiro, foi cometido um homicídio todos os dias, enquanto uma vítima encontrava igualmente a morte sob as rodas dos veículos.

A família imperial brasileira entrou em juízo com uma ação em que reivindica a propriedade do Palácio Guanabara. A pretensão dos Bragança, para muitos, é descabida, de vez que ao recusar Pedro II os cinco mil contos que a República lhe oferecia como compensação pela perda do trono, abria mão, tácitamente, o monarca deposto, de todos os seus direitos sobre os bens no Brasil acaso existentes àquela data.

O avião acabara de tocar o solo do Rio de Janeiro, procedente de Belém. Chovia abundantemente, e a pista estava escorregadia, motivo pelo qual o DC-3 resvalou pela pista agora e foi tombar no mar. Como não podia deixar de ser, a bordo da aeronave o pânico se estabeleceu. Porém, graças aos rápidos socorros, não houve vítimas a lamentar. Trinta pessoas iam, assim, encontrando a morte nos primeiros momentos de 1956.

O corredor inglês Kenneth Morris venceu a 31ª Corrida de São Silvestre, todos os anos efetuada, no dia 31 de dezembro, em São Paulo. Em segundo lugar chegou o iugoslavo Strigof Drago, e em terceiro o brasileiro Luiz Gonzaga Rodrigues.

INTERNACIONAIS

AS GÊMEAS DIONNE, hoje reduzidas a 4 apenas, andam estremecidas com a família. Desde que completaram 21 anos, e que se puderam governar sôzinhas, arripiaram carreira de casa, para onde telefonam de vez em quando, se lhes dá vontade. Pelo Natal, por exemplo, não enviaram sequer um telegrama de boas-festas aos «velhos». O pai das moças, falando sobre o caso aos jornalistas, disse que só pode atribuir o fato à influência de alguns «intrusos», de quem não declinou o nome. Parece porém que, pelo Ano Novo, as meninas compareceram em casa.

Na Semana do Natal, nos Estados Unidos, nada menos de 732 pessoas morreram em circunstâncias trágicas: 55 em incêndios, 103 em diversos acidentes, e 574 em desastres de automóvel. Nunca, dantes, fôra tão elevado o número de vítimas.

Noticia-se, de Londres, que as maiores frotas mercantes pertencem aos seguintes países, em ordem decrescente: Estados Unidos, Grã-Bretanha, Noruega, Libéria, Panamá, França e Itália. Em matéria de frota petroleira, a maior é a inglesa, seguindo-se as dos Estados Unidos, Noruega, Libéria e Panamá.

Também se organizou uma estatística de divórcio. Tomando-se por base cada dez mil casamentos, os Estados Unidos são apontados como o paraíso do divórcio, com 104 bodas desfeitas em 10.000; seguem-se Dinamarca (65), Suécia (50), Finlândia (45), Holanda (44), Suíça (42) e França (51).

Por falar em divórcio, nos Estados Unidos acaba de obter seu segundo divórcio a bailarina Tamara Edel Rees. É seu segundo divórcio, sim, porém, como mulher, é o primeiro. Explicamos logo: até 1954, Tamara se chamava Robert Egan Rees, e era pára-quedista, e já uma vez divorciado. Uma operação eletuada na Holanda revelou-lhe o verdadeiro sexo. Enfim, como segundo o poeta Van Jafa os pára-quedistas e as bailarinas possuem certas afinidades...

A SEMANINHA

— Nos estabelecimentos de ensino da América do Norte, dizem os jornais, vai ser adotada a língua portuguesa.

— Não vai ser fácil compreendê-la por lá! E não estranharemos se algum dia os americanos perguntarem aos mestres: — Por que «barbado» é a mesma coisa que «barbudo»... e «pelado» não significa «peludo»? (E o professor vai ficar pelos cabelos!)

— Inoculando vários coelhos por dia, cientistas brasileiros estudam a paralisia infantil e fazem importantes pesquisas.

— Mas se essas pesquisas demorarem meses, passaremos nós a estudar a melhor maneira de evitar comer gato por lebre.

«O bacalhau à portuguesa figura, pela primeira vez, nos restaurantes das Nações Unidas. No primeiro dia em que apareceu,

36 pessoas o saborearam. Mas os russos preferiram o salmão».

Bacalhau também tem SAL. Pode ser pescado à MÃO... Reparem: não é igual Perfeitamente a salmão? Os russos assim não viram (Portugal é prato mau!) Pois na ONU repeliram Batatas com bacalhau!

Santos Alves

EM REVISTA

Joe Louis, antigo campeão mundial de box, casou-se com a mais famosa dona de instituto de beleza para negras, dos Estados Unidos. Uma curiosidade sobre Joe: o velho boxeador possui uma das maiores coleções de discos de ópera dos Estados Unidos, possuindo todos, absolutamente todos, os discos gravados pelos tenores Caruso, Gigli e Schipa.

Katy Jurado e Sofia Loren prosseguem em sua campanha contra Lollobrigida. Agora, a primeira repetiu sua terrível acusação de que Gina é simplesmente uma invenção dos cirurgiões plásticos italianos. Segundo ela, o busto da famosa atriz não passaria de uma balela tão grande como o «submarino» há pouco encalhado na Bahia. E o nariz da linda italianinha, para Sofia, não passaria igualmente de um belo trabalho de cirurgia plástica. Lollo, porém, não presta atenção ao que ambas falam.

Por falar em Lollo, parece que as coisas não andam bem entre ela e o marido, o médico iugoslavo Mirko. Será que 1956 vai presenciar, como começam a dizer com insistência, os «gossipistas» internacionais, ao divórcio dos dois?

Na Holanda, o cientista Geert Baerends chegou à conclusão de que as gaivotas são animais ultra-estúpidos, após estudos minuciosos, que duraram vários meses. Geert mandou fazer alguns ovos de madeira, sendo que um descomunadamente grande, e os colocou próximo a um ninho de gaivotas. Essas imediatamente escolheram o ovo maior, pensando que se tratasse de um ovo legítimo. Basta um objeto ter uma leve semelhança com um ovo, para que as gaivotas imaginem logo que se trate de um dêles.

Há 29 anos, uma dama vestida de negro ia depositar flores, todos os aniversários da morte de Valentino, em seu túmulo. Esse ano porém Ditira Flame — esse é o seu nome — faltou ao ritual. Motivo: casou-se há alguns meses. E aos repórteres que lhe foram perguntar pela razão da ausência, explicou: «Não ficava bem que uma senhora casada traísse o marido com um morto».



Revue der Zeit (Czyk)

DIVÓRCIO PARA DOLORES

Dolores nasceu nos Estados Unidos, há trinta e poucos anos. Seu sobrenome era Sherwood, até que o conhecido homem de negócios brasileiro Jorge Guinle resolveu, mediante um casamento efetuado em 1943, emprestar-lhe o seu próprio. Dolores, agora Guinle, mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde permaneceu por doze anos. É verdade que todos os anos visitava os Estados Unidos e a Europa, comprava os últimos modelos franceses ou assistia, na Broadway, os lançamentos mais espetaculares do ano. Entrementes, nascia-lhes um filho, Jorginho Guinle, que passou a acompanhar os pais em suas constantes peregrinações ao Velho e ao Novo Mundo. Os cronistas sociais já haviam reparado na elegância de Dolores, tanto, que em vários anos consecutivos fez parte das «Dez Mais» elegantes do Brasil. O que, porém não haviam eles ainda percebido, ou, se acaso o tinham, o que jamais disseram pelos jornais, é que Dolores já não era a mesma de tempos atrás. Como no poema de Augusto Frederico Schmidt,

seus olhos viviam escondendo desejos de fuga.

Com efeito, o amor de Dolores por Jorge



Guinle morria aos poucos. Agora, chega-nos de Nova Iorque a lamentável notícia: Dolores, naquela cidade, pleiteará, pelas leis americanas, segundo as quais se casou, o divórcio de seu marido brasileiro. E ainda deseja ficar com o filho do casal.

DE SETE EM SETE

QUATORZE jovens brasileiros, maiores, vacinados e quase desiludidos, garantem que isso de Papai Noel não é fita não. A fita era «Rio 40», proibida pelo coronel Menezes Côrtes e liberada no dia de São Silvestre. Os quatorze jovens são produtores que andavam a pão e laranja. Naquela noite (chuvosa), fizeram uma bruta farra e gastaram por conta. Que a fita promete dar. — Menos bem sucedidos os 123 fiéis mortos no desmoronamento de um templo em Tóquio, que ruuiu sob a pressão de trinta mil peregrinos ao assistirem aos ofícios comemorativos do fim do ano. E fim de vida também. — Em São Paulo, o nosso amigo Ibrahim Sued teve interrompido o seu programa «bem» na televisão, porque fez referências nada lisonjeiras (ao que ele diz), à maneira de vestir do governador Jânio Quadros. Que disse ter as costas largas para esses e outros ataques. Ibrahim defende-se alegando que prefere perder 50 mil cruzeiros mensais, quanto lhe pagavam pelo programa, a submeter-se às injunções dos patrocinadores. As versões variam de Rio para São Paulo e vice-versa. Mas 50 mil perdidos, mesmo nestes dias inflacionados, é mau negócio. — Pelas dúvidas, o sr. Juscelino Kubitschek adiou a sua viagem aos EE.UU. e à Europa, mas também pelas dúvidas, o embaixador Antônio de Faria já se encontra em Lisboa para aguardar o presidente eleito. — E os «baetas» festejaram um século, mesmo debaixo d'água: Com vistosa passeata e baile à moda antiga, de quando os Tenentes do Diabo começavam a fazer diabruras. No remoto 1856. — Os compositores modernos exultaram com a permissão do Vaticano: a igreja católica admitirá em seus ritos sagrados, música moderna. Bem entendido, esse moderna, aí, tem seus limites, doutor Ari Barroso! — A Tijuca recebeu festas, com um bonito cinema, o Skye, e um teatro que rivaliza com os melhores do centro, o Tijuca, ambos no mesmo edifício. — E os mosquitos, senhores! Escrevemos, neste instante, com detestáveis vestígios nos braços dos ataques recebidos lá em casa dos «culex». Ah, bons tempos do mata-mosquito, da bandeirinha malela na porta da rua! — Não adianta declarar guerra ao mosquito. Seria melhor acabar com as sujeiras da cidade, senhores. O lixeiro está recolhendo as sobras dos virtuosos lares cariocas, duas vezes por semana. A fermentação é batatal. As árvores não são podadas, as águas das chuvas de São Silvestre ficaram lodosas nas sarjetas. Que culpa têm os mosquitos, amigos da Saúde Pública? — Iemanjá foi cultuada na noite de 31, com as tradicionais cenas de fanatismo pagão e o repertório carnavalesco está de amargar. Nenhuma bomba em perspectiva. — Agravou-se o estado de mademoiselle Mistinguett, o Flamengo mostrou-se disposto a passar o Vasco para trás (será?) e o Rei Momo fez regime. Apareceu fazendo concorrência ao faquir Urbano. — Lá fora, continua a chover.

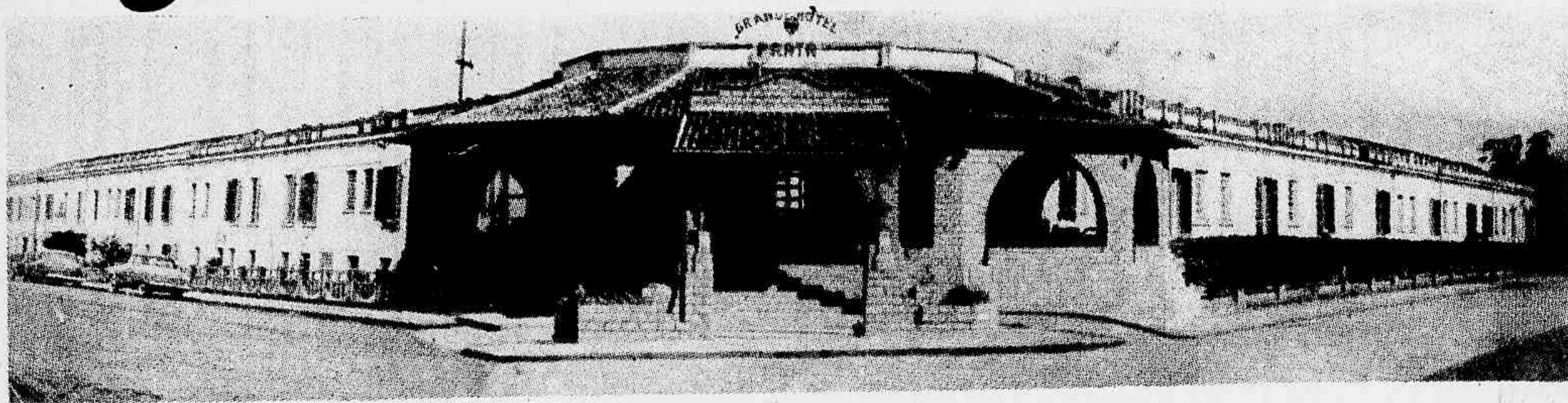
Um italiano recebeu da mulher o bilhete azul. Contratou então um aeroplano — dêses que fazem propaganda pelos céus — e de lá de cima entulhou a cidade de Ferrara com a seguinte declaração: «Amigos: Saudando-vos deste avião, venho dizer-vos que, embora minha mulher tenha fugido de casa, estou feliz e me divirto muitíssimo».

Os guardas de Chicago foram proibidos, pelo seu chefe, de usarem calções curtos, durante o terrível verão que reina na cidade. Motivo da

proibição, segundo o rigoroso chefe: «Nunca vi tantas pernas tortas».

Um marido mandou pintar, nos Estados Unidos, um quadro em que se viam a mulher e a sogra afogando-se num canal. Todas as vezes, em que por ele passava, soltava risinhos de prazer, ao mesmo tempo em que endereçava às duas «vítimas» olhares ultra significativos. Agora, sua mulher acaba de obter divórcio, sob alegação de crueldade mental.

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE
NESTA MARAVILHOSA ESTANCIA**

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

Diária para solteiro desde Cr\$ 190,00
Diária para casal desde... Cr\$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel,
telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata, Estado de São Paulo.

ÁGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.



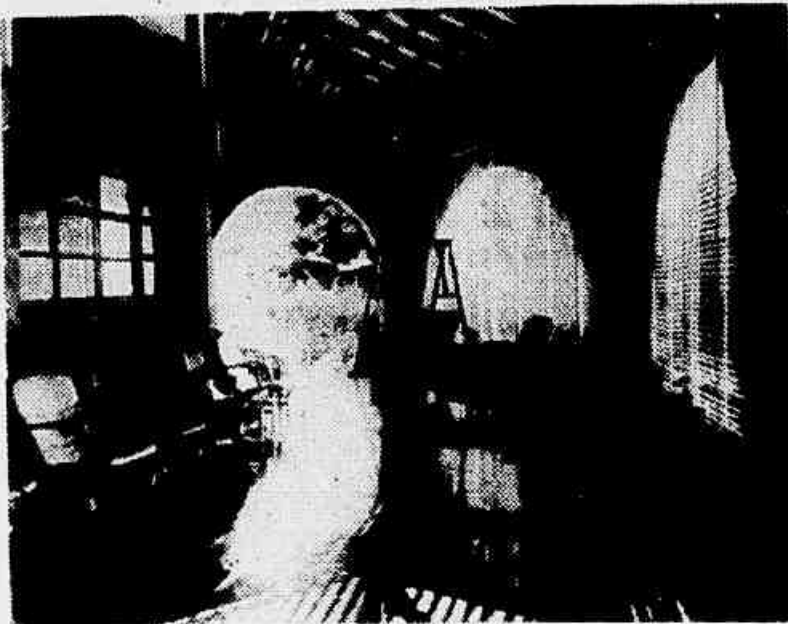
A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



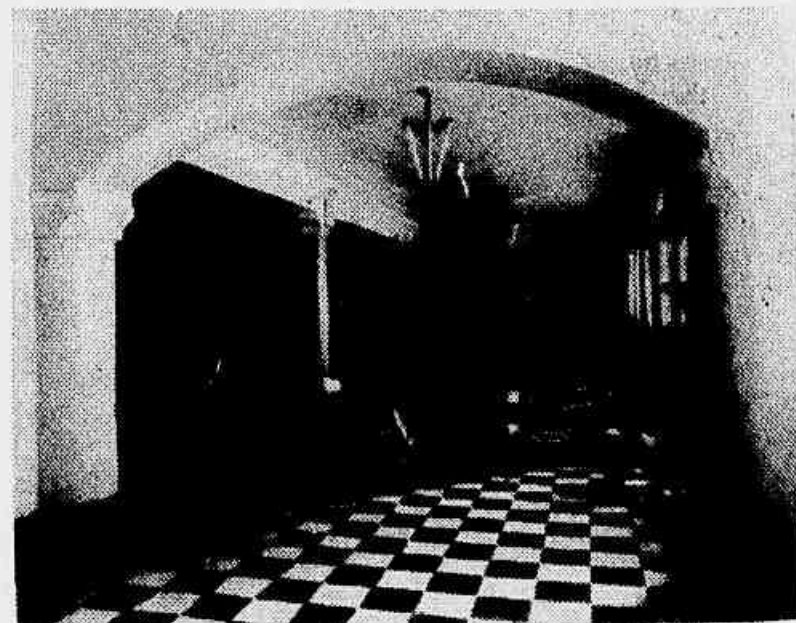
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

AS DUAS VISITAS DA INQUISIÇÃO

EDUARDO TOURINHO

A PÓS transações tenebrosas, pôde D. João III — em 1536 — introduzir a Inquisição em seus domínios. Suspensa logo depois, em 1547 firmou-se definitivamente.

Nomeado por Xisto V, em 1586, Inquisidor Geral do Reino e Domínios Portugueses, Alberto d'Austria — sob o reinado de Felipe II — faz com que a Inquisição visite a Bahia e Pernambuco. Para tanto, em 26 de março de 1591 foi nomeado o licenciado Heitor Furtado de Mendonça — que pertencia ao Desembargo do Paço e era deputado do Santo Ofício — para inspecionar o bispado de Cabo Verde, o de São Tomé e o do Brasil. Em companhia do sétimo governador D. Francisco de Souza chegou ele a Cidade do Salvador a 9 de julho desse ano. Enfermo, recolheu-se ao Colégio dos Jesuítas. «E a primeira saída que fez, ainda mal convalescido, foi para assistir ao primeiro ato-da fé em que ele visitador publicava na sé suas patentes e concedia o tempo da graça». Isso registou frei Vicente do Salvador, que nos transmitiu a primeira notícia do acontecimento.

Após complexo cerimonial foram, depois, afixados às portas da Sé Catedral os Editos e o Monitório do Visitador Apostólico. A 2 de setembro de 1593, na nau «São Miguel» seguiu Heitor Furtado de Mendonça para Recife.

★

No Monitório estavam capitulados diferentes pecados: os de heresia, apostasia, erros luteranos, práticas judaicas, a tatuagem, a **Santidade** dos silvícolas, o **nefando pecado** da carne.

No judaísmo estavam os que «com roupas atavios e jóias de festa», guardavam os sábados sem nada fazer. Os que degolavam aves e caças «atravessando-lhe a garganta». Os que não comiam toucinho, lebre, coelho, polvo, arraia ou pescado sem escama. Os que em agosto celebravam o **Yom Kippur** e, em setembro, praticavam o jejum maior. Os que rezavam contra a parede e os que botavam «um grão de aljofar ou dinheiro dourado ou prata» em boca de defunto ou — ao morrer gente em casa — esvaziavam cântaros e potes.

Graves erros eram: a **Santidade** dos índios; seguir a **seita de Maíamede**; não crer nos dogmas; emitir opiniões heréticas; admitir a salvação de mouros e judeus; invocar o diabo e **andar com bruxas à noite**; ser bigamo; ler livros condenados; induzir cristãos velhos e cristãos novos a voltar à religião mosaica ou ao Alcorão.



FELIPE II

Por denúncia ou confissão, os que incorriam em tais delitos podiam ser submetidos a castigos que variavam entre a excomunhão, o «potro», a «polé», o calabouço. O extremo da fogueira era reservado a casos extremos. Um único testemunho levava o acusado à morte, ao confisco de bens e à infâmia até a segunda geração. Variados tormentos eram reservados a heresiarcas e cismáticos, a fim de que fôssem extintas essas «venenosas plantas da vinha do Senhor». Mesmo depois de cumprida a pena, subsistia a infamação do réu na sua pessoa e descendência. A autoridade do Inquisidor sobrepunha-se às leis existentes.

Só em 1774 foi o regimento do Tribunal do Santo Ofício reformado pelo marquês de Pombal. Só em 1821 foi a Inquisição abolida em Portugal e Domínios.

★

No Brasil, na sociedade colonial em formação dentro de um semi-feudalismo escravocrata e latifundiário, o maior número de delitos derivava do judaísmo e do **nefando pecado**. Contavam-se depois, os atentados contra a Fé, a feitiçaria, a **Santidade**, os pactos com Satan, a leitura de livros proibidos. Entre as cento e vinte confissões conhecidas no «Tempo da Graça» da primeira Visitação a Bahia, quarenta se originaram das forças noturnas do sexo. Por bigamos, confessaram-se Baltazar Martins Florença, da Ilha da

Madeira; Antônio de Barros, que nascera em Benevente; Catarina Morena, de Nave-del-Moras, perto de Toledo. Pela prática do judaísmo, muitas foram as confissões. Maria Lopes e Domingos Rebelo, porque matavam galinhas «atravessando-lhe a garganta». Lianor Moniz, por jogar fora a água dos cântaros quando tinha defunto em casa. A estalajadeira Clara Fernandes, por vestir camisa lavada aos sábados. João Serrão — que fôra Almotacé na Cidade do Salvador — por se inculcar cristão velho «ao casar em família nobre, limpa e abastada». De heresias, penitenciaram-se o alfaiate Fernão Gomes. Alvaro Sanches e o mercador Pedro Teixeira. De luterismo, o tabelião Antônio Guedes e os franceses Nicolau Luis e Pero Vila Nova, moradores em **Cerigype do Conde**. Da prática da Santidade — a **boa nova** trazida pelos pagés aos indígenas — viu-se apontada Margarida da Costa, esposa de Fernão Cabral de Tayde, rico homem da Capitania, que era dono de Engenho em Jaguaripe. Do pecado da tatuagem, acusaram-se João Gonçalves e Afonso Capara. Da leitura da **DIANA**, de Jorge de Montemayor, penitenciou-se Domingos Gomes Pimentel, de Passé. De haver «encantado os bichos de certo gado cujo dono lhe não lembrava», confessou-se João Rodrigues Palha, pai de frei Vicente do Salvador. Penitências teve Apolônia Bustamante, cigana de Évora, por dizer pelos caminhos: — «Dou-me aos diabos, os diabos me levem já»...

★

Famosas eram as feitiçarias Isabel Rodrigues a «Bôca Torta»; Antônio Fernandes, que era a «Nóbrega» e Maria Gonçalves, de alcunha «Arde-lhe o rabo». A «Bôca Torta» — para resolver casos de amor — fornecia pós miríficos e usava frases cabalísticas onde enumerava as **estrelas e os diabos**. A «Nóbrega» tinha um vidro em que havia uma coisa que falava e respondia ao que se queria saber e que em certos dias gostava de comer cebola e vinagre. A de maior fama, porém, era Maria Gonçalves, a «Arde-lhe o rabo». A Catarina Fróis — esposa de um escrivão da Bahia — dera feitiços para que o genro Gaspar Martins não tornasse da guerra em Sergipe e para que outro genro — Antônio Dias — fizesse tudo que quisesse sua mulher.

A segunda Visitação do Santo Ofício ao Brasil foi em 1618. Inquisidor foi D. Marcos Teixeira, depois elevado à dignidade de bispo e que — como soldado — lutou defendendo a Bahia dos holandeses em 1624.

CAMPINAS

120
VIAGENS
POR DIA
DAS
5,05
ATÉ
23,50 HS.

cada 10 minutos

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

R. Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones 32-8733 e 34-5393

CAMPINAS

Pça. Flor. Peixoto, 292 (Lgo. da Est.) - Fone 5848

Rua Dr. Campos Sales, 758 - Fone 3169



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO LIDA

AZASO - EB-3

Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Escreveu «Götterdämmerung»:
 - Wagner?
 - Bruch?
 - Dvorak?
- 2—Viveu muitos anos em Toledo:
 - Zurbaran?
 - Goya?
 - El Greco?
- 3—Está internado num manicômio desde a guerra:
 - T. S. Eliot?
 - Ezra Pound?
 - Archibald MacLeish?
- 4—Começou como cantor de sinagoga:
 - Jan Peerce?
 - Jan Kiepura?
 - Jan de Reszke?
- 5—Morreu tragado por um vulcão:
 - Menendez y Pelayo?
 - Garcia Moreno?
 - Antônio Machado?
- 6—Escreveu artigos para jornais, assinando-os «Fígaro»:
 - Sarmiento?
 - Mariano José de Lara?
 - Garcilaso de la Vega?
- 7—Ulisses é símbolo da:
 - Coragem?
 - Astúcia?
 - Violência?
- 8—«Daria minha mão esquerda só para ver Vermeer de Delft» — frase de:
 - Picasso?
 - Blaise Cendrars?
 - Salvador Dali?
- 9—A trindade sagrada indiana chama-se:
 - Hadj?
 - Trimurti?
 - Mischna?
- 10—«Lord que eu fui de Escócias de outras vidas...» — verso de:
 - Fernando Pessoa?
 - José Régio?
 - Mário de Sá-Carneiro?
- 11—Escreveu uma «Descrição de todos os Países Baixos»:
 - Comines?
 - Guicciardini?
 - Sueiro?
- 12—Nasceu em 1260 em Hochein; foi um grande místico:
 - Tauler?
 - Eckhardt?
 - Ruusbroec?
- 13—Foi adquirido à Rússia pelos Estados Unidos:
 - Utah?
 - Alaska?
 - Oregon?
- 14—A música polifônica teve sua origem na:
 - Itália?
 - Grécia?
 - Bélgica?
- 15—Quem foi Vucetich:
 - Inventor do fonógrafo?
 - Da datiloscopia?
 - Um geógrafo?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Wagner; 2 — El Greco; 3 — Ezra Pound; 4 — Jan Peerce; 5 — Garcia Moreno; 6 — Mariano José de Lara; 7 — Astúcia; 8 — Salvador Dali; 9 — Trimurti; 10 — Mário de Sá-Carneiro; 11 — Guicciardini; 12 — Eckhardt; 13 — Alaska; 14 — Bélgica; 15 — Inventor da datiloscopia.



Pernambuco de Oliveira, no seu «Modas e Decorações», realiza sempre um desfile de modelos



«Encontro com Ary» é uma das boas atrações, pela oportunidade de ouvir e conversar com Ary.



Sivuca, que executa com perfeição vários instrumentos, agrada sempre nos seus programas.

A TV E O NATAL

Quase todos os programas das nossas emissoras de TV foram modificados, para que nêles se incluísse algo alusivo ao Natal. A TV-Tupi organizou mesmo uma programação especial durante toda a semana que antecedeu ao Natal. As peças teatrais e contos alusivos à data (e que vinham sendo apresentados) continuaram e os produtores procuraram introduzir nas suas audições alguns temas de acordo com a ocasião.

Foi sem dúvida interessante essa idéia, embora trabalhosa. Em compensação, os telespectadores tiveram oportunidade de conhecer novas lendas e muitos aspectos originais relativos à maneira de comemorar o nascimento de Cristo. Entre os vários programas apresentados, destacaremos alguns dos que nos pareceram mais originais.

«Tele-testes», uma das boas atrações da TV-Tupi, na sua audição de quarta-feira, levou aos espectadores algumas curiosidades deveras interessantes sobre lendas, usos e costumes de diversos países, por ocasião do Natal.

Já Arnaldo Nogueira, em «Senhora Opinião», preferiu levar ao seu programa, alguns elementos femininos de destaque dos nossos meios artísticos, literários e políticos e, desse modo, Lígia Lessa Bastos, Alvaro Armando e outras mulheres inteligentes, transmitiram aos ouvintes suas mensagens de Boas Festas, depois de, em rápidas palavras, haverem comentado e dado o seu parecer sobre as principais ocorrências do ano de 1955. As opiniões nem sempre foram as mesmas, mas o programa correu de maneira viva e interessante, sem maiores contratempos.

Helena Sangirardi reuniu, em «Cartazes luminosos», os «melhores da TV» em 1955. Lídia Matos, Heloísa Helena, Gontijo Teodoro e muitos outros vencedores, de maneira simples e agradável, dirigiram-se aos telespectadores desejando-lhes felicidades e contando-lhes o que mais desejavam receber de Papai Noel. Pena é que Helena, com a pressa de apresentar a todos dentro do curto tempo de duração de seu programa, nem sempre permitiu que os colegas dissessem tudo o que desejavam.

Constituiu um dos pontos altos na programação de Natal a exibição da orquestra dos Caçadores Reais que brindou o público com magníficas execuções. Deve-se destacar a perfeita filmagem, que permitiu fossem observados com nitidez os vários elementos do grupo.

No dia 25 não houve transmissão de futebol e o horário foi preenchido na TV-Tupi com a apresentação de uma filmagem da ópera «Tosca», feita no Metropolitan Opera House. A filmagem é das melhores e o som bastante bom. Os apreciadores de música tiveram desse modo ótimo entretenimento durante algumas horas. Essas exibições deviam ser feitas com maior frequência, sempre que houvesse oportunidade e, desse modo, seria tomado o tempo sem a apresentação dos clássicos «filmes variados», já demasiadamente repetidos. Por que não mesmo incluir essas apresentações em caráter permanente, dentro da programação normal? Temos certeza de que os espectadores aplaudiriam a iniciativa.

Interessantíssima foi também a transmissão feita diretamente da Glória, durante a Missa do Galo ali rezada na noite de 24. Tecnicamente a filmagem foi perfeita e, muitas pessoas impossibilitadas, por esse ou aquele motivo, de assistir à missa nas igrejas, puderam acompanhá-la em seus mínimos detalhes, sem sair de casa. Mais um dos muitos milagres que só a televisão pode realizar.

O «Tele-Semana» também foi apresentado no domingo 25 de maneira completamente diferente do comum. Iniciado o programa com uma saudação de D. Helder Câmara, artistas, diretores, técnicos, porteiros, enfim, um representante de cada um dos diversos departamentos que compõem a TV-Tupi, dirigiu a sua singela saudação ao público. A idéia de, ao lado dos artistas que sempre se exibem ante as câmaras, mostrar também os diversos auxiliares da TV, foi bastante original e simpática. Alguns poemas de Natal foram apresentados com caracterização dos personagens que os representavam bastante boas; pena é que por vezes não se conseguisse entender o que diziam, por estarem os microfones demasiado afastados ou mal regulados.

Estão de parabéns as nossas emissoras pelo sucesso das suas transmissões natalinas, principalmente a TV-Tupi que se destacou por seus grandes esforços em dar ao público bom entretenimento durante a semana de festas. Iniciativas como essa devem ser repetidas com frequência, pois, se bem que trabalhosas e com os poucos recursos de que dispõem as nossas emissoras constituam por vezes tarefas de grande sacrifício, são recompensadas com o aplauso do público que é para quem afinal os programas são elaborados.



Grupo tirado durante uma das audições do «Clube do Guri», dedicada aos festejos natalinos.

VOLTA AO CLASSICISMO:

O QUE É O TEATRO DE ARENA

**UMA INOVAÇÃO QUE DATA DE... VINTE E CINCO SÉCULOS! — DO
TEATRO DE ARENA GREGO, AO PAULISTA, DE JOSÉ RENATO —
ONDE SE ASSISTE AO VERDADEIRO TEATRO, COM BASE NO BOM-
GOSTO E NA INTELIGÊNCIA — UMA INICIATIVA SINGULAR.**

Texto de DIRCEU

TODOS os caminhos conduzem ao ponto de partida. Assim é que, o teatro universal, tanto progrediu, que se tornou um centro de artifícios, artimanhas, cenários, música, cortinas, e um mínimo de talento e esforço artístico para representar, e para manter a atenção pública bastante concentrada, viu-se num dilema, retroagir no tempo, para garantir-se como retrato fiel do original que exhiba, e como teatro na acepção ampla da palavra, no sentido de levar à platéia as verdadeiras emoções do texto, como o autor o concebeu. E, assim, 25 séculos depois, vê o

mundo o ressurgimento do teatro grego clássico, fomentado por Péricles, no século V. A.C.: o Teatro de Arena. No Brasil, ele aparece como uma verdadeira inovação.

O TEATRINHO DE ARENA DO HOTEL GLÓRIA

O Teatro de Arena tem feito sua volta desde meados do século passado, principalmente na Rússia, onde vários artistas resolveram adotá-lo, tanto pelas maravilhosas perspectivas que oferece, como pela economia que representa, e o pouco espaço de que necessita. Vários outros

NA ASSISTÊNCIA que aplaude o Teatro de Arena, encontram-se jornalistas, políticos, escritores e artistas, como se pode verificar das fotos. «Non se sa comme», uma das últimas peças escritas por Luigi Pirandello, foi escolhida por José Renato para figurar na breve temporada do elenco paulista, no Rio.





ATORES E PÚBLICO ficam lado a lado, em contacto direto, íntimo, durante as representações do Teatro de Arena. Vejam só essa cena, em que aparecem Bárbara Fazio, Flormy Pinheiro e Jorge Fischer Jr.

O TEATRO DE ARENA é circular, e o público fica acomodado em 3 lances de arquibancadas, que cercam o palco. Próximo assim, vive com os artistas o drama que na peça se desenvolve. Sofrem, riem, angustiam-se ou se rejubilam, de acôrdo com os lances da peça. Uma experiência emocionante.



TEATRO DE ARENA

países da Europa foram também adotando a idéia, que transmigrou para as Américas, acontecendo aqui nas terras do Novo Mundo, na cidade do México pela primeira vez. Dali seguiu para os Estados Unidos, levado por um professor de universidade, difundindo-se enormemente na terra de Tio Sam, onde foi encontrado, o jovem diretor e ator José Renato.

José Renato entusiasmou-se tanto pelo Teatro de Arena que, depois de alguns meses de ensaios, organizou definitivamente uma companhia profissional e construiu um teatro permanente, em São Paulo, fazendo assim, a terra quattrocetona, a pioneira desta modalidade de arte no Brasil. Depois d'ele, outros grupos surgiram em São Paulo, e ali estão trabalhando continuamente.

Foi o mesmo José Renato quem lançou igualmente no Rio, a semente do teatrinho circular, numa temporada promovida pelo S.N.T., há vários meses, na «Cidade Maravilhosa». A semente frutificou, e eis que surgiu inesperadamente uma sala para espetáculos de tal jaez, no Rio: o Teatrinho de Arena do Hotel Glória, situado no primeiro andar do referido estabelecimento hoteleiro da cidade, com capacidade para 120 pessoas, e ar refrigerado, além de aparelhamento elétrico. E para inaugurá-lo, em sua primeira temporada, nada melhor que convidar José Renato e seu grupo. E ele veio!

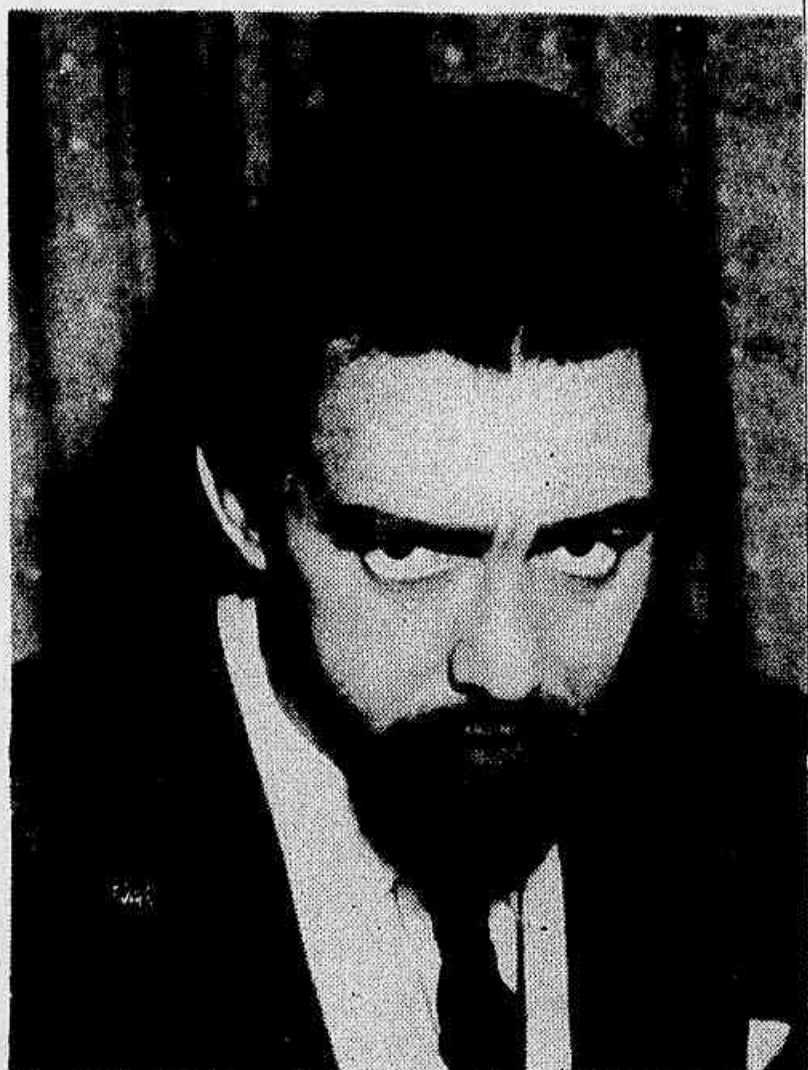
NÃO SE SABE COMO

«Não se sabe como» (Non se sá comme), peça de Pirandello, foi o original que estreou o Teatro de Arena carioca. «Não se sabe como», é a penúltima peça escrita pelo mestre italiano, não estando entre as suas seis melhores produções literárias, mas ainda assim, situa-se entre as grandes peças teatrais, e de grande facilidade para sua apresentação em Arena. É uma peça de intrincado enredo psicológico, em que o autor joga com toda a sua argúcia e argumentação, tendendo a mostrar, dentro de intensa densidade humana, o humor mordaz que existe por trás das coisas pré-estabelecidas e convencionais.

E no centro do picadeiro, uma espécie de ilha cênica cercada por três lances de arquibancadas circulares, cobertas por poltronas de matéria plástica coloridas, onde o espectador quase entra em contacto com os intérpretes, e às vezes reage como se estivesse vivendo juntamente com os artistas os vai-e-vens daquela irreal realidade, cinco pessoas vibram um drama que não é seu, mas que em realidade é como se o fôsse: Bárbara Fazio, Floramary Pinheiro, Fábio Cardoso, Jorge Fischer e José Renato.

E, não se sabe como, eles interpretam primorosamente a obra de Pirandello, arrancam o aplauso da platéia de elite que aprecia as verdadeiras obras artísticas, fazem da crítica escrava de sua interpretação — e os elogios merecidos vertem fáceis, porque quando se tem em

JORGE FISCHER JÚNIOR, no papel de Romeo Daddi, e Bárbara Fazio, que faz a senhora Daddi, num dos momentos culminantes de «Não se sabe como», de Luigi Pirandello. Em baixo, ainda Bárbara Fazio, juntamente com Floramary Pinheiro. O público acompanha a ação, com interesse.



JORGE FISCHER JÚNIOR
Foi a grande revelação carioca de 1955.
Um Romeo Daddi excelente.



FÁBIO CARDOSO
Faz o «Jorge» na interessante peça pirandelliana. Sóbrio e correto.



JOSÉ RENATO
É a verdadeira alma do Teatro de Arena de São Paulo, seu coração.

verdade o que achar bom, o verbo corre com fluidez!

ONTEM, HOJE E AMANHÃ

A Companhia Teatro de Arena, de São Paulo, além da peça com que inaugurou o teatrinho, já levou vários originais, com o mesmo êxito: «O prazer da honestidade»; «Assim é se lhe parece»; «Escrevendo sobre mulheres», do diretor-ator José Renato; «A margem da vida», de Tennessee Williams; «Uma mulher e três palhaços» (Voulez-vous jouer avec moi), de Marcel Achard; «Esta noite é nossa», de Stafford Dikens; e outros.

Falar da interpretação do grupo, na peça de Pirandello, não pôde ser o intuito dessa nossa reportagem, que é mais em torno de uma difusão maior do Teatro de Arena, e em louvor ao grupo pioneiro de São Paulo. Por isso mesmo,

ressaltamos aqui outros valores que têm contribuído para o referido teatro: John Herbert, Ítalo Rossi, Eva Wilma, o Teatro Paulista do Estudante, e outros.

Como atores são todos muito bons valores, possuindo cursos de interpretação e arte dramática de conservatórios e escolas de S. Paulo.

Dos que estiveram no Rio, pelo que apresentaram no novo teatro na Capital da República, deve-se destacar o grande trabalho de Jorge Fischer Júnior, a maior revelação teatral no Rio, em 1955. Excepcional esse jovem que é, talvez, a maior promessa do teatro brasileiro. Segue-se a atriz Bárbara Fazio, de máscara, interpretação e dicção, a tóda prova. Depois vem Fábio Cardoso, num papel difícil, bem como Bárbara Fazio, numa figura de grande significação, mas de certo modo, sem caracterização suficiente para descobri-la completamente.



BÁRBARA FAZIO
Da nova geração, valor promissor e lindo.
Faz a senhora Daddi.



FLORMY PINHEIRO
Um dos melhores valores do Teatro de Arena de São Paulo.

José Renato é um ator de possibilidades, mas não completou o elenco em «Não se sabe como», e talvez não seja a pessoa indicada para completá-lo em outra qualquer peça. É o dono do assunto, o pioneiro do Teatro de Arena no Brasil, e um diretor de méritos. Vale destacar sua atuação frente à companhia, e o valor de sua direção: ele obtém a coesão das atitudes e da linha oratória, dando harmonia à continuidade e segurança à seqüência. Dotado de grande inteligência e intuição teatral, revela-se o primeiro mestre do Teatro de Arena do Brasil e da América do Sul.

Esperamos que a semente lançada no Rio frutifique, e que, no resto do Brasil, o nosso entusiasmo pelo mesmo seja contagiante, e nosso apelo obtenha eco: cultivemos o Teatro de Arena, o único que é bonito, verdadeiro, e de base!

Em março, esse conjunto voltará ao Rio, para o mesmo local.

1. **TEATRO. O LINDO E PROMISSOR DO**
Teatro Grego, costumeiramente chamado de
dadas helênicas em um grande teatro, no
qual conduta os atores e os músicos
que figuram nos papéis das peças
escritas. Em cada cidade da Grécia, a
organização espetacular, em forma de
bela, em conexão com a povoação, de
grandes teatro, foram construídos
aproveitando as encostas das montanhas.
O espetáculo pelo teatro se fazia, e
seu teatro se dispunha das montanhas
povo. Construíam-se teatro magníficos
naquele, cujas ruínas em ruínas ainda podem
ser vistas na Grécia, na Itália, por exem-
plo. Com a queda das montanhas, a tradi-
ção do Teatro de Arena passou a ser
pública. Por isso se espera que seja
um jovem espetáculo público, mas não
de teatro não público, mas de teatro
que não permita dividir quanto ao ju-
dício futuro que entre nós certamente se
espera.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



MÚSICA

BOLIVAR COSTA

GOTTSCHALK

E A CRÍTICA



TOMADO de amores pelo Brasil, após uma primeira visita, o famoso pianista norte-americano Luiz Moreau Gottschalk, realizou no ano de 1869 uma temporada musical sem qualquer paralelo em nossa vida artística, promovendo várias dezenas de concertos e recitais que se estenderam por um período de nada menos de cinco meses consecutivos. Os críticos, os cronistas, e mesmo os poetas da época não poupavam suas referências elogiosas, e o próprio Gottschalk, empolgado com o entusiasmo por ele provocado, comprazia-se em satisfazer tôdas as exigências do seu «amado» público carioca. E tal sucesso não se prolongou por mais tempo devido à morte do idolatrado pianista, ocorrida na madrugada de 18 de dezembro de 1869, após breve e violenta enfermidade.

Para comprovar o prestígio de que desfrutava Gottschalk em nossos meios artísticos, basta citar algumas referências oferecidas pela imprensa do Rio de Janeiro de então; é assim que em exaltado artigo o cronista musical de «A Vida Fluminense» (N. 105, de 25 de dezembro de 1869), começa dêsse modo: «Há oito dias, depois de terrível enfermidade, exalou o último suspiro, o mais inspirado pianista do século XIX. Gottschalk nasceu para a música, para ela viveu e por ela morreu, exausto, sem ter mais forças para obedecer à vertiginosa atividade de sua imaginação».

Em outro periódico (América do Sul, de 24 de dezembro de 1869) noticia-se com destaque que «a celebridade musical, o pianista fenômeno de concepção e harmonias elevadoras do espírito, faleceu a 18 do corrente, em terras da América».

Mas tôda essa apoteose não era mais que um reflexo, certamente exasperado, do imenso êxito obtido por Gottschalk tanto nos Estados Unidos como na velha Europa. E a prova disso é que, ao anunciar-se a sua morte, a imprensa mundial, com raras exceções, formou um verdadeiro côro de lamentações.

Entretanto, alguns anos depois, os mesmos críticos que o haviam elevado às alturas, como que subitamente desbertos de um torpor apologético, insurgem-se contra o seu ídolo de outrora. E logo descobrem a sua principal e insanável falha na superficialidade da seleção de seus programas. Gottschalk transforma-se, então, para eles, num simplório e ágil intérprete de músicas operísticas adaptadas para piano.

Ora, se é verdade que o célebre «virtuoso» americano não cultivava em seus recitais Bach, Beethoven e Chopin, não será por isso que alguém tenha razão ao acusá-lo de artista epidérmico e vazio. Sabe-se, através de contemporâneos seus, que executava admiravelmente os «Prelúdios e Fugas» de Bach, as «Sonatas» de Beethoven e grande parte da obra de Chopin, assim como de muitos outros compositores. O fato de havê-los proscrito dos seus recitais públicos representava uma imposição implícita dos ambientes que freqüentava, em geral extremamente pobres em acontecimentos musicais que falassem uma linguagem mais elevada que a da ópera. Porém, esse mal era tipicamente europeu e não americano como se poderia pensar.

Durante os últimos decênios do século passado, tudo o que não fôsse malabarismo vocal aliado à languidez melodramática, era relegado ao segundo plano como arte menor. Aqui na América, por exemplo, a temporada lírica representava o acontecimento artístico do ano; enquanto que a chegada de um pianista proporcionava ao público uma simples oportunidade para relembrar as árias mais conhecidas, sua exposição à maneira de fantasia, rapsódia ou variação. Assim, justifica-se perfeitamente a capitulação pessoal de Gottschalk aos modos de expressão que se achavam em voga na época. E para um artista que não chegava a ser genial, tal fato era inevitável, fatal.

NOTICIÁRIO

O Orfeão Francisco Manuel realizou no dia 23 do corrente, às 21 horas, no salão nobre da A.B.L., uma audição de Natal sob a regência de Abelardo Magalhães.

No programa estavam incluídas obras de Schubert, Tchaikowski, Mignone, Jaime Ovalle, Silvio Salema. Como parte principal foi apresentado um quadro de Natal, escrito especialmente para o conjunto pelo escritor Roberto Manuel. Participaram do entrecio dramático o autor, o regente e o ator Ramiro Magalhães. Na parte musical foram executadas, além de melodias tradicionais, como «Noite Feliz», «Primeiro Natal», «Adeste Fidelis» e a canção «Cantam os Anjos nas Alturas», com solo de Alberto Magalhães, intérprete a quem a compositora dedicou a obra.

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS,
Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.:
42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio
Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro
Ltda. — Queiram enviar-me por Vale
Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 176.495.975,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8966

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGENCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGENCIA TIJUCA:
Praça Saenz Peña, 9 — AGENCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz
Gonzaga, 173 — AGENCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 —
AGENCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGENCIA CO-
PACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGENCIA
MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGENCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

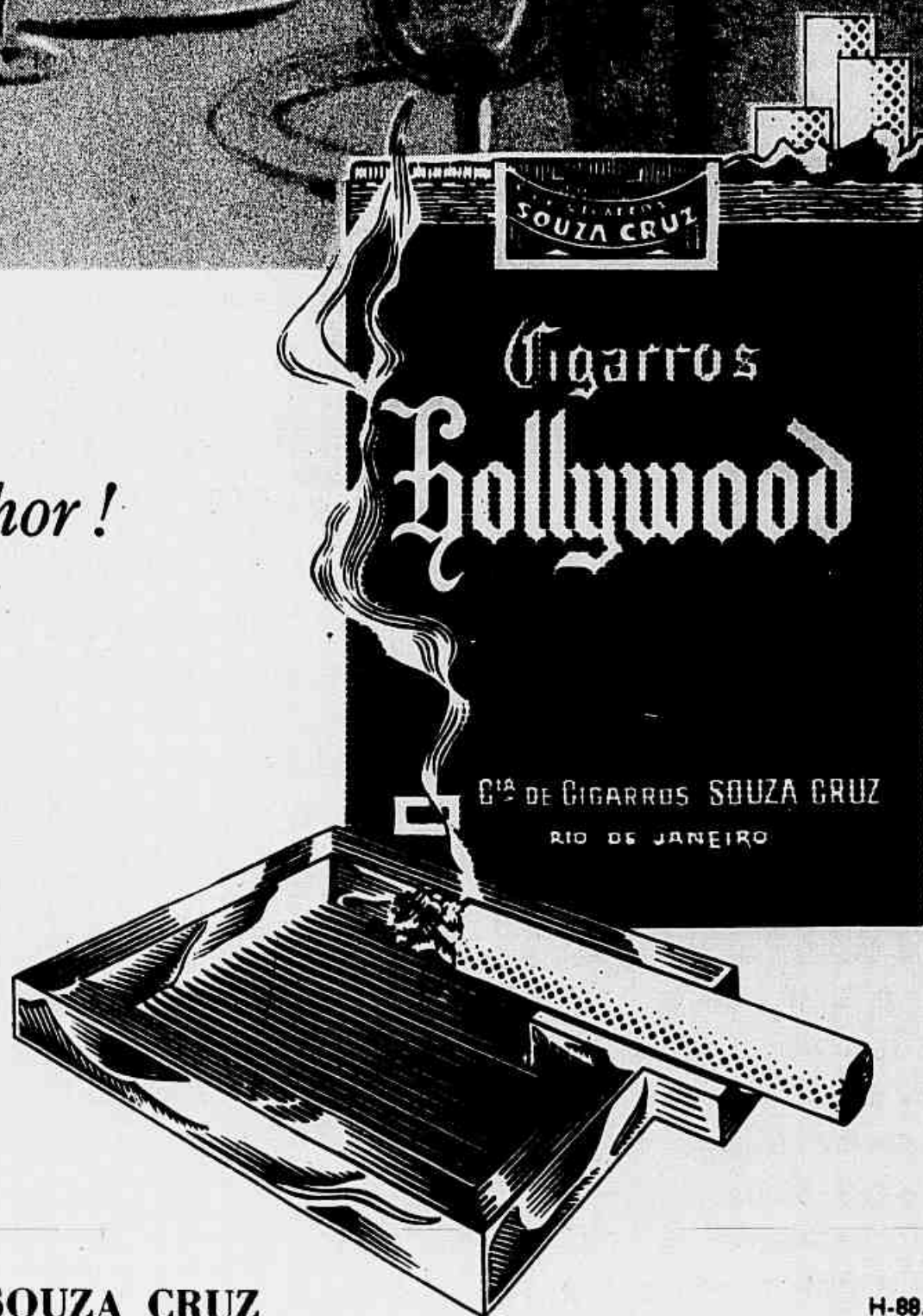


*Eu também mudei...
Hollywood é realmente melhor!*

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ



H-88.286

REVISTA DA SEMANA — 25

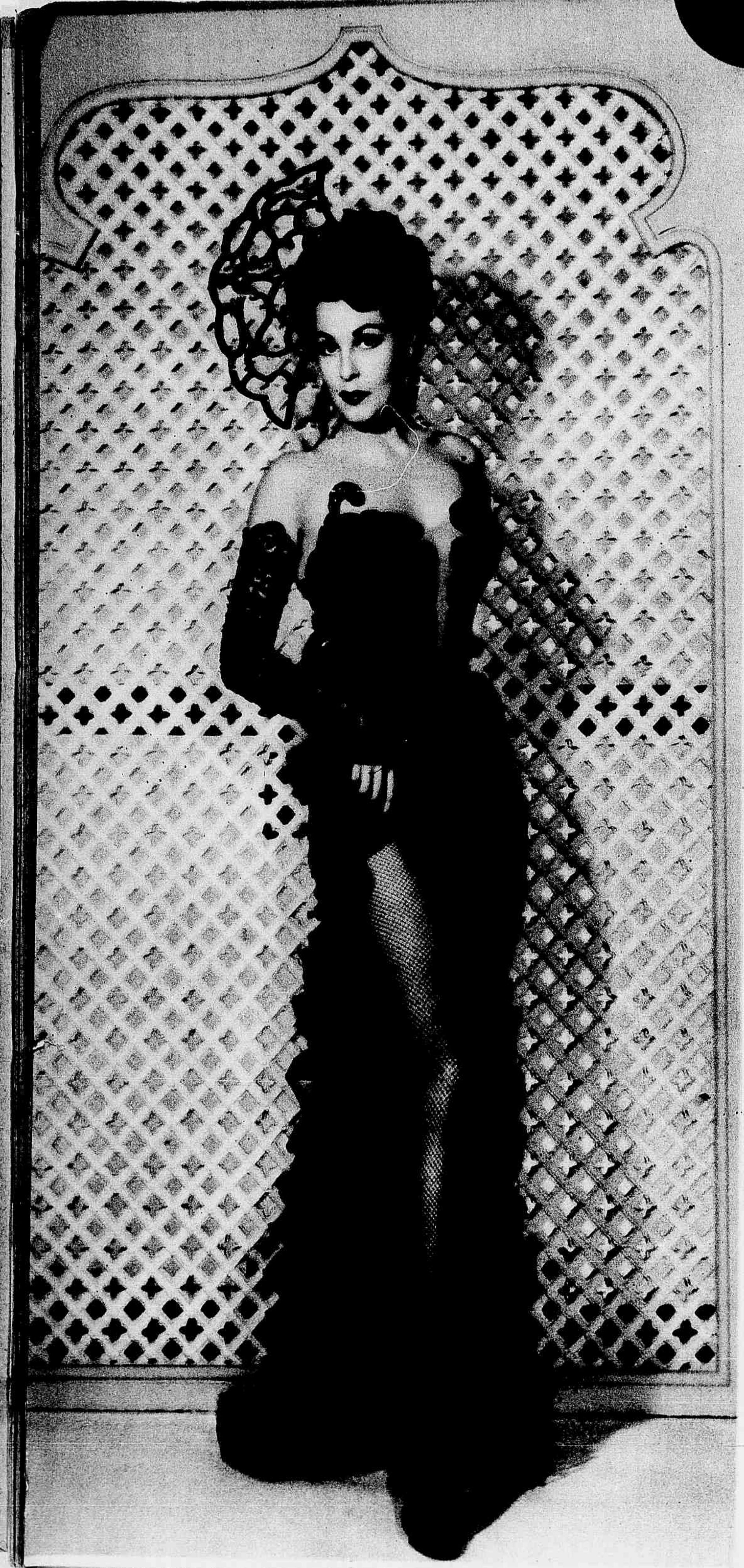
PARA O

Carnaval



● O CARNAVAL carioca, justamente afamado pelo mundo inteiro, vem de ano para ano atraindo a atenção dos astros e estrêlas de Hollywood, os quais em número cada vez maior têm vindo até o Rio unicamente para conhecê-lo e dêle participar. Essas estrelinhas, que aqui vemos, são Rosemary Clooney, Joan Collins e Taina Elg, que tudo dariam, temos certeza, para participar também da grande festa popular do Rio. Enfim, já que não pode ser, que ao menos sejam aproveitadas pelas nossas leitoras as sugestões carnavalescas por elas apresentadas. E, como podem facilmente averiguar, a palavra de ordem para o escaldante carnaval do ano de 1956 é **POUCA ROUPA!** (Fotos Paramount, Universal e Metro).



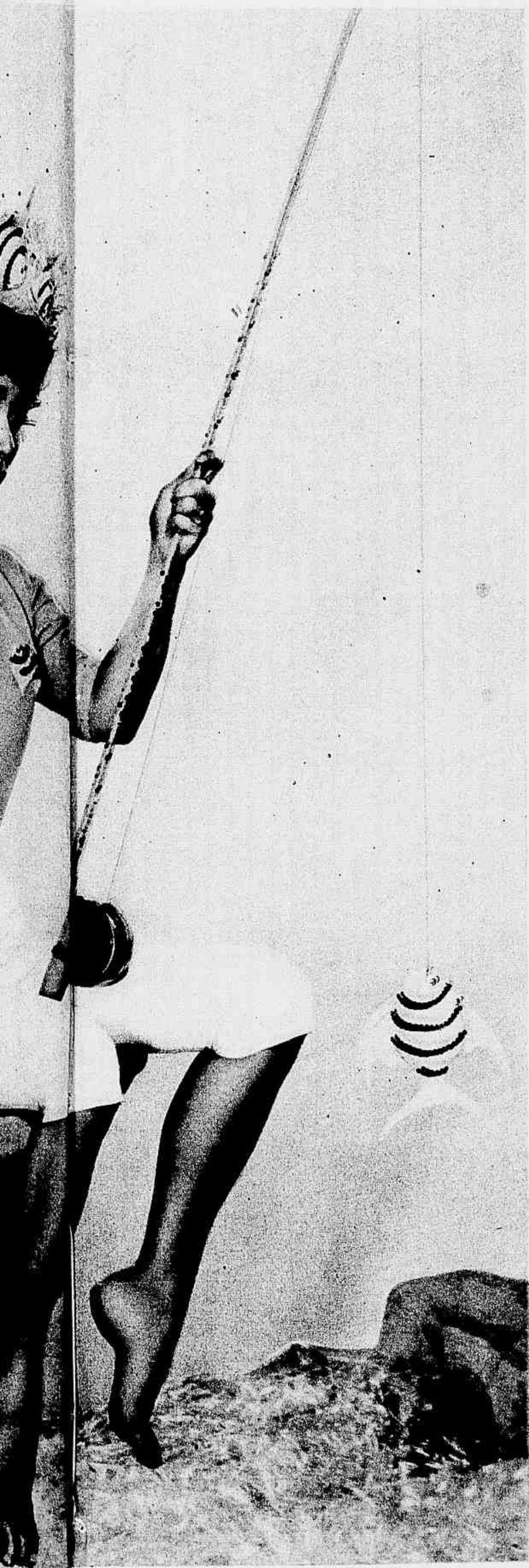


TRÊS BONITAS



COM UMA espanhola como Arlene Dahl, que
Miúra? E quem não se sentiria sumamente feli
rosto como Debbie Reynolds? De Ava Gardn
francamente, as palavras nos faltam completam

MITAS SUGESTÕES



...ne Dahl quem não enfrentaria o mais selvagem
...namente feliz em ser fígado por um palminho de
Ava Gardner já não diremos nada. Mesmo porque,
...m completamente... (Fotos Metro Goldwyn-Mayer).





CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

WEEK-END NA COZINHA

Uma ótima sobremesa para o verão é esta GELATINA DE ABACATE (dentro em pouco os abacates estarão por aí pois sua época se aproxima).

1 — Tome dois pacotinhos de gelatina sem sabor (ou 12 folhas) e derreta em 4 xícaras de suco de laranja quente. Misture até ficar bem dissolvida.

2 — Junte: 2 xícaras de abacate amassado (é melhor passar pelo liquidificador, ou por uma peneira); 1/2 xícara de suco de limão; 1/2 xícara de açúcar; uma xícara de laranja cortada em pedacinhos.

3 — Ponha a mistura numa forma e deixe gelar bem.

4 — Para desenformar, mergulhe a forma antes em água morna, deixando por 2 minutos; a gelatina sairá perfeitamente, sem quebrar.

5 — Enfeite com gomos de laranja e folhas de menta. Sirva com creme «chantilly».

★ PREPARE VOCE MESMA

Uma ótima loção oleosa para sua pele. Misture, em partes iguais: azeite de oliveira de boa qualidade; óleo de ricino, óleo de parafina e óleo de amêndoas.

Use-a como creme líquido.

★ DESCANSE A PELE

A pele precisa descansar de tanto em tanto para não se tornar envelhecida prematuramente. Aproveite as férias para isso, usando apenas uma leve camada de creme protetor. Para os banhos de sol ou de mar, proteja-a com óleo de amêndoas doces.

★ PASTA DE AMENDOAS

Também pode ser preparada por você. Tome 250 gramas de amêndoas descascadas, mergulhe-as em água fervendo por alguns minutos, para tirar a pele com mais facilidade. Soque-as com um pouco de água quente. Quando tiver obtido uma pasta uniforme junte 10 gramas de amido. Amasse mais, e acrescente um pouquinho de lanolina. Torne a amassar, misturando tudo bem, e, finalmente, ponha umas gotas de seu perfume preferido, ou essência de lavanda. A pasta de amêndoas é um maravilhoso creme de limpeza para a pele do rosto e das mãos.

NOTINHAS ÚTEIS

O vinagre é um preparado excelente para muita tarefa caseira, e não somente na cozinha.

Para a limpeza dos vidros, espelhos e molduras: Basta pôr um pouco de vinagre num paninho; esfregar, deixar secar, e dê polimento com lã ou camurça.

As pinturas a óleo podem ser limpas com vinagre diluído em um pouco d'água filtrada. O vinagre não prejudica a pintura.

Janelas e peitoris também são limpos com água e vinagre. Tornam-se como novos, quer sejam pintados com tinta a óleo ou laqueados.

Os móveis estofados de veludo tão difíceis de se limpar, terão muito melhor aspecto se se lhes passar um pouco de vinagre diluído

em água e bater com uma escova própria para isso.

Se não quer que o cheiro do que está cozinhando se espalhe pela casa, tampe a panela com um guardanapo dobrado, embebido em vinagre.

Quando lavar tecidos em cores, passe-os numa água avinagrada, depois de bem enxaguados. Conservarão as cores sempre vivas.

As meias de nylon devem ser enxaguadas em água com vinagre para que o fio fique mais resistente.

E, uma sugestão para o calor: ponha algumas colheres de vinagre na água da banheira antes de tomar o seu banho. Refresca a pele, e elimina todo cheiro de transpiração, além de ser um ótimo desinfetante.

★ ANTES DE PARTIR...

Antes de partir para as férias faça uma última inspeção na casa que vai ficar fechada. Cuide que divans, poltronas e abajurs, estejam cobertos com folhas de plástico impermeável, ou, na falta dessas, com folhas de jornal; que os livros fiquem bem arrumados nas estantes, e sem poeira; que os sapatos não fiquem a descoberto com risco de racharem, principalmente os de verniz, devem ser unidos com óleo de ricino, depois de bem limpos, e embrulhados num pano.

★ QUEM FICA NA CIDADE...

Deve abusar das frutas nas refeições. Assim purificará o organismo e se beneficiará das vitaminas que contém. Frutas ao natural, em salada, em sucos, de qualquer maneira, são o melhor alimento para essa época.

Muitas frutas valem mais que frascos de remédios, vitaminas e sais minerais, pois contém tudo isso de forma mais assimilável pelo organismo.

Aqueles que sofrem do fígado, encontram nas frutas um precioso aliado para a normalização do órgão doente. Os obesos e os que sofrem de distúrbios digestivos tiram delas igual proveito.

Mais ainda, pelo seu poder alcalinizante, as frutas cítricas (inclusive o limão) constituem um neutralizante dos ácidos do organismo, mantendo a juventude.

Também para os reumáticos, gotosos e artríticos a fruta é um ótimo remédio.

Sirva muita fruta em sua mesa, principalmente no verão. A verba de que dispõe no seu orçamento doméstico para doces, sobremesas e guloseimas, gaste-a comprando frutas (melância, melão, abacaxi, laranja, banana, figos, uvas, são encontrados com profusão, atualmente, nos caminhões e nas feiras).

SÔBRE PÉROLAS...

③ Pergunte a um grupo de mulheres se gostam das pérolas e todas, sem exceção, hão de responder: «Gostamos, porque as pérolas constituem ornamento discreto e delicado». As mais refinadas, porém, acrescentarão «ou pérolas verdadeiras, ou nada!»...

Porém, as outras, que constituem a maioria, se acham muito satisfeitas com as pérolas artificiais que, hoje em dia, satisfazem perfeitamente. A verdade é que um colar de pérolas dá uma sensação de conforto cálido; suas contas parecem viver sobre a pele, que clareiam com seus reflexos. Acentuam a curva do pescoço, embelezam as orelhas, tornam mais espirituais as mãos femininas.

Não é de hoje essa preferência pelas pérolas. Já Cleópatra possuía uma coleção famosa de fios de pérolas com que adornava o colo, os braços e os cabelos.

Conta-se, mesmo, uma curiosa anedota:

A famosa rainha egípcia apostou uma vez com Antônio (o não menos famoso general romano) que era capaz de gastar num só banquete dez milhões de sestércios (soma fabulosa), para mostrar seu pouco apêgo ao dinheiro. Apanhou do seu cofre uma pérola que valia cinco milhões de sestércios, dissolveu-a num copo com vinagre e bebeu-o. Ia fazer o mesmo com a segunda, quando disso foi impedida por um de seus amigos:

— Já vencestes, rainha. Esse segundo gesto vale já os cinco milhões restantes.

Assim foi salva uma pérola que depois serviu de adorno a Vênus, no Panteon de Roma.

De que, porém, são formadas as pérolas que se desmancham com tanta facilidade no vinagre, e que os antigos chamavam de «gôta de orvalho endurecida»?

Sua origem não é nada poética. As ostras perliíferas abrem suas conchas, deixam entrar corpúsculos que vagam pelo mar e lá dentro reveste-os de uma secreção iridescente, uma espécie de baba. Pouco a pouco, ao corpúsculo vai aderindo essa

secreção e ele se transforma numa pérola, à proporção que as camadas se formam.

Por que as pérolas verdadeiras custam uma fortuna? Um dos motivos é que a pesca das pérolas é perigosa, cansativa, e nela perdem-se muitas vidas humanas.

No Ceilão, onde se encontram as mais belas e maiores, os pescadores mergulham rada os pés para po-

rada os pés para poderem atingir grandes profundidades. Chegados ao fundo, enchem uma rede com as ostras que encontram, cortam a corda que lhes prendem os pés e voltam à tona. Em cada mergulho, porém, vai-se um pouco de saúde. Voltam, muitas vezes, perdendo sangue pelo nariz e pelos ouvidos, e acabam sofrendo do coração. Isso quando não são vítimas dos perigosos peixes-espada, tubarões, ou das garras dos polvos gigantes.

Por isso tudo, e pelo valor fabuloso das pérolas verdadeiras, os homens cultivam as ostras perliíferas em águas não tão profundas, e obrigam-nas a «fazer» pérolas. Abrem as conchas, introduzem a força os corpúsculos, e o pobre molusco é assim intimado a secretar a baba e formar a pérola. Obtém-se, por esse processo, as «pérolas cultivadas» orientais.

As outras, as falsas, são pequeninos globos de vidro com pequeníssimos grãos iridescentes dentro, tirados das escamas de certos peixes por processos industriais.

Constituem estas, boas pérolas artificiais, não descascam. Há outras, apenas revestidas de uma tinta opalescente por fora.

Está assim explicado o mistério das pérolas.

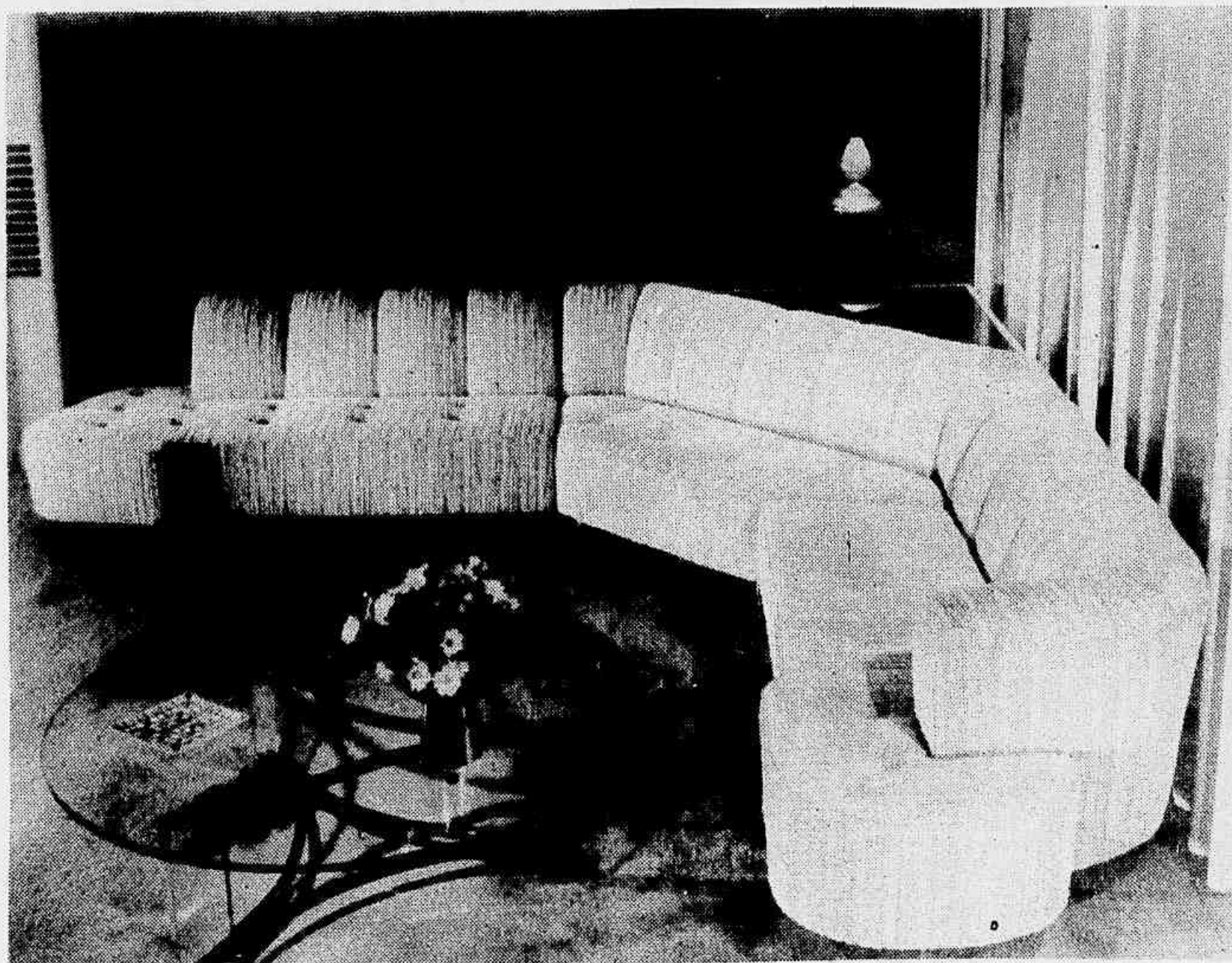


SUGESTÃO PARA O LAR

① Basta um conjunto deste para o ângulo da sala destinado à conversa. É formado por três unidades em espuma de borracha, estofadas em granité muito grosso, amarelo canário, contrastando com a pintura das paredes verde musgo. Originalíssima a mesinha de centro em vidro plástico, inquebrável.

② Cortinas e tapete em cinza, não muito claro.

A idéia traz a assinatura de Valley Upholst, mas podemos acrescentar um aparelho de televisão em frente, no ângulo da sala, que não aparece na ilustração, para ficar perfeita!





NAO É NENHUM filósofo indiano em férias, nem qualquer cantor de óperas russo, mas simplesmente o cômico Danny Kaye, tal como aparecerá em seu recente filme, rodado em Hollywood.



RETORNANDO a N. York, após longa permanência na Europa, principalmente Itália, Linda Christian se exhibe para os fotógrafos que a esperavam. A ex-espôsa de Tironne está em forma.



UM CIRCO de cães está se exibindo em Londres com sucesso. E como o frio, na capital londrina, não é de brincadeiras, aqui vemos dois «atores», e seus empresários, todo encasacados.

POR ESSE MUNDO DE DEUS



ESSE PONEY, lânguidamente recostado sobre um luxuoso sofá, chama-se Lucky. E' de propriedade de dois garotinhos ingleses, que o encontraram perdido numa estrada, apenas recém-nascido. As crianças o tratam como se trata a um cachorrinho, e assim é que Lucky já se convenceu de que seu lugar é dentro de casa, e não numa cocheira.



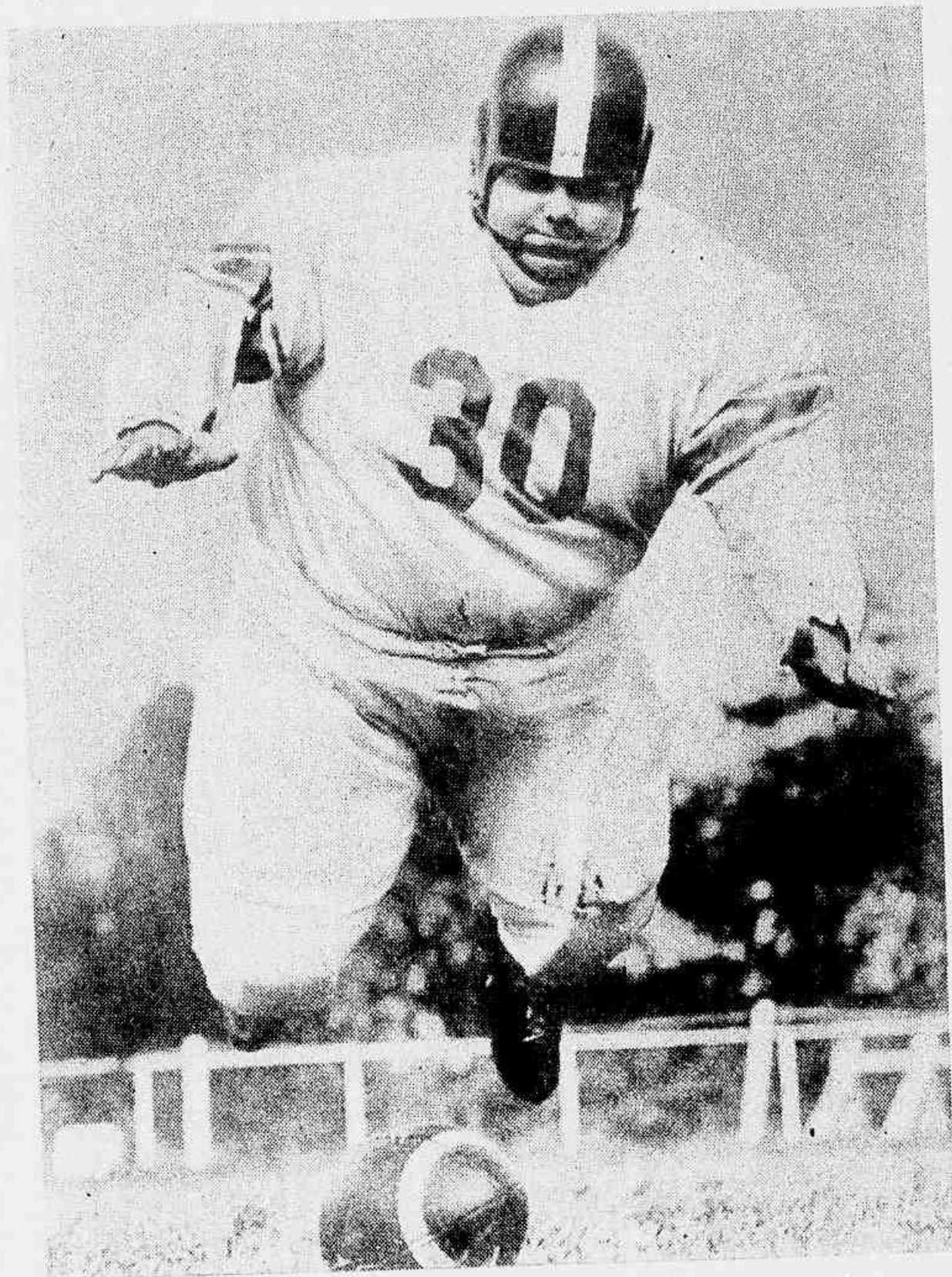
O DOUTOR Denman Shaw, do Centro Médico Einstein, de Filadélfia, vem de inventar um aparelho eletrônico capaz de emprestar a visão aos cegos. Os centros da visão, situados no cérebro, são impulsionados eletricamente mediante o pequenino engenho. Por enquanto, as experiências ainda estão no começo. Para o futuro serão uma realidade.



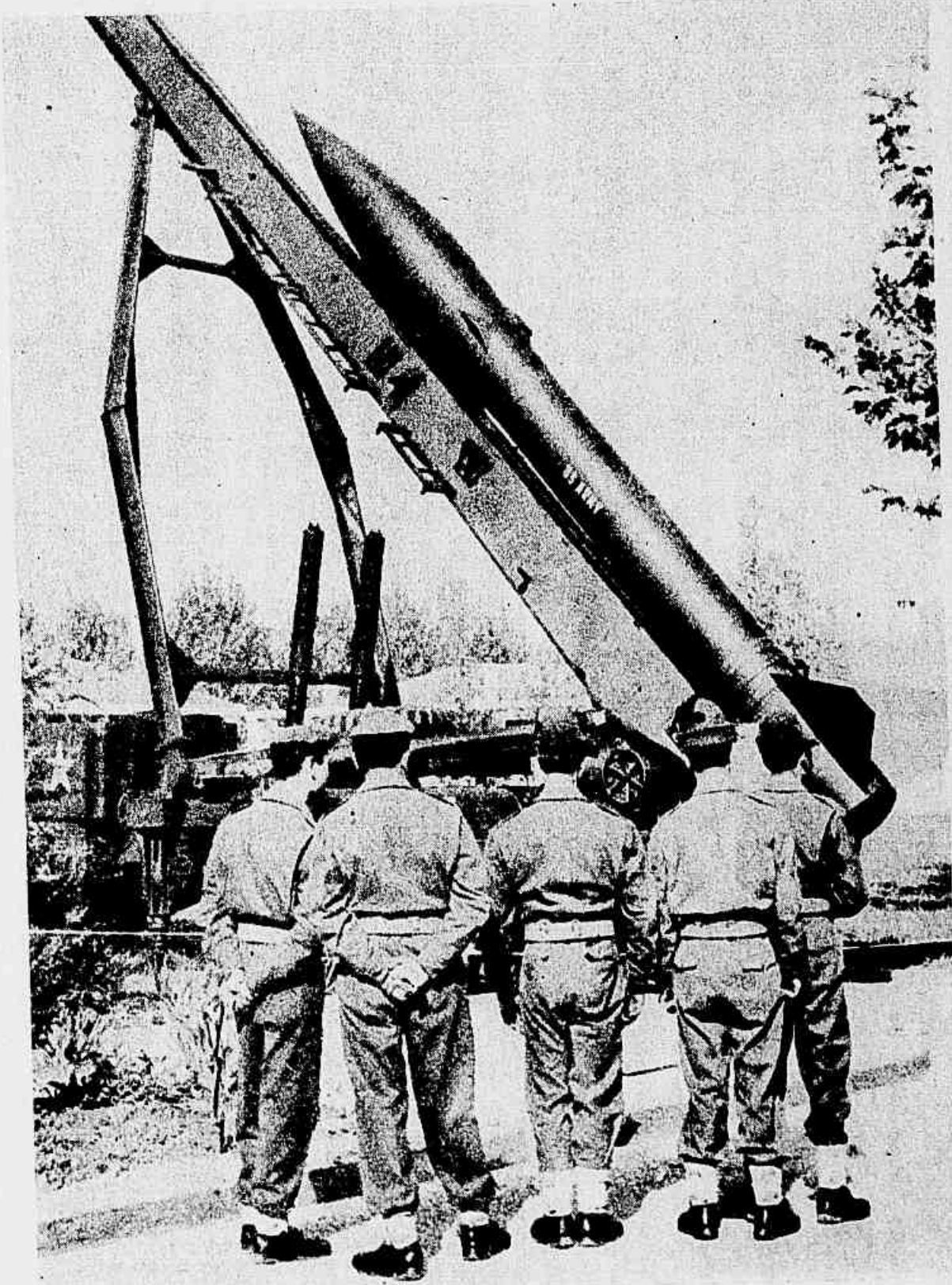
GIANNA MARIA CANALE, uma das mais jovens e elegantes atrizes italianas, aqui aparece demonstrando suas excelentes qualidades atléticas, ao saltar, durante as filmagens de «Mulheres Sós», e com o auxílio de um companheiro, um obstáculo, num prado de corridas em pleno campo romano. E isso mesmo, de costume, chapéu e tudo o mais.



MARIO LANZA, ultra-discutido tenor americano, popularizado através do cinema, é-nos apresentado ao lado do célebre soprano Renata Tebaldi, durante uma visita que essa cantora italiana efetuou aos diversos estúdios de Hollywood. Mario Lanza acaba de fazer um filme «Serenade» em que dá vazas, mais uma vez, à sua pujança vocal.



O MAIS GORDO jogador de rugby do mundo é seguramente Herb Dietrich, com seus 125 mal distribuídos quilinhos. Herb estuda na Universidade de Illinois, e a despeito das banhas, é dotado de certa agilidade, coisa tão estranha num indivíduo com suas características físicas. Essa bola aí, por exemplo, não resta dúvida de que está no papo.



UM DOS ÚLTIMOS FOGUETES dirigidos pelo rádio do Exército dos Estados Unidos é o «Honest John», que alguns soldados italianos estão examinando, próximo à fronteira da Áustria com a Itália. Os foguetes foram trazidos pelas tropas norte-americanas que ultimamente abandonaram a Áustria, e que no momento estão sediadas em Vicenza.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

A MAIS COMPLETA REVISTA
ESPORTIVA DO BRASIL

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO CR\$ 5,00

COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo. Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

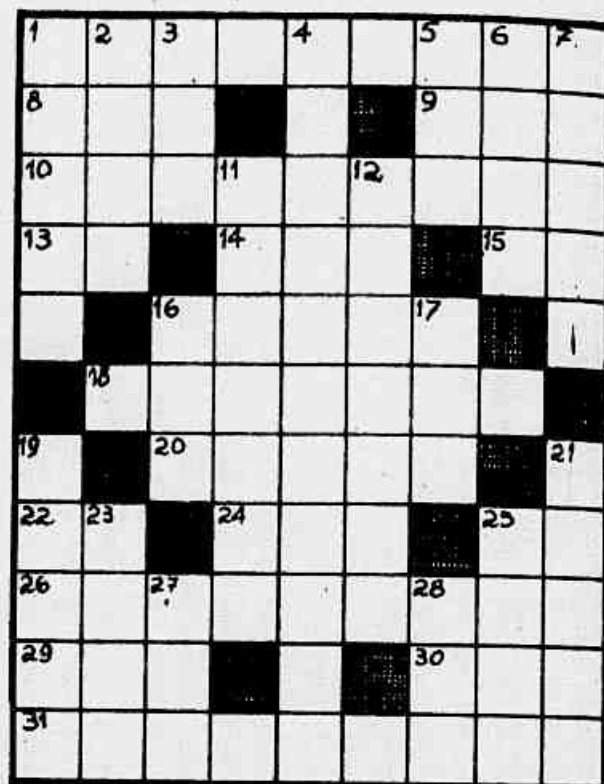
EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editôr
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

Palavras Cruzadas

PROBLEMA Nº 102

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Adstringência — 8. Eia! Vamos! — 9. Ilha do arquipélago dinamarquês — 10. Erva aromática usada como tempero — 13. Planta têxtil da China — 14. Rio de Janeiro, que deságua no mar Negro — 15. Gás — 16. Mencione — 18. Variedade de pêra sumarenta e doce — 20. Freguesia do conc. e distr. de Bragança (Portugal) — 22. Árvore do Senegal — 24. Nome de mulher — 25. Sua Alteza — 26. Tornar-se pachorrento — 29. Rochedo, pedra — 30. Dona de lupanar — 31. Vadiar.

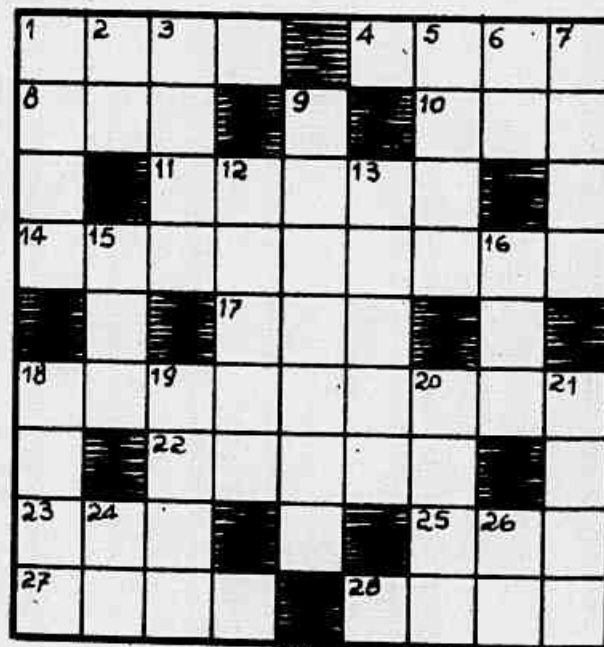


Ofank - Rio

VERTICAIS: — 1. Parte do lucro — 2. Vara de jogar a choca — 3. Povoação da Hungria — 4. Brutalidade — 5. Cinzas — 6. Grupo espesso de altas árvores em meio aos campos — 7. Planta da família das Aristoloquiáceas — 11. Anfíbio da família dos Ceciliídeos — 12. Inspirações — 16. Cinto — 17. Mil quinhentos e cinquenta — 19. Pequeno — 21. Hospedar-se — 23. Imparcial — 25. Mulher — 27. Deus dos germanos — 28. Voz do boiadeiro, quando tange os bois.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Fileiras — 4. Afeição profunda — 8. Oceano — 10. Argola — 11. Escritor de obra literária ou científica — 14. Sofrimento de mártir (pl.) — 17. Pedra do altar — 18. Confeririam honras — 22. Mãe-d'água (pl.) — 23. Moeda do Grão-Mogol — 25. De você — 27. Cheiro, odor — 28. Um mais um.



Ofank - Rio

VERTICAIS: — 1. Querem bem — 2. Ali — 3. Lavar — 5. Planta leguminosa e medicinal — 6. Sufixo designativo de agente — 7. Do verbo roer — 9. Lançara — 12. O mesmo que outara — 13. Rezara — 15. Para barlavento — 16. Vazia — 18. Canção religiosa — 19. Grande rio do Egito — 20. Essa coisa — 21. Perversos — 24. Substrato instintivo da psiquê — 26. Interjeição de chamamento.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 101

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: amã — boleima — itã — ala — cem — corolário — erar — meti — rebolearia — anu — Ans — ubi — orgiaco — aam.

VERTICAIS: ali — metal — aia — bolorento — azeitinho — acera — arabu — crera — moías — oro — ama — lábia — uga — iam.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: catai — ardente — AM — aia — lá — tal — mel — avós — dava — vês — lar — ai — aal — dá — soldado — caíra.

VERTICAIS: Cr — Ada — teia — Ana — it — amáveis — elevado — atava — alara — lós — mal — cadi — ala — lar — oc — da.

QUINTAL

FERNANDO LÔBO

① E havia o quintal grande, escondendo entre as mangueiras, as bananeiras, e as palmeiras maiores, um mistério que toda criança sonhava descobrir. Ali vagavam, em noites de temporal, almas penadas, ouvíamos dizer. Por ali campeavam os ladrões de galinha quando a noite não trazia lua. Mas, dia com sol o quintal era dos nossos pés, dos nossos saltos, das nossas construções, nossas corridas. Pés no chão, camisa desabotoada ao peito, suor que o sol do norte faz escorrer pelas nossas testas. Uma manga cai ali, um sapoti nos convida a arriscar os ossos numa subida pelo seu galho raquítico. E corremos assim, livres e santos, esperando apenas a hora sonhada da calça comprida, da chave da porta, das noitadas de sábado nos cabarês que a cidade tinha de certo modo escondido. Depois do quintal não há mais nada. Há sim, esse mundo que aí está parecendo um quintal grande, mas com suas almas, seus ladrões, seus perigos de verdade. E' o que há.

② Tudo isso escrevo por ternura a um menino pálido que acabo de contemplar. Está ele suspenso no ar, lá perto das nuvens, no seu apartamento no décimo andar. Está olhando para o mar que está bem longe. Logo mais sairá pela mão para pegar fresco. Sairá seguro e passeará com um «lulu» estimado. Apenas para esticar as pernas e ganhar vento no rosto. Sapato nos pés, blusinha tão limpa, lá está o menino olhando o mar. Não tem quintal para as suas andanças, não pode ser só na rua pois a rua tem perigos enormes, tem sangue e tem morte nas rodas velozes e vorazes dos lotações. Só pode ser só na janela de casa, espiando o mar. Depois a noite vem e a sua rua às seis é um inferno de buzinas e gritos medonhos. Assim é que tem ele que adormecer, embalado por essa estranha canção de gritos, sons, freixadas, palavrões e apitos. Ele e a janela e mais dois olhos presos no mar. Será, quem sabe, por isso que tanto fogem para longe, pelo mar, para as distâncias os meninos de agora assim que crescem?! Não será talvez por causa dessa prisão suspensa, dessas habitações coletivas que o tempo impôs que os casais se separaram com tanta facilidade? Tudo falta de quintal largo, de mangueiras de sombra grande, para debaixo dela sonharmos um pouco, crescermos melhor, acreditarmos mais nesta coisa de vida, sem amarras, sem prisões, sem vida dentro de apartamento.

Bar da cidade tem seu dia de moda. Antigamente era o Monteiro Júnior. Depois as tardes quentes o



OTELLO — Otelô é o ponto alto do «show» de Machado: «Banzo Aí». Aliás ele é sempre ponto alto em todos os «shows» que participa. De quando em vez uma fugida, vez por outra um caso que dá para boas manchetes dos jornais da cidade.

ROTEIRINHO

frias eram esquentadas e estriadas no «Lidador». Surgiu o «Pardelas» e em seguida o «Grande Ponto». A moda mais recente é a do «Vilariño», mesmo assim já um novo concorrente começa a seduzir sua freguesia, com um uísque de bom preço e menos calor nos dias de verão. — Toda gente está subindo para a serra. Petrópolis mantém a sua tradição antiga, muito embora não seja mais o lugar ideal da gen-

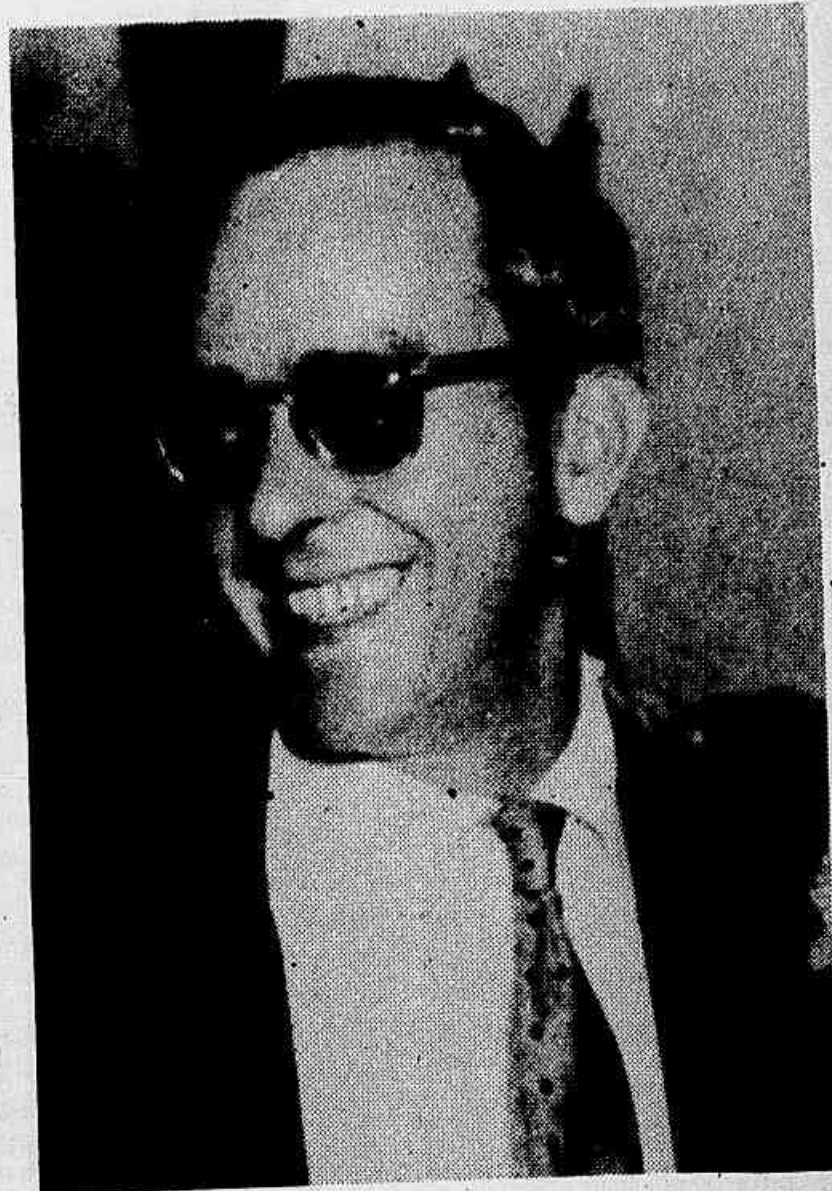
te bem. Tem edifícios de apartamentos e a vida é um horror. Quem tem canção e samburá vai indo para Cabo Frio, lugar que tem o mar mais bonito do mundo e «assim» de peixe. — Nas noites do «Jirau» há figuras permanentes: Mister Eco — um pepo seguro, Luís Antônio, um samba sempre em bom tom. Haroldo Barbosa, conversa a base do «molinete». Norberto Lôbo, temperando pratos imaginários e de re-

MARLENE, NÃO!

Todos os anos o Copacabana Palace apresentava o seu «show» a base do Carnaval. Este ano vai fugir, ao que parece, aquela programação. Nos anos anteriores os «Quatro Ases e 1 Coringa» e Marlene sempre estiveram presentes. Como não vai haver «show» não haverá Marlene. Tudo isso porque Caribé da Rocha deixou a direção daquela casa.

CAUBY A CAMINHO

Já correu tempo desde que Cauby Peixoto foi para os Estados Unidos. Do seu sucesso seguro por lá todos já sabem. Agora está chegando e aqui realizará planos novos dentro do que viu, ouviu e aprendeu na América. Uma figura magnífica para ser apresentada no «Meia-Noite», logo depois da sua chegada.



E O POETINHA SEGUIU — Já está em Paris o poeta Vinicius de Moraes. Embora tendo passado dias rápidos aqui e em São Paulo, Vinicius teve tempo para alicerçar o necessário para o filme que vai fazer com Sacha Gourdine: «Orfeu da Conceição». Além disso gravou com Paulo Mendes vários poemas num L.P. e com Paulo Soledade soltou na praça uma série de poemas infantis. Vinicius esteve em Roma, na passagem do ano e, estará no Rio na primeira quinzena de fevereiro.

mente mais que de repente ouve-se a primeira nota do trombone de Lúcia Rangel. E' que a madrugada está lá fora.



MARLENE, comprou casa na serra, mandou fazer piscina na casa, espera os dias de Carnaval para ganhar descanso, sem ouvir rádio nem pensar nêle. Não estará, este ano, no palco do Copacabana Palace.

PING-PONG

TRINTA E CINCO ANOS ENTRE LIVROS

Texto e fotos de SÉRGIO ANDRADE



Carlos Ribeiro é, sem dúvida, um dos mais conhecidos livreiros do Brasil. Não se trata de vendedor comum de alfarrábios, mas de um amigo e incentivador de tudo o que se relacione com as artes no Brasil. Sua livraria, na Rua São José, é o ponto de encontro dos grandes nomes da literatura brasileira, preferido para o bate-papo diário. Ali, entre as repletas estantes de grossos volumes, pode-se topar (sem hora marcada) com Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Herman Lima, Vinícius de Moraes, Santa Rosa, Otávio Tarquínio de Souza, Aurélio Buarque de Holanda, Lúcia Miguel Pereira, João (implacável) Condé, Josué Montelo e outros. Carlos Ribeiro nasceu em 1908, em velha casa do Engenho Novo. Meninice de garoto pobre (a mãe era lavadeira, o pai guarda-livros). Matriculado numa escola primária da Prefeitura, trava o primeiro conhecimento com os livros. Por intermédio de sua mestra, filha de José Veríssimo, é introduzido na gigantesca biblioteca do notável escritor. Surge, daí, a adoração pelos alfarrábios. Findos os estudos preliminares, sai à cata de emprego. Consegue-o, na Livraria Quaresma, com

ordenado mensal de sessenta cruzeiros. Passa a viver entre os maiores literatos, participando dos debates, ouvindo opiniões. Em 1940, resolve abandonar o emprego a fim de formar uma casa própria. Estabelece-se com um «sebo» na rua do Carmo; muda-se depois para a rua da Quitanda, e finalmente para a rua S. José, onde se encontra até hoje, pretendendo aí permanecer até à morte. Quantas histórias pitorescas, quantos debates inflamados entre intelectuais, tem este simples homem para contar, em seus trinta e cinco anos de constante contacto com os livros! Mas... suas iniciativas continuam, céleres e construtivas: como se não lhe bastassem os livros, Carlos Ribeiro agora vai lançar discos de longa duração. Discos diferentes, que gravam na cera a obra dos grandes poetas nacionais em sua própria interpretação.

O público apreciador terá, desta forma, a oportunidade de ter em casa Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Vinícius de Moraes e tantos outros, declamando de modo insuperável seus melhores poemas.

Ping — Por que se fez livreiro?

Pong — Por acaso. Talvez porque não tivesse livros, na minha infância.

Ping — Ser livreiro no Brasil, dá lucro?

Pong — Dá, à nação. Somos soldados anônimos da alfabetização.

Ping — Há quanto tempo dedica-se ao comércio de livros?

Pong — Há trinta e cinco anos.

Ping — Poderia, de um momento para o outro, trocar de negócio?

Pong — Sim. O livreiro no Brasil sofre muito, e aprende tanto, que pode mudar para qualquer ramo.

Ping — Para ser maior a expansão da literatura no Brasil, o que falta ainda?

Pong — Exclusivamente, melhores rédes distribuidoras.

Ping — Quantos livros (em média) vende mensalmente?

Pong — Quinze mil volumes.

Ping — Profissão de seu pai?

Pong — Guarda-livros.

Ping — Os melhores escritores brasileiros?

Pong — Machado de Assis e José de Alencar.

Ping — E contemporâneos?

Pong — Graciliano Ramos e Amando Fontes.

Ping — E poetas?

Pong — Castro Alves, Bilac, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

Ping — Maiores escritor e poeta estrangeiro?

Pong — Balzac e Rimbaud.

Ping — Seu melhor amigo?

Pong — Os livros.

Ping — Que gostaria de ser, se não fôsse o que é?

Pong — Lavrador.

Ping — Tem inimigos?

Pong — Poucos.

Ping — Se pudesse ressuscitar alguém, a quem ressuscitaria?

Pong — Raul de Leoni.

Ping — Quantas vidas existe?

Pong — E' bom não saber.

Ping — Até quando pretende viver?

Pong — Até 1965, se Deus quiser...

Ping — Pretende também publicar algum livro seu?

Pong — Talvez. «Memórias de um mercador de livros».

Ping — Gosta de incentivar os novos como faz com os velhos?

Pong — Sim. Ajudo sempre e animo os novos na medida de minhas posses.

Ping — Que o faz viver melhor?

Pong — A certeza de ser útil a alguém.

Ping — A maior figura mundial das últimas décadas?

Pong — Winston Churchill.

Ping — Que admira em teatro?

Pong — O conjunto, o bom ator e o bom autor.

Ping — E em cinema?

Pong — Tenho saudades do cinema mudo...

Desde pequeno que Carlos Ribeiro trata com livros. Hoje, tanto tempo passado, ei-lo mergulhado até à medula em seu esporte predileto.

DA INFÂNCIA POBRE À MAIOR LIVRARIA DO RIO DE JANEIRO — GRANDES POETAS DO BRASIL, EM DISCOS DE LONGA DURAÇÃO, SUA ÚLTIMA NOVIDADE — SE PUDESSE, RESSUSCITARIA RAUL DE LEONI.

Ping — Pretende continuar com a gravação de discos de poesia?

Pong — Sim.

Ping — Quais os que pensa lançar na cera agora?

Pong — Tenho programados os seguintes poetas: Augusto Frederico Schmidt, Abguar Renault, Onestaldo Pennafort, Guilherme de Almeida, Olegário Mariano, Álvaro Moreyra, Cecília Meireles, Menotti Del Pichia, Cassiano Ricardo, Vargas Neto e outros.

Ping — A edição privada do «Crime do Padre Amaro» será realizada? Quando?

Pong — Tão logo venha a autorização dos editores de Eça em Portugal.

Ping — Pretende gravar também peças teatrais?

Pong — Sim. Tenho em mente diálogos de Sérgio Cardoso e Cacilda Becker.

Ping — Que pode o governo fazer para dar maior expansão à indústria e ao comércio de livros?

Pong — Criar obrigatoriamente bibliotecas infantis nas escolas primárias de todo o Brasil. Abolir, no país, todos os impostos relativos a alfarrábios. Estender a indústria livreira numa das carteiras do Banco do Brasil, para financiamento a longo prazo.

Ping — Em que data formou sua própria casa?

Pong — Em 1940.

Ping — Pretendia viver somente da venda de livros usados?

Pong — Não. Meus planos, ao formar minha livraria, eram editar livros novos e reimprimir os grandes clássicos a preço popular.

Ping — Planos para o futuro?

Pong — Com o auxílio da gráfica, editar tanto quanto possível, livros de autores nacionais, abrir uma filial da livraria em S. Paulo e continuar a gravação dos discos de poesia.

Ping — Uma grande surpresa de sua vida?

Pong — Ter comprado, sem saber, de um velho português, a coleção completa das obras de Camilo Castelo Branco. E por uma ninharia...

Ping — E' verdade que vendeu milhares de autógrafos de artistas americanos?

Pong — Exatamente. Ao surgir o cinema.

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★
 RADIO ★ TEATRO ★ HUMORISMO
 A qualquer hora
 do dia
 ou da noite
 a
RÁDIO RECORD
 de São Paulo
 tem um PROGRAMA
 que VOCÊ ouvirá
 perfeitamente
 em qualquer
 ponto do país
EXPERIMENTE!
 ondas médias — 1.500 kcs. 50.000 watts
 ondas curtas — 10, 23, 31 e 40 metros
 ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

A TENTAÇÃO

(Conclusão do número anterior)

Zoska faz rápidos progressos em sua nova vida. Ela leva a renúncia a si mesma até ao ponto de se lavar na tina onde Dickon é ensaboado. De todas as virtudes, a que mais a atrai é a Caridade. Santa Zita dava, à torto e a direito, seu patrimônio e o do próximo. Também Zoska deseja dar, para receber centuplicado. Começa pelas coisas pequeninas: um pedaço de bolo, por exemplo, que ela dá a uma criança. Os patrões não dizem nada. Milagre, sem nenhuma dúvida. O pedaço de bolo fôra substituído milagrosamente. Peça por peça, Zoska distribui todas as suas roupas. Conserva unicamente a guarnição da cama, que ela reservava para o último momento, e que será o supremo sacrifício, ao qual Deus lhe há de pagar com juros. Não recebe ela, a cada dia, prova da afeição divina? Apoiá-se à porta da Capela, a porta se abre. Zoska sabe a que deve o fato. É preciso ser ímpio como seu patrão para atribuí-lo simplesmente a um ferrolho que não funciona...

Uma tarde, na varanda, ela espanava um capote, um lindo capote de peles finíssimo. Espanava, suspirando e rezando. Um sino tocava o Angelus, e os repiques atravessavam os pátios gelados, leves como flocos de neve.

— E o Verbo se fêz carne, murmurou Zoska.

— E habitou entre nós — continuou uma voz grave.

Zoska debruçou-se e divisou, na rua, um mendigo esfarrapado. Tremia, azulado de frio.

— Ajuda-me, boa jovem — gemeu ele.

O primeiro pensamento da criada foi mandá-lo ir adiante. Todos esses vagabundos só contam mentiras. Logo, porém, repeliu esse mau pensamento. Não são acaso os pobres os membros sofredores do Cristo? O que se lhes faz, a Deus se faz. Um anjo trouxe de volta a Santa Zita o capote que ela havia dado a um mendigo. Zoska teve um estremecimento. Um anjo! Um anjo a visitaria! Alguma coisa lhe segredava ao ouvido... Era o Espírito Tentador que aconselhava à Zoska a tentação a Deus.

— Oh! que lindo capote, dizia o pobre, elevando os olhos. Se me dessem um semelhante, eu iria daqui a Sontch de joelhos. Fechando os olhos, como alguém que se lança náguas, Zoska atirou o capote por cima da balaustrada.

— Tome-o! Em nome de Deus! gritou, e fugiu a esconder-se na cozinha. Agora, o que aconteceria?

Durante duas horas, Zoska permaneceu em um estado inaudito de excitação. Sente-se por alguns instantes enlevada, e sorri. Um milagre irá acontecer. Seria pecado duvidar. Súbitamente, porém, recebe um golpe em cheio no peito:

— Limpaste o capote? perguntou a cozinheira.

— Não.

— Penduraste-o no armário?

— Não.

— O patrão irá amanhã até Sontch. Prepara tudo, para que possa ir bem vestido.

A resposta de Zoska morreu em sua boca. O caso terrível aí está. O patrão, amanhã, perguntará pelo capote, e ela não saberá dizer nada. Se o anjo custa a aparecer, o que será dela?

Zoska descasca febrilmente legumes. Tenta acalmar-se, persuadir-se de que o bom Deus, que tudo sabe, saberá também que seu patrão partirá amanhã para Sontch, e não há de querer deixá-la embarçada. O anjo aparecerá essa tarde, talvez, ou no pôr do sol, seguramente.

Quando todos se deitaram e quando a lua, inundando os campos, fazia cintilar as águas do Dunajec, Zoska saiu para a frente da casa, tomando o caminho da estrada. Nevava o dia inteiro; tudo estava branco, árvores e campos. Somente o pequenino lago, junto ao moinho, tinha, no meio, uma ilhota de terra negra. Zoska permanece ali, quieta, rezando com todo o fervor. Aguarda o anjo que deve chegar com sua roupa de luz, sobre um raio de lua. Terá cabelos louros e uma coroa de flores à cabeça. Talvez rosas, talvez flores de lis, que perfumarão o ar, como se estivesse em pleno verão. Ninguém pelas ruas, nesse momento, nenhuma luz nas casas. Cães latem ao longe. A lua se esconde entre as nuvens. Flocos de neves cobrem o vestido de Zoska. Ela continua imóvel, transida até à alma. Uma hora, duas horas, ainda, antes da madrugada, o anjo ainda não veio. Tenta rezar, mas lhe faltam as palavras, ela espera ainda, oh! espera!

O dia nasce. A neve cessa. A lua reaparece, a neve torna a cair, implacável, do céu, azulado, logo após, cor de rosa; já se pode ver os salgueiros do lago. Zoska parece uma estátua. Já não ora, duas fileiras de lágrimas gelaram sobre suas bochechas, seus lábios azuis de frio se entrecrem. Não, o anjo não virá mais, ela o sabe.

Irão expulsá-la de casa, e depois... o tribunal talvez. O livrinho chegou a fazê-la crer que era digna de um milagre. Decididamente, era muito diferente de Santa Zita...

O anjo não apareceu, o capote faltou... e os guardas conduziram Zoska até Sontch.

CRÔNICA



CONFISSÕES

● Palestrando com Maurício Caminha de Lacerda, autor de «Contos Provincianos» e «Quatro Histórias», fizemos-lhe a indagação: — Dos nossos escritores quais lhe parecem mais importantes? E ele: — Mais importantes em que sentido? Há os que realmente são importantes, os que assim parecem e os que apenas se fazem de importantes. De resto, todo escritor é de certa forma importante, seja como literato, seja como tipo humano ou moral, como por exemplo o velho Machado, Adolfo Caminha (este não sei porque pôsto freqüentemente à margem do interesse dos literatos atuais, talvez por ignorância, talvez por distração), Raul Pompéia, Euclides da Cunha e Aluísio Azevedo — o Aluísio de «O mulato», «O coruja», «Um homem», «O cortiço», «Livro de uma sogra», «Casa de pensão», porque o outro Aluísio, o da CONDESSA VESPER, o dos folhetins, foi apenas agradável sem ser como escritor importante em verdade. Mais proximamente no tempo: Érico Veríssimo, Monteiro Lobato com suas histórias de filosofia agudamente adulta para a infância e com suas personagens humaníssimas com o rinoceronte Quindim, às voltas com a burocracia do petróleo, e a boneca de pano Emilia,

com sua torneirinha de asneiras fustigando as asneiras sem aspas de homens de carne e osso, mas com alma e coração de pano. Ainda entre os mais atuais — e por que não? — o José Lins do Rego de FOGO MORTO. E quais os poetas nacionais de sua preferência?, perguntamos-lhe, ao que Maurício nos redarguiu: — Augusto dos Anjos em primeiro lugar, evidentemente; depois, Alphonsus de Guimarães, Cruz e Sousa, e um pouco menos, Gonçalves Dias, conquanto este «um pouco menos» vá custar-me o desdém e os muxoxos dos que me acusarão por isso de original, numa época em que — ai de nós! — todos se empenham em vulgarizar a originalidade mesmo à custa do bom gosto. Dos atuais, Adalgisa Nery, Augusto Frederico Schmidt, Beatrix dos Reis Carvalho e, naturalmente, a seu modo, você, meu caro Petrarca, o que talvez não ficasse bem dizer aqui... — E quais as suas leituras preferidas? — Todas. Leio por prazer desde Shakespeare às histórias em quadrinhos e, quando estou de veneta, até mesmo os contos abstracionistas em que se insiste ridiculamente na moderna geração. Mas amo particularmente André Maurois, Cervantes, Emil Ludwig, Anatole, Kafka, Thomas Mann, Bertrand Russell, Byron, Will Durant, Mark Twain, Kant, Hemingway, todos os russos desde Gogol a Tolstói e Dostoiévsky, e (é claro!) o meu querido e português Eça. — E qual dos nossos escritores, Caminha, gostaria você de ver na Academia? — Vão-se xingar comigo os que eu disser que lá não gostaria de ver. Mas não vejo razão, por exemplo, de que lá não estejam Agrippino Grieco, Érico Veríssimo e, em matéria de poesia, a Adalgisa Nery. Com um forte «shake-hands», despedimo-nos do ágil autor de Pascoal Macarrone, que nos promete para breve mais dois livros de contos: «A alegre espécie humana» e «Esta casa, estas mãos», sobre costumes do nosso homem médio, na família e em política.

BIBLIOTECA

«TERRITÓRIO NACIONAL», pelo coronel A. de Lyra Tavares, editado pela Biblioteca do Exército, é um útil volume, escrito por uma autoridade no assunto, tratando do domínio territorial do Estado, ilhas oceânicas, o Estado como pessoa internacional, território marítimo e aéreo, Nações Unidas e Comissão de Dir. Intern. trazendo ainda rica bibliografia.

«POEMAS SEM NOME», de Sebastião de Lorena, é uma plaquette, editada em Lisboa, encerrando trinta e seis poemas de boa feitura, com acentuado cunho filosófico, revelando uma vocação poética digna de acorçoamento. Poemas de metro livre, cheios de sentimento e de vida, a inspiração em plano sempre elevado e otimista, demonstram existir no autor destes «Poemas sem nome», um autêntico poeta moderno que bem sabe interpretar com sabor também clássico, as emoções que lhe vão na alma. Alguns desses poematos serão transcritos futuramente nesta página, dado que bem representam a moderna poesia portuguesa. Sebastião de Lorena é um jovem que já se afirmou nas letras lusas, tendo uma mensagem a transmitir.

«ESTRELA DE ALTO MAR», de Guy de Larigaudie, prefácio de Frei Pedro Secondi, em 3ª edição, eis um bom, um excelente livro lançado pela livraria Agir

editora, oferecendo leitura de primeira ordem, pensamentos, conceitos, idéias, páginas, enfim, de edificante proveito para qualquer espécie de leitor.

«UM POUCO ALÉM DO MUNDO», de Nivaldo Reis, em elegante edição Pongetti, apresenta poemas, sonetos e trovas de um poeta que se vem firmando dia a dia, com trabalhos originais e traduções publicadas na imprensa do Rio e de São Paulo, como um valor que merece o apoio de quantos estimam a cultura e o trabalho realizado com entusiasmo. Seu estro lembra um pouco Augusto dos Anjos. Seus versos têm sempre alguma coisa a dizer. É um poeta de fibra. Dignos de especial destaque o poema «Previsão», «Poema V» e toda a «Chuva miúda».

★

LIVROS RECEBIDOS:

«Chão de espinhos», de Ondina Ferreira — edição Saraiva, São Paulo.

«A jangada», de José de Barros Pinto — Ed. Saraiva, São Paulo, 1955.

«A besta humana», de Emile Zola — Editora Vecchi, Rio, 2ª edição.

POESIA

COPO DE CRISTAL

Naquele quarto estreito e abandonado
Onde passo estirado numa rede
Horas de tédio, enquanto o sol despedia
As setas de ouro sobre o campo ao lado,

Esquecido num canto, e, da parede
Junto, entre flôres, vasos e um bordado,
Há um velho copo de cristal lavrado,
Em que, às vezes aplaço o ardor da sede.

Contam-me que esse copo pertencera
Outrora a uma esquisita e romanesca
Jovem, que nêle muita vez bebera.

E ainda hoje a extravar — cabeça louca! —
Se ao lábio o levo, sinto na água fresca
O perfume e o sabor daquela boca...

AGRIPPINO GRIECO.

O QUE ÊLES DIZEM

De ANDRÉ GIDE: «A vida talvez seja mais bela do que o permitem os homens.»

De BACON: «Pará a alma humana, um corpo são é um hóspede; e um corpo doente é um carcereiro.»

De GOETHE: «Quando um dever parece por demais pesado, pode-se aliviá-lo cumprindo-o com maior escrúpulo.»

De VAUVENARGUES: «Paciência é a arte de ter esperança.»

De MACHADO DE ASSIS: «Há coisas que melhor se dizem calando...»

De VOLTAIRE: «A vida é um círculo de dores...»

De INGENIEROS: «Tudo quanto constitui orgulho da humanidade é fruto do trabalho.»

De SÃO PAULO: «Renovai-vos pela renovação de vossa mente.»

De EURÍPEDES: «Nada adianta nos irritarmos contra as circunstâncias; elas são surdas à nossa cólera.»

De CLEÓBULO: «Quanto mais liberdade tiveres, menos deves usar dela.»

ENTREVISTA RELÂMPAGO



(Com Adeline Magalhães, autor de «Os marcos da emoção», «Iris», «Tumulto de vida» e outros livros, reunidos nos dois volumes de suas «Obras completas».)

1ª pergunta: — Quais, a seu ver, os melhores escritores brasileiros e portugueses?

Resposta: — De modo geral, acho que Portugal deu o maior poeta (Camões) e o Brasil o maior prosador (Machado de Assis) da língua que falamos. Gosto ainda particularmente de Júlio Diniz, de Alexandre Herculano, de Antônio Nobre, de Raul Pompéia e de Cruz e Sousa.

2ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Como leitor prefiro a crítica literária, a poesia e o assunto histórico.

3ª: — Quais dos nossos escritores gostaria fosse da Academia?

R.: — Gostaria que fossem da Academia os escritores de valor que... namoram a Academia!

4ª: — Atualmente onde desejaria morar?

R.: — Desejaria continuar morando na mais bela cidade do mundo! Sou carioca de coração! Depois do Rio, a deliciosa Friburgo!

5ª: — Como gostaria de morrer?

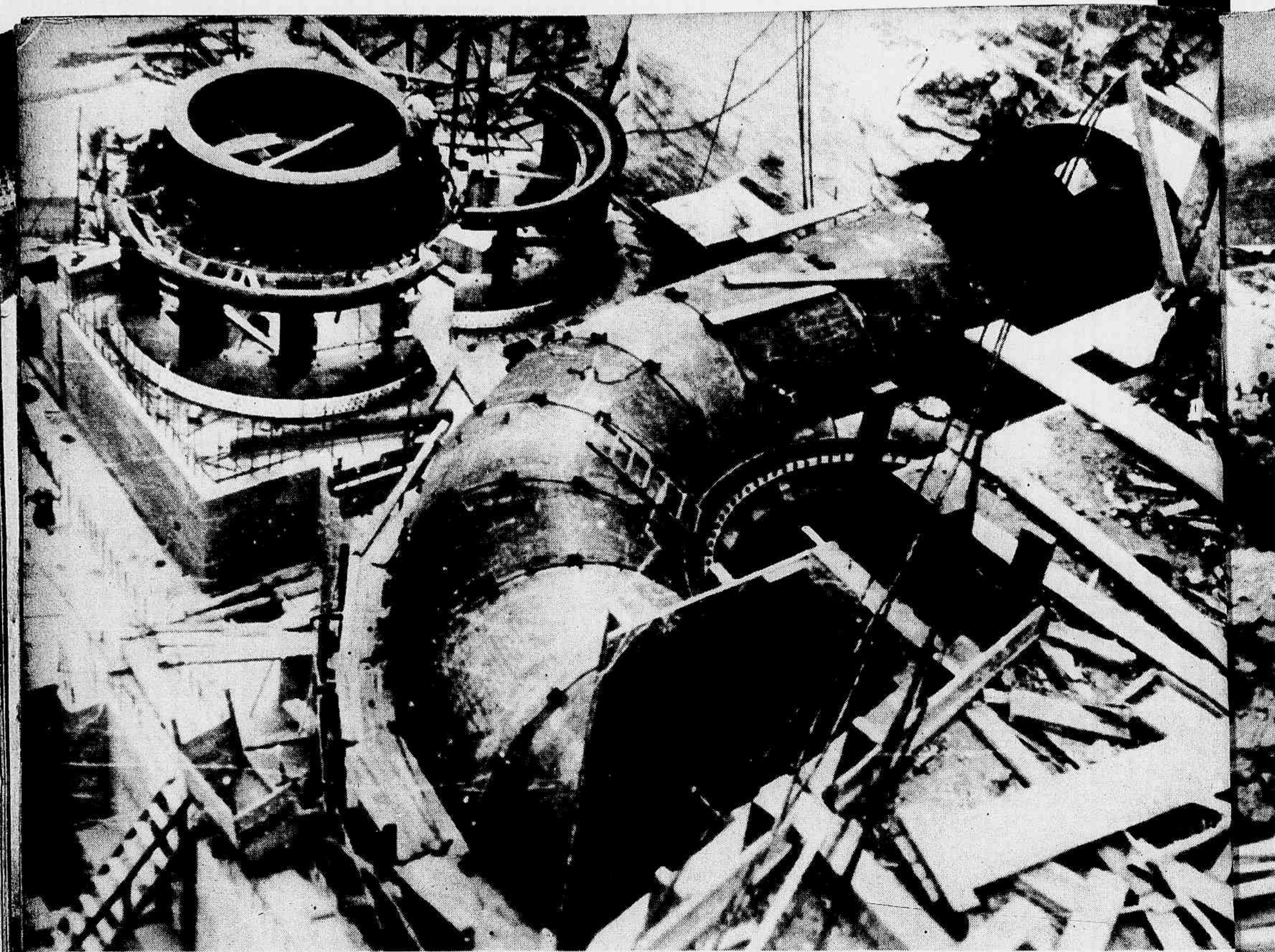
R.: — Gostaria de morrer tranqüilamente na cama, ao lado dos meus, e... sem dívidas!

6ª: — Acredita nos discos-voadores?

R.: — Nos discos-voadores acredito como acredito na ciência moderna! Mesmo vendo, desconfiando...

7ª: — Tem novo livro a publicar?

R.: — Tenho uma 2ª edição, aumentada, de «Quebra-luz». Sou hoje, sobretudo, um «apresentado»!



UMA DAS TURBINAS QUE FARÃO PARTE DA HIDRELÉTRICA DE PEIXOTO. ATÉ FINS DE 1956, CALCULA-SE QUE ESTEJA PRONTA A USINA.

NO BRASIL TAMBÉM TEM DISTO:

DA NOITE PARA O DIA SURGE

A ENERGIA elétrica é uma força imponderável da Natureza, capaz de resolver os grandes problemas das indústrias, das comunicações férreas e telegráficas, do comércio, da higienização e finalmente de muitos outros existentes em a nossa civilização. Mas, para que as soluções se tornem reais, mister se faz sejam instaladas gigantescas usinas hidrelétricas de grande potencial, e cujas capacidades motoras correspondam aos planos pré-estabelecidos.

No Brasil, encontramos-nos, pois, numa época de pleno desenvolvimento e conseqüentemente de rápido progresso do mundo, e nesse progresso, enquanto não se puder usar a energia atômica, a eletricidade tem o seu papel preponderante, já para efeito de iluminação, já como força motriz, tão indispensáveis em qualquer setor de atividades.

O Brasil não pode ficar alheio à marcha das sucessões e aperfeiçoamentos das coisas, mormente no que diz respeito à energia elétrica.

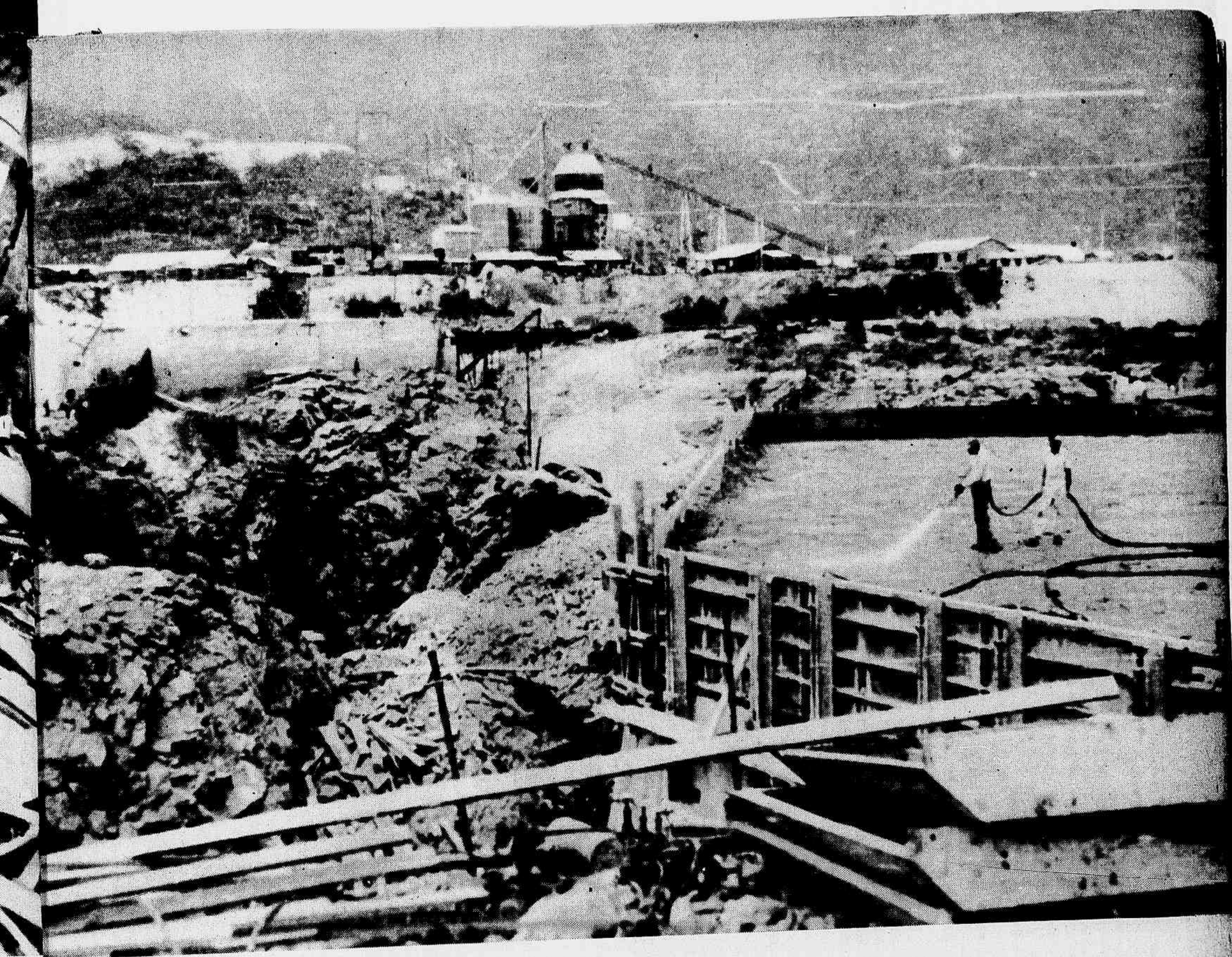
A USINA HIDRELÉTRICA DE PEIXOTO

É sabido e de todos conhecido a crise pela qual passam alguns Estados do Brasil, estando em primeiro plano São Paulo, pela falta constante de energia elétrica, o que vem causando sérios transtornos no andamento normal da produção de milhares e milhares de indústrias. Mas, tudo indica que até fins do ano entrante parte dessa crise será superada, com o fornecimento inicial de oitenta mil quilowates e quatrocentos mil no final, pela Usina Hidrelétrica de Peixoto, ora em fase acelerada de construção, nas margens do Rio Grande, um dos afluentes do rio Paraná, próximo ao município mineiro de Ibiraci, e cujas obras estão entregues à capacidade técnica de dezenas de engenheiros a cuja frente encontram-se W.D. Lauers (norte-americano), Alfred C. Marane (italiano), André Bujnicki (russo de São Petersburgo, naturalizado brasileiro) e Olavo Pinheiro, brasileiro de quatro costados.

UMA OBRA MONUMENTAL E GIGANTESCA

Das informações prestadas por engenheiros à reportagem de REVISTA DA SEMANA é possível adiantarmos apenas o seguinte:

A Usina de Peixoto é uma das maiores iniciativas de aproveitamento de energia elétrica até agora empreendidas no Brasil ou em qualquer outro país da América Latina. Constitui a primeira etapa no aproveitamento progressivo de trechos do rio Grande, que irá suprir de energia elétrica grandes áreas do Estado de Minas Gerais e de São Paulo. As etapas seguintes prevêem o aproveitamento potencial de «Praia», também com capacidade final instalada de quatrocentos mil quilowates; o aproveitamento de «Marimbondo», com duzentos mil quilowates e de «Estreito», com cem mil quilowates. Essas obras serão realizadas à medida que as tornem necessárias o crescimento da carga elétrica, e representarão, após concluídas, uma potência instalada de um milhão e cem



TRABALHA-SE DIA E NOITE PARA QUE A USINA FIQUE PRONTA NO PRAZO. SERÁ UMA DAS MAIS MODERNAS DA AMÉRICA LATINA.

Texto e fotos de J. EVANGELISTA FERRAZ

E UMA CIDADE GRANDE

mil quilovates, o que situará esse aproveitamento hidrelétrico entre os maiores do mundo.

O leito do rio Grande, no local da usina «Peixoto», é todo escavado em rocha exposta e suas margens constituem um desfiladeiro de paredes íngremes, também rochosas, de altura superior a trezentos metros. Assim sendo, esses trechos adaptam-se muito bem para a construção de aproveitamentos hidrelétricos. O local onde está sendo construída a usina fica próximo à extremidade de montante do desfiladeiro, de modo que o represamento da barragem ficará praticamente, todo ele, situado no vale aberto, existente rio acima, tornando assim possível uma represa, que será vasto lago artificial, com uma capacidade bruta de armazenamento de quatro bilhões de metros cúbicos (equivalente a duas vezes o volume da baía de Guanabara), estendendo-se por cento e dez quilômetros ao longo do rio Grande e quarenta quilômetros ao longo do seu principal afluente nesse trecho, o rio São João.

DESVIARAM AS ÁGUAS DO LEITO NATURAL

A barragem, já iniciada, terá cerca de sessenta e oito metros de altura por seiscentos de comprimento; na sua construção serão utilizados cerca de trezentos e cinquenta mil metros cúbicos de concreto, bem como seis mil toneladas de aço. Na margem esquerda, adjacente ao paramento de jusante da barragem, será colocada a Casa de Força, e, talhados na rocha viva, serão alojados os dez tubos forçados, de seis metros de diâmetro, pelos quais passarão as águas que irão alimentar as dez unidades-geradoras, de quarenta mil quilovates cada uma.

Na entrada de cada tubo forçado haverá uma comporta vertical de rolamento e uma grade, constituindo a tomada d'água. Tais tomadas serão manobradas por um guindaste de pórtico, de cento e sessenta toneladas, localizado sobre o topo da barragem. As águas, depois de passarem pelas turbinas, retornarão ao leito do

ONDE, EM 1952, SÓ SE PODIA
CHEGAR EM LOMBO DE CAVALO.
HOJE EXISTEM ESCOLAS, HOTEL,
HOSPITAL, MATADOURO E UMA
POPULAÇÃO DE MILHARES DE
ALMAS ★ UMA USINA (DO
PEIXOTO), RIVALIZA COM AS
MAIORES DA AMÉRICA LATI-
NA E CONSTITUI UMA ADMI-
RÁVEL SINFONIA DO TRABALHO

BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO S. A.

Fundado em 1935 — Carta Patente n° 1235
Enderço Telegráfico «MUNBANCO»

MATRIZ: RUA DO OUVIDOR, 71/73 — FONES: 52-2010 E 52-4013 —
CAIXA POSTAL 919.

AGENCIA COPACABANA: Rua Figueiredo Magalhães, 22.

AGENCIA MEIER: Rua Dias da Cruz 170 — Loja.

AGENCIA BRAZ DE PINA: Rua Bento Cardoso, 835 C e 835 D.

RIO DE JANEIRO

FILIAL: RUA JOAO BRICOLA, 37 — FONE 32-8121 — CAIXA POSTAL 8159.

AGENCIA CIDADE: Avenida Ipiranga, 1077.

AGENCIA IPIRANGA: Rua Silva Bueno, 1320.

AGENCIA LAPA: Rua Cincinato Pomponet, 148.

AGENCIA SANTO AMARO: Avenida Adolfo Pinheiro, 135.

AGENCIA BRAZ: Avenida Celso Garcia, 733.

AGENCIA SAO JOAO: Avenida São João, 569.

SÃO PAULO

AGENCIA SANTOS: Rua 15 de Novembro, 142 — Fone 2-5110.

SANTOS

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS POR AQUI E POR ALLI

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1906

Na nossa última chronica nos referimos ao actual trabalho em que se veem os diferentes partidos políticos francezes para fazer victoriosos os seus candidatos nas proximas eleições presidenciaes. É justo, portanto, que hoje nos retiramos mais determinadamente aos candidatos cujos nomes são mais cotados e cujas candidaturas se apresentam com serias e legitimas esperanças de victoria. Todos elles representam uma aspiração partidaria, mas digamos a verdade, pouco extenuada e por isso mesmo sem o perigo das situações absolutistas. Um dos mais cotados é, sem duvida, o sr. Armand Fallières, actual presidente do Senado, e é considerado como o candidato de peso. O sr. Fallières foi eleito pela primeira vez deputado em 1876 e depois foi, successivamente, sub-secretario de Estado, no ministerio do Interior, ministro do Interior e presidente do Conselho, ministro da Instrução Publica e da Justiça. Foi eleito senador em 1890 e presidente do Senado, em substituição do sr. E. Loubet, em 1899. Foi em virtude deste ultimo cargo que presidiu a Alta Corte no celebre processo de Deroulède. O sr. Fallières é, além de candidato á presidencia da Republica, um dos senadores cuja cadeira fica sujeita á reeleição, por ter terminado o prazo. A sua reeleição para o Senado é cousa certa, sua ascensão á presidencia da Republica é, porem, discutida. Elle conta com a maioria do Senado para esta ultima eleição, mas, segundo consta, a Camara não lhe é muito sympathica.

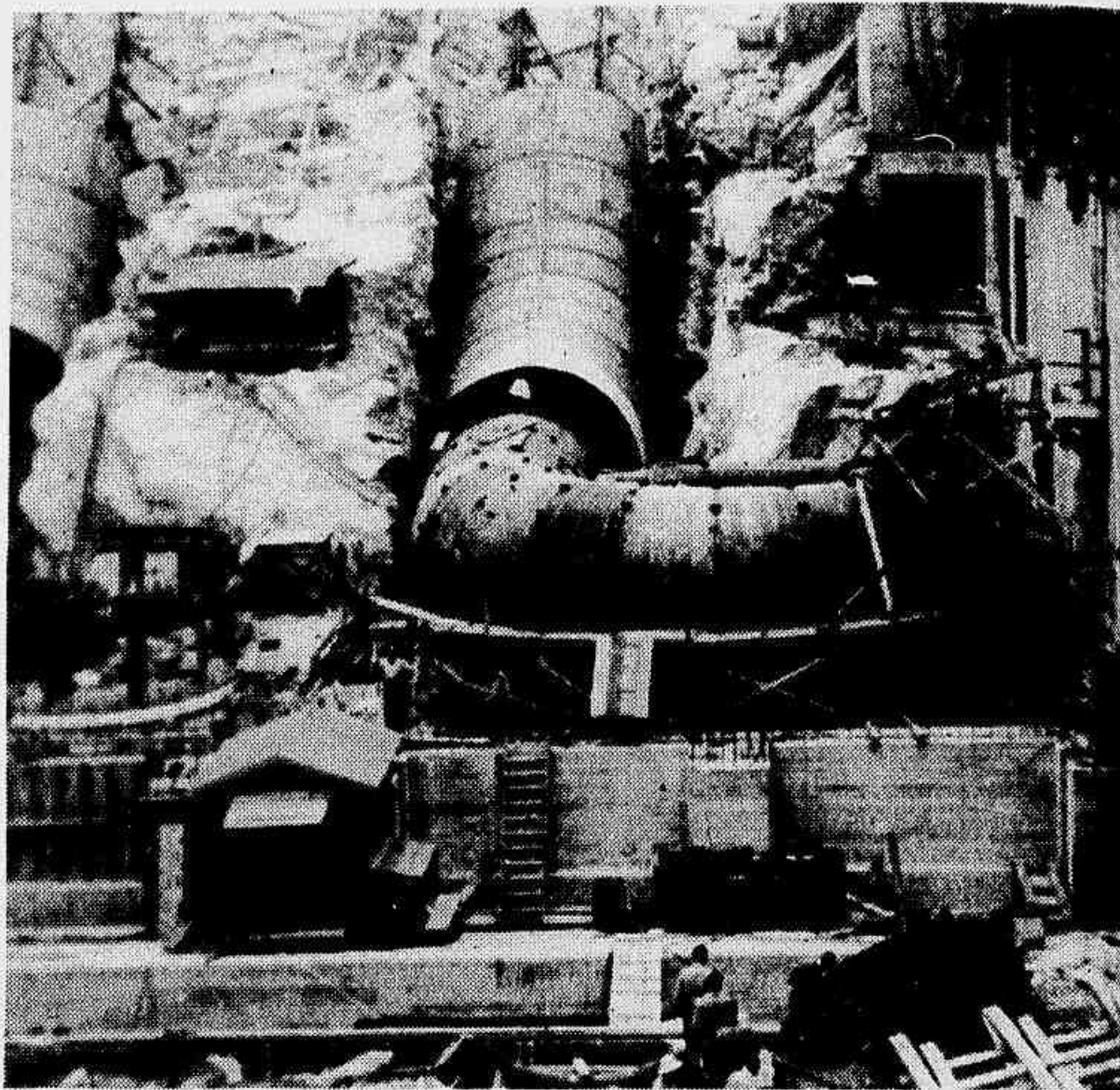
O sr. Paul Doumer, outro candidato, tem tido politicamente, uma das vidas mais movimentadas. Foi chefe do gabinete do ministerio Cantons, deputado, ministro, governador da Indo-China, e finalmente presidente da Camara dos Deputados, cargos estes onde sempre poudo fazer brilhar a sua personalidade. Quando o sr. Doumer foi nomeado governador da Indo-China, o orçamento da colonia marcava um deficit que vinha perturbar as finanças da metropole, e, alguns annos depois, este deficit se transformou em um augmento notavel de receita pela obra de sua organização colonial. Além disto, é notavel orador e escriptor, tendo até obtido um premio da Academia Franceza pelo seu bello trabalho sobre a Indo-China.

O sr. Leon Bourgeois tem 54 annos. Foi, successivamente, prefeito, deputado, ministro, presidente do Conselho, cargos em que sempre teve occasião de salientar seu nome. Foi delegado da França ao Congresso Internacional da Paz em Haya, convocado pelo Tsar. Nesse congresso tomou parte saliente em todas as principaes discussões e alli demonstrou ser um dos melhores oradores. Sua candidatura ainda não está nitidamente determinada. Os radicaes porem affirmam que elle se apresentará ao sufragio do Congresso. O sr. Leon Bourgeois tem diversas vezes interrompido a sua carreira politica, para dedicar-se ao estudo de questões importantes, a que se comprazia a sua alma de artista, para logo, em seguida, galgar as mais altas situações de artista.

O sr. Maurice Rouvier tem 63 annos e seu ardor e sua autoridade são inafatigaveis. De 1887 a 1893 occupou quasi ininterruptamente a pasta das Finanças, até que tendo sido assassinado o sr. Sadi Carnot, o seu nome foi um dos que mais estiveram arriscados a se ver dignificado com o cargo de presidente da Republica. Em 1902 retomou a pasta das Finanças substituindo-a dous annos depois pela dos Negocios Estrangeiros com a presidencia do Conselho. D'ahi á presidencia da Republica pouco falta e, segundo parece, o sr. Rouvier está disposto á luta.

O sr. Henri Brisson é tambem um dos inafatigaveis politicos cuja situação lhe offerece varias vantagens para disputar o logar de primeiro magistrado da Republica Franceza. As suas lutas parlamentares são notaveis e ainda ultimamente a campanha por elle sustentada dão-lhe reaes vantagens para pleitear uma eleição como a que se vae travar. Outros candidactos existem tambem, como o sr. Maurice Bertheux, actual ministro da Guerra, mas não podem certamente figurar ao lado dos nomes citados, não pela sua incapacidade ou falta de predicados, mas porque as suas forças politicas são notavelmente inferiores ás dos precedentes.

DA NOITE PARA O DIA...



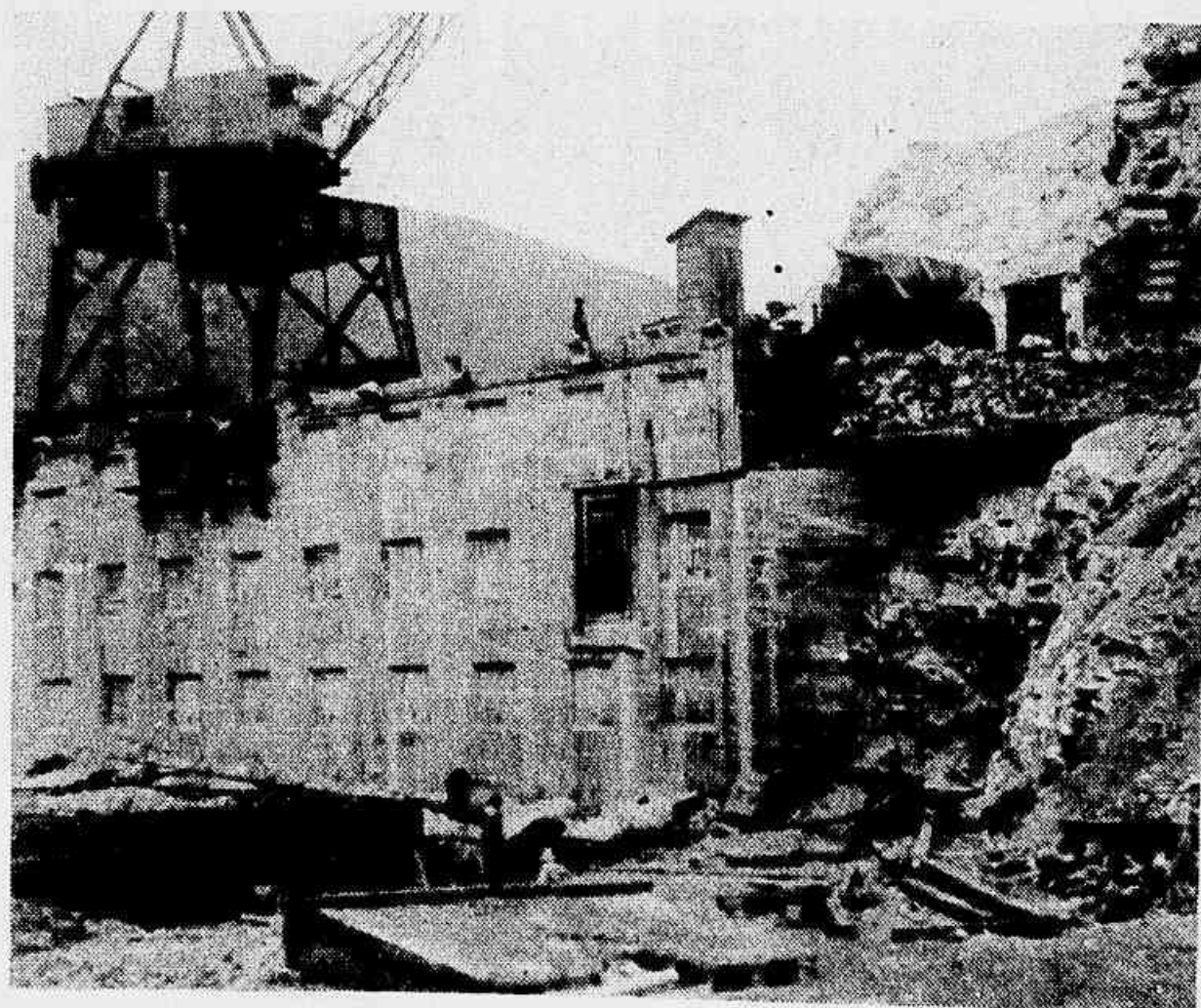
TUBOS REFORÇADOS são incrustados na rocha viva, formando, destarte, turbinas poderosas, destinadas a encher e a esvaziar a usina.

rio a jusante da barragem, através de tubos de sucção de desenho especial.

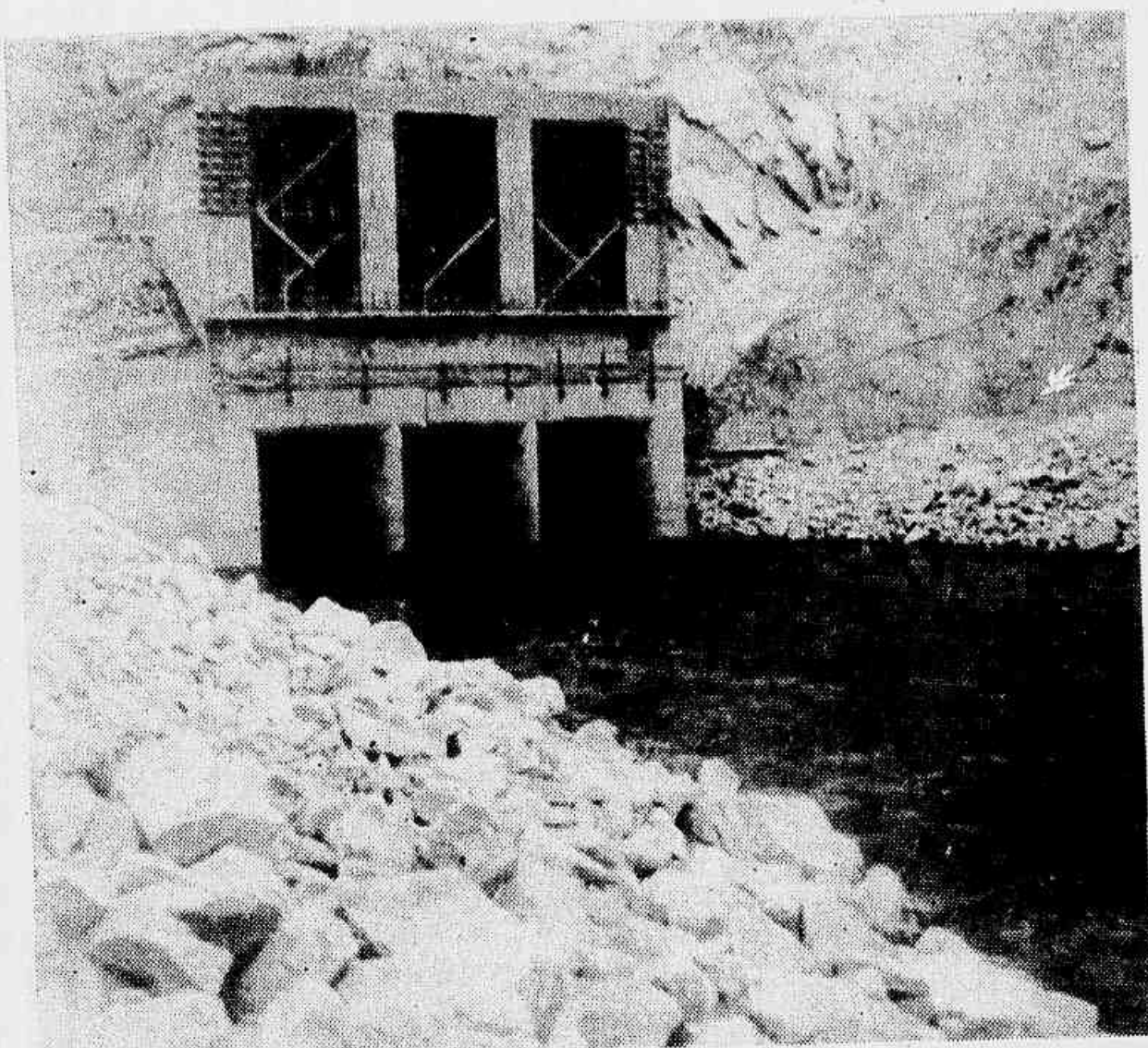
Para a construção da barragem tornou-se necessário desviar as águas do leito natural do rio. Para esse fim foi perfurado um túnel de dezoito metros de diâmetro, dimensão que permitiria o trânsito de automóveis em pistas duplas e em dois níveis superpostos. Duas ensecadeiras, uma a montante e outra a jusante, já permitiram o desvio das águas do rio Grande pelo túnel, em condições técnicas satisfatórias, possibilitando assim o início da construção de uma grande barragem, no leito seco do rio.

Uma moderna usina de concreto, inteiramente mecanizada, foi instalada para preparar o concreto à razão de noventa e dois metros cúbicos por hora; tem ela a altura de um edificio de quatro andares. Esteiras rolantes de borracha vulcanizada levam para o alto da usina de concreto, cimento, areia, pedra e água na dosagem requerida, e, num laboratório ao pé da mesma, um engenheiro especializado faz o controle sistemático de todo o concreto fabricado, verificando assim se o mesmo possui as qualidades necessárias de resistência para ser empregado na barragem e nas outras grandes estruturas que vão sendo erguidas.

A instalação inicial será composta de duas unidades geradoras de quarenta mil quilowates, porém as obras civis e hidráulicas, inclusive os tubos forçados, serão construídos agora, prontos para servir a instalação final de quatrocentos mil quilowates mediante a adição ulterior de mais oito unidades tôdas de quarenta mil quilowates.



A GRANDE usina, que está sendo ativamente construída, comportará um volume de água duas vezes maior que o contido na baía de Guanabara.



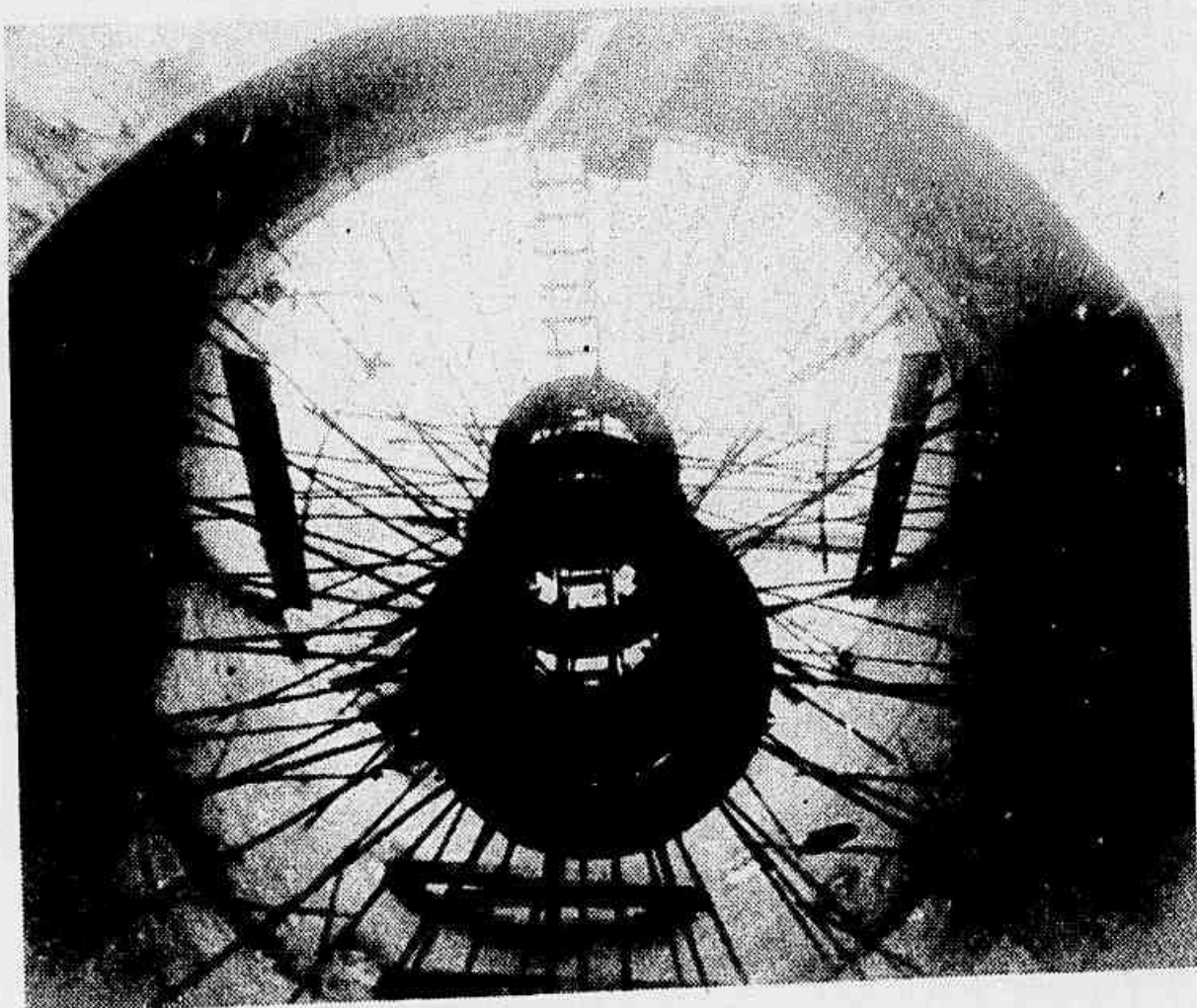
PARA QUE AS ÁGUAS do Rio Grande fossem desviadas para alimentar Peixoto, tiveram os operários de cavar um gigantesco túnel na pedra.

Para esta construção, foi instalada em Franca, cidade paulista, situada a setenta e cinco quilômetros das obras, uma usina Diesel elétrica, com potencial total de três mil setecentos e cinquenta quilowatts em três unidades de mil duzentos e cinquenta cada, e foi construída uma linha de transmissão de quarenta e quatro mil volts de Franca às obras, com a única finalidade de garantir o suprimento de energia indispensável para o funcionamento de tão grande concentração de equipamento moderno, bem como a iluminação adequada para uma atividade permanente de vinte e quatro horas.

SURGE UMA NOVA E IMPONENTE CIDADE

Uma verdadeira cidade foi construída no local, para abrigar cerca de dois mil e cem operários, atualmente trabalhando na construção da usina; escolas, hospital, matadouro, hotel, campo de recreio, tudo foi construído ali, onde, até mil novecentos e cinquenta e dois só se podia chegar no dorso de cavalos. Foram construídas também duas estradas e mais uma porção de realizações importantíssimas que vão aparecendo aos poucos.

Em Peixoto é intenso o ritmo da Sinfonia do Trabalho. São britadoras mecânicas que vão quebrando pedras para concreto; pás mecânicas vão escavando as rochas que a dinamite já arreventou, e isso tudo feito por pessoas das mais variadas raças, que têm por objetivo apenas o bem comum e a melhoria da economia nacional.



PARECE um inseto fantástico, mas é apenas um dos tubos que farão parte do complicado sistema de canalização da grande usina de Peixoto.

ARTES

JOSÉ ROBERTO

O ESTILO ROCOCÓ



Típico Exemplo do Rococó

HA uma linha comum, unindo em uma só fileira elementos à primeira vista heterogêneos, tais como a música de Mozart, as telas de Watteau e os poemas de Dryden. Essa linha é o estilo Rococó, que, há bem pouco tempo ainda, constituía, para os historiadores de arte, um problema quase insolúvel. Afinal de contas, o que é o Rococó? Onde teve origem? E dentro de que limites atuou, na História das Artes? Nos velhos autores franceses do século XVIII, em Blondel, por exemplo, o Rococó ainda era designado sob os nomes de «Style Nouveau», ou «Gôût Moderne». Maurice Quai foi quem, em 1798, ousou chamá-lo de Rococó. Após ele, Stendhal tem frases indignadas para com o novo «gôût des siècles», implicando, de início, com a própria designação da tendência, que chama de ridícula, para afinal fulminar de vez os seus seguidores, a quem acusa de mediocridades cheias de mau gosto. Enfim, de qualquer modo, a denominação pegou, e o próprio Jacob Burckhardt, com a autoridade de sua imensa cultura, a utilizou ao falar da arte alemã de seu tempo.

● Vemos, pois, que, tal como iria acontecer com as Escolas Fauve e Cubista, no século corrente, a denominação «Rococó», de início depreciativa, percorreu uma larga estrada, até desentranhar-se de todos os elementos que a faziam pejorativa. Fiske Kimball, ensaísta norte-americano, talvez tenha sido quem melhor estudou, em todas as suas manifestações, o estilo Rococó. Prova ele, nas páginas de seu valioso «Création du Rococo», de 1943, que foi o Barroco decadente quem deu nascimento à nova tendência, que surge pela primeira vez nos arabescos assimétricos de Bérain, em 1699 executados para a decoração do Palácio de Versailles, por Lepautre. Bérain e Lepautre são pois os grandes precursores do Rococó, o primeiro, seu criador, o segundo, primeiro executor.

Nascido como uma reação, em breve o Rococó se imporia, e à sua tendência

destruidora do até então convencional, novas reações se levantariam. Assim, o Abade Leblanc, terrível inimigo do Rococó, travou por volta de 1700 verdadeira batalha de vida ou morte contra ele, sob a égide do bon goût français. E quando a Inglaterra, pela mesma época, saiu vencedora da Guerra dos Sete Anos, impondo seu pesado neo-classicismo aos franceses, pareceria a todos que o Rococó estava liquidado. Na Alemanha, porém, mormente em Berlim, Munich e Wurtzburg, o Rococó encontrara a sua segunda pátria. Nahl, Cuvilliers e Bossi, entre outros, dotam o país de magníficos exemplos da arte rococó. O maior desses artistas é sem dúvida Cuvilliers (falecido em 1768), que em 1753 construiu o Teatro da Residência, onde Mozart — o maior gênio do Rococó, sem dúvida alguma — em 1781 apresentaria seu Idomeneo, Rei de Creta.

● Interessante é agora ressaltar que em Paris, onde praticamente teve nascimento, foi o Rococó sempre menosprezado. E na França, de modo geral, sua aceitação foi bem menor do que era de se esperar. Ainda hoje em dia, é o Rococó encarado, por alguns historiadores, entre os quais Hauteceur, de modo um tanto burlesco. Esse escritor quer provar que o Rococó não traduz, na realidade, o caráter nacional francês, apontando-lhe as origens em alguns estrangeiros, ou filhos de estrangeiros. O fato é que, devido a um certo desprezo demonstrado pelos franceses com relação ao estilo, muitos monumentos vazados no mais puro rococó foram destruídos, para que em seu lugar se erguessem novas construções, nem sempre, ou quase nunca, compensando tal troca.

Acha Conolly que, em se tratando de pintura, não se deve falar de pintores rococó. Contudo, se houve acaso um deles, esse foi Tiepolo, de quem os caricões ainda estarão lembrados de algumas obras expostas nessa capital, quando da Exposição «Da Caravaggio a Tiepolo», há alguns meses. Tiepolo representa, para a pintura de inspiração rococó, o mesmo que, para a Música, simboliza Mozart. Um e outro são os cumes máximos da tendência, que se pouco durou, teve pelo menos o mérito de renovar um pouco o ambiente artístico da Europa do século XVIII, entusiasmando, de resto, um sem número de artistas.



SOPHIA LOREN

SUA MÃE, ROMILDA VILLANI, GANHOU UM CONCURSO DE SEMELHANÇA FÍSICA COM GRETA GARBO, E FIGUROU NUM FILME — RODADO EM 1932 — A QUE NINGUÉM ASSISTIU.

EM 1932, quando do lançamento do filme «Grand Hotel», a Metro Goldwin Mayer instituiu um concurso destinado a escolher a jovem européia que mais se parecesse com a protagonista da película, Greta Garbo. Uma grande campanha publicitária chamou a atenção das moças de todos os países para o concurso, ao mesmo tempo em que agentes da MGM percorriam a Europa como «Talent-scouts». Cada país deveria selecionar a sua concorrente. Em Paris, todas as candidatas reunidas, seria escolhida a mais parecida com Garbo.

Também em Pozzuoli, pequena cidade italiana, chegaram os ecos do concurso. Ali vivia, em companhia dos pais e de dois irmãos, uma jovem pianista, Romilda Villani, de vinte e cinco anos aproximadamente, a quem os moradores da cidadezinha haviam mesmo apelidado de «Greta Garbo». Sabedora de suas possibilidades, Romilda, mesmo contra a vontade paterna, inscreveu-se no concurso e aguardou. Sua fotografia era

agora uma das centenas que todos os dias chegavam aos escritórios da grande companhia americana.

Um dia, a notícia correu célere pela cidade: Romilda tinha sido declarada a vencedora, na Itália, do concurso. Como tal, deveria embarcar para Paris, imediatamente, acompanhada de um familiar. A oposição paterna, contudo, dessa vez foi vencedora: Romilda teve de renunciar ao terneio. Não iria mais a Paris. Continuará a pianista de província, sem grandes planos futuros.

Porém, certa ocasião alguém lhe propôs fazer um filme, e em que condições! como protagonista. Salvatore di Bonito, diretor de pouco nome, é fato, mas idealista e ambicioso, traçava para a jovem Greta Garbo italiana os planos mais risinhos, em futuro não muito distante. O filme chamar-se-ia «Giovinezza Eroica», e se basearia num episódio da marcha sobre Roma, em 1922. Assim, talvez, um auxíliozinho oficial fôsse obtido.



ROMILDA VILLANI, que foi considerada a italiana mais parecida com Greta Garbo, em uma foto recente, ao lado de sua ultra-famosa filha, Sophia Loren. Romilda estreou um filme em 1932.

TEM A QUEM SAIR



«GIOVINEZZA EROICA», filme estrelado pela mãe de Sophia Loren, ficou sem ser exibido. Hoje, apenas seu velho produtor possui dele uma única cópia. Eis duas cenas da película. E' interessante salientar que o galã, Mario Villani, irmão de Romilda, é tio da estrêla Sophia Loren.

PROBLEMAS

Romilda Villani aceitou a proposta. Mas seu pai, sempre cioso da honorabilidade da filha (que não iriam dizer os habitantes de Pozzuoli? Uma Villani no cinema!), tudo faz para demovê-la de sua já agora inabalável decisão: será artista de cinema. Mas, e o beijo que, segundo o «script», deveria dar Romilda no galã? O pai da moça está acabrunhado, desesperado. E dirige ao cineasta Di Bonito o ultimatum: até hoje, o único homem que beijara Romilda (diz ele), fôra seu próprio pai. Nenhum outro. Assim, se quisessem que a filha aparecesse no filme, ou tirassem do enredo o beijo, ou contratassem, para o papel de galã, ac jovem irmão de Romilda, Mario Villani.

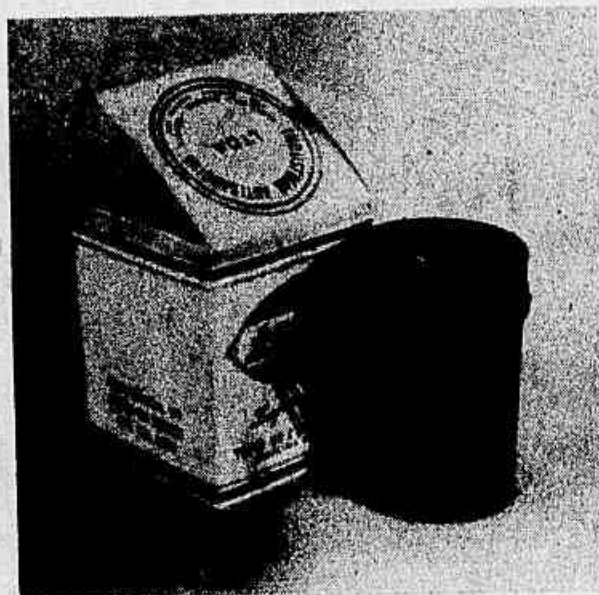
Di Bonito preferiu a segunda hipótese. E foi assim que a mãe e o tio de Sophia Loren começaram a filmar, em 1932, uma película estranha e entrecortada de dificuldades, na própria cidadezinha de Pozzuoli, ante os olhos curiosos de uma grande massa de gente, e os indignados de Papa Villani.

O ESQUECIMENTO

O filme «Giovinezza Eroica», que custou a seu diretor exatamente 525 liras, foi terminado, mas jamais chegou a ser exibido. Agora, com a imensa popularidade alcançada por Sophia Loren — filha de Romilda Villani — voltou à baila o nome de sua mãe. A ainda bela Romilda, injustamente esquecida há 23 anos, tem aparecido em várias fotografias ao lado da filha célebre, que aliás, à época da filmagem, ainda não era nascida (Sofia nasceu a 20 de setembro de 1934). O destino pregou uma peça em Romilda Villani; mas, com a popularidade da filha, aquela que foi considerada a mais perfeita sósia de Greta Garbo, em sua época, já está devidamente recompensada.



Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



QUEDA DOS CABELOS

Calvície precoce

JUVENTUDE
ALEXANDRE

INSUPERÁVEL

Há cinquenta anos

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

não aconselha mudanças nem viagens,
especialmente as aéreas. Há perigo de
acidente coletivo e de prejuízos. O mel-
hor é deixar passar a onda.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Sua vida
sentimental vai entrar num período muito
harmonioso. A semana será esplêndida
para o reatamento de relações amorosas,
para noivados e casamento. Entre os
cônjuges haverá entendimento perfeito.

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — O equilíbrio
de sua vida doméstica poderá ser rom-
pido graças à maledicência de parentes.
Cuidado com os vizinhos, pois há perigo
de desentendimento com os mesmos, no-
tadamente nos dias 16 e 18.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) Os dardos
do Escorpião poderão feri-lo pelas costas,
traçoeiramente. O período não aconselha
associação de interesse nem ação con-
junta. Atue só, tão isolado como pos-
sível.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Aco-
mode-se com a situação que surgir, pois
o leitor estará, nos próximos sete dias a
pique de uma modificação substancial
nos rumos do destino, modificação apa-
rentemente desfavorável, mas aceitável e
boa mesmo, nos seus efeitos.

★ CAPRICÓRNIO (24/5 — 22/7) — Os
influxos reinantes na próxima semana
serão os mais favoráveis. Aproveite a
oportunidade para dar realidade às
idéias já amadurecidas, aos projetos de-
vidamente estudados. Os astros o aju-
darão.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O novo
período não se presta para o início de
tratamento médico nem para internação
de qualquer espécie. A semana, não
obstante, favorecerá seus negócios e lhe
dará facilidades no que empreender.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — A semana
será favorável à assinatura de contrato,
à emissão de títulos e aos empréstimos.
Os negócios a prazo também estarão
bem amparados, o mesmo acontecendo
com as mudanças de emprêgo. O influxo
será bom, de um modo geral.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 14 E 20 DE JANEIRO
DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — A sema-
na terá para o leitor uma movimentação
fora do normal. Fatos inteiramente novos
lhe modificarão de certo modo as con-
dições de vida, para melhor, felizmente.
A fase será de alguma transformação
de superfície, como se poderia dizer.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Não se
aventure a qualquer inovação nem nos
métodos de trabalho nem nos meios de
que dispõe para viver. O leitor estará
sujeito, na semana em pauta, a erros
incorregíveis e de pesadas consequên-
cias.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os me-
lhores dias da semana, no seu caso,
serão 14, 17 e 19. Nessas dias poderá,
até, fazer sua *fazenda*, pois estará des-
frutando um ótimo clima planetário em
todos os setores de concurso do seu
horóscopo.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — O perío-
do que se anuncia será de solicitações
constantes e de propostas, algumas até
tentadoras. Não resolva nada de afoga-
dilho, porém. O ambiente astral reclama
calma, reflexão e muito cuidado em
tudo o que fizer.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — A semana,
sob o ponto de vista do influxo dos astros

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro, 14	—	Justiniano	—	Justa.
" 15	—	Jeremias.	—	Eli.
" 16	—	Tasso	—	Célia.
" 17	—	Alvino	—	Everalda.
" 18	—	Evel	—	Albertina.
" 19	—	Sidônio	—	Sandra.
" 20	—	Alberto	—	Sofia.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Janeiro, 14	23°	18'	10"	(Signo do Capricórnio)
" 15	24°	19'	19"	(" " ")
" 16	25°	20'	27"	(" " ")
" 17	26°	21'	34"	(" " ")
" 18	27°	22'	40"	(" " ")
" 19	28°	23'	46"	(" " ")
" 20	29°	24'	51"	(" " ")

BARBEIROS DE GENTE FAMOSA

ÊLES SABEM MAS...

...NÃO QUEREM DIZER

QUANDO A PROPALADA TAGARELICE DOS «FIGAROS» DESAPARECE E ÊLES FALAM POUCO E PRUDENTEMENTE... ★ JANGO GOSTA DE FUTEBOL E TORCE PELO VASCO ★ CORTARAM A «PÉRA» DO SENADOR QUE NÃO DAVA GORJETA... ★ O BARBEIRO QUE FAZ MINISTROS ★ E A MAIOR: QUEM FAZ A BARBA E O CABELO DE JUSCELINO É O ADEMAR!

Os barbeiros, para quebrar a monotonia de sua tarefa (ou até mesmo para angariar freguesia), são mais palradores do que papagaio quando aprende a falar. Entretanto, quando chamados a depor sobre sua clientela, os figaros se fecham em copas. É difícil arrancar-lhes qualquer coisa. Assim aconteceu na barbearia do Jôquei Clube, quando todos os profissionais dali se recusaram a declarar pequenos hábitos e, inclusive, os nomes dos seus fregueses, alegando (entre outros motivos fúteis) que não era de bom alvitre bater com a língua nos dentes em pleno estado de sítio... Outros, entretanto, se prestaram gostosamente a colaborar para a feitura desta reportagem fazendo revelações interessantíssimas.

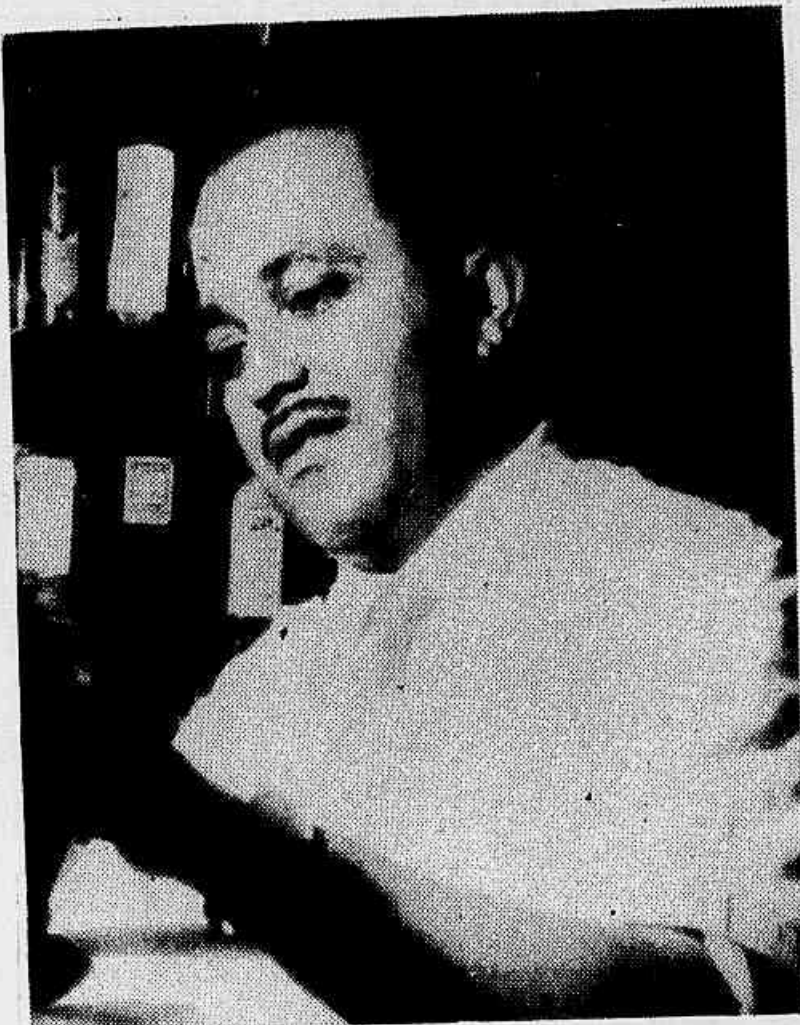
Reportagem de MILTON SALLES

Fotos de ALBERTO FERREIRA



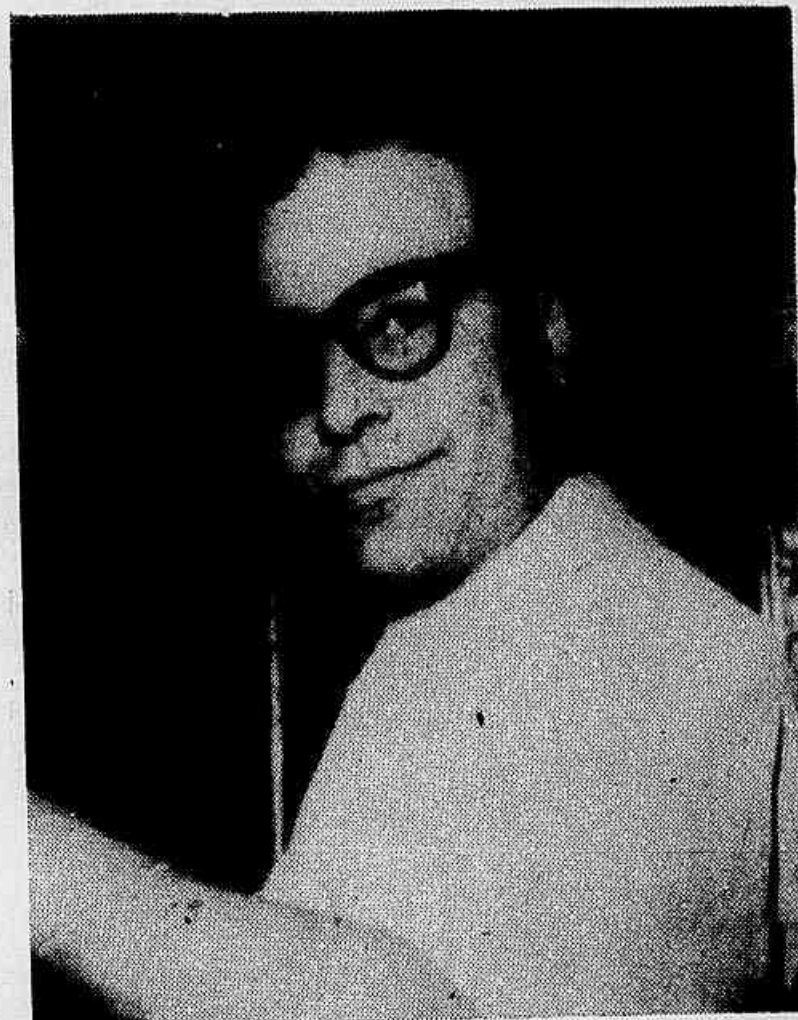
CONVERSAR SOBRE POLITICA É CANSATIVO

Outro que tem uma boa freguesia de destacadas personalidades políticas é o barbeiro Aníbal Mendonça. Orgulhoso, ele cita: Souza Naves, presidente do PTB, Pinto Aleixo, Pio Borges, Nilton Brandão, quase toda a bancada pernambucana da Câmara Federal, além do marechal Mascarenhas de Moraes e o pintor Santa Rosa. Aníbal detesta palestrar sobre política com político, porque acha que isso cansa muito os seus fregueses. Assim, quando o sr. Souza Naves (cliente de 7 anos) vem fazer o cabelo ou a barba, conversam sobre os mais variados assuntos, já que o dirigente máximo do Partido Trabalhista Brasileiro é muito brincalhão. Apon-tar, dentre eles, o que dá melhor gorjeta, o figaro do Salão Teresinha considera tarefa das mais difíceis. Jeitosamente, confessa que todos o gratificam direitinho para não descontentar a nenhum deles... Voltando a falar no sr. Souza Naves, declara com a boca cheia que ele será o Ministro do Trabalho do sr. Juscelino Kubitschek, asseverando que sua gestão há de ser das mais brilhantes, já que sabe e tem capacidade para resolver os problemas afetos àque-la pasta. «Será um ótimo ministro».



O EX-PRESIDENTE FALA POUCO

Cipriano Júnior (do Salão Darke) é há cerca de oito anos o barbeiro predileto do deputado baiano Vieira de Melo, que está sendo apontado como o provável líder do PSD na legislatura vindoura. Evita conversar sobre política com o parlamentar da boa terra, limitando-se a pa-lestrar sobre futebol, pois o congressista é tor-cedor doente do Flamengo, vibrando ou sofren-do com as vitórias ou derrotas do Mengo. Outro cliente de Cipriano é o ex-presidente Carlos Luz. Este, porém, fala pouco, limitando-se a co-mentar assuntos ligados à Caixa Econômica (localizada perto do Salão Darke), da qual tam-bém foi presidente durante algum tempo. Já o sr. Batista Luzardo, que também prefere cortar o cabelo com Cipriano, adora falar sobre o fi-nado sr. Getúlio Vargas. Com aquele seu jeitão franco de gaúcho, não poupa encômios à obra do criador do Estado Novo, lembrando com acentuada saudade acontecimentos da época em que imperava o getulismo. O barbeiro, entretanto, não expende comentários sobre o que dizem seus três importantes fregueses, pre-ferindo manter-se calado. Mesmo porque não se julga apto a discutir política.



«SOU AMIGO DO AMIGO DE CAFÉ FILHO»

Há 15 anos, muito tempo antes, portanto, de ter o seu nome nas manchetes dos jornais, o dr. Raimundo de Brito é freguês do barbeiro Abílio Monteiro, do Salão Itajubá. Português com muitos anos de Brasil, mesmo assim não se julga com o direito de discutir a política do país, por isso não fez (nem faz) qualquer per-gunta sobre o assunto ao médico do sr. Café Filho. Entretanto, fala com muito orgulho das atividades do seu antigo freguês. Relembra sua obra no Hospital dos Pescadores, seu trabalho na organização da Cruz Vermelha Brasileira e o que fez no IPASE. Como bom amigo (que se considera) do dr. Raimundo de Brito, Abílio fi-cou triste com a tristeza do cliente quando o Congresso aprovou o impedimento do sr. Café Filho. O figaro faz questão de afirmar que não considera o seu ilustre freguês um político na verdadeira acepção da palavra, já que, como tal, não poderia fazer uma décima parte do que fez em favor dos funcionários públicos. Mes-mo sabendo da alta posição do dr. Raimundo Brito, envaidece-se de não lhe ter feito o menor pedido, fôsse para ele próprio, fôsse para al-gum amigo necessitado.

ENQUANTO OS CLIENTES FALAM, ELE OUVI



Outro que tem entre sua clientela destacadas personalidades políticas, é o barbeiro Waldir Francisco Lima (do Salão Embaixador). Os senadores Alvaro Adolfo, Jarbas Maranhão e Freitas Cavalcanti e vários deputados são seus fregueses há muito tempo, mas jamais se encorajou a discutir política com qualquer um deles. Atende a udenistas e pessedistas com a mesma classe e ouve (e guarda) a opinião de cada um deles, mas não se sente encorajado a comentá-las. Além dos

citados parlamentares, sentam-se na sua cadeira para cortar o cabelo ou barbear-se Luís Iglésias, Osvaldo Ulloa, Colé, toda a família Berardo (com exceção do deputado Rubens), o usineiro Antiógenes Chaves e muita gente endinheirada. Seu cliente mais antigo, entretanto, é o senador Alvaro Adolfo, ao qual serve há cerca de 10 anos. Não destaca este ou aquele no que se refere a gorjeta, como também não aponta o mais exigente. Diz que quando o freguês se habitua com a maneira do barbeiro trabalhar, deixa de ser exigente. Waldir assevera que atende a todo o cliente com a mesma atenção, mesmo que saiba ser ele incapaz de dar-lhe uma boa gorjeta...

ADEMAR FAZ A BARBA DE KUBITSCHKE



Ademar Múcio (proprietário do Salão Olímpico) é quem escanhoa e corta o cabelo do sr. Juscelino Kubitschek. Mas não gosta que se divulgue este fato, argumentando que quem precisa de cartaz são os seus empregados. E cita: «Entre os meus fregueses tenho a honra de incluir os senhores Antônio Balbino, Lútero Vargas e muitos outros de destaque na política brasileira, mas, pelo amor de Deus, não digam que o futuro Presidente da República é meu cliente. Tenho receio de que

ele não gostaria disso. Poderia pensar, com razão, que estou me aproveitando do seu nome para fazer publicidade do meu salão». Depois revelou que sempre recebeu do sr. Juscelino Kubitschek as maiores provas de gentileza, desde o tempo em que ele era deputado. Não queria arriscar-se a dizer que Juscelino era seu freguês antes de receber consentimento para isso. Muito cauteloso («por favor, não publiquem nada disso»), o artista da tesoura Ademar Múcio afirmou ainda que o futuro Chefe do Governo é um exemplo de cortesia e delicadeza que jamais, nem mesmo no aceso da campanha sucessória, conversaram sobre política. «Por isso (finalizou), vibrei com sua eleição».

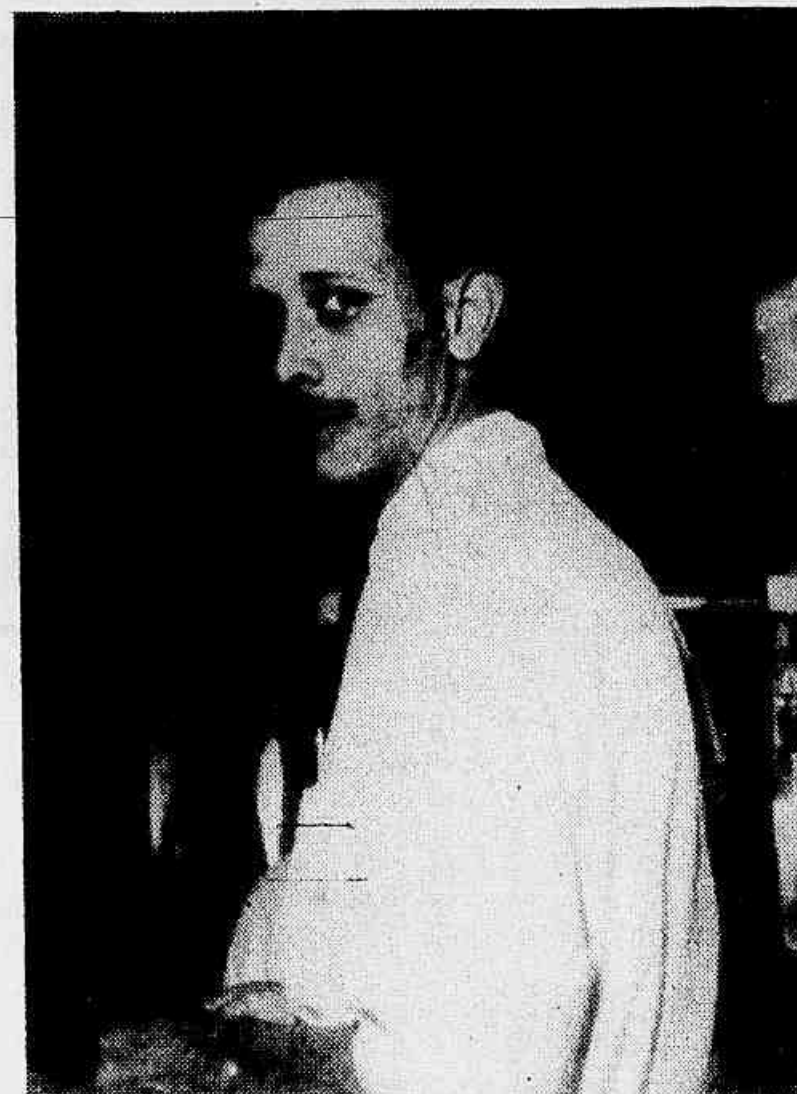
O BARBEIRO QUE NÃO RECEBE GORJETA



José Henrique da Fonseca (barbeiro do Ministério da Guerra) atende ao general Henrique Teixeira Lott há um ano e pouco. De 15 em 15 dias, religiosamente às 5 horas da tarde, comparece ao gabinete do titular da pasta da Guerra para cortar-lhe o cabelo. A barba, o general faz em sua residência (ele próprio) de acordo com um velho hábito. Confessa que jamais viu o valente cabo de guerra aborrecido, mesmo depois do 11 de novembro. Aconteça o que acontecer, mantém a linha. E, apesar de

tudo, alegre. Acredita que fala pouco em face de suas atuais ocupações, notadamente agora, quando suas responsabilidades aumentaram enormemente. Está sempre calmo e cortês. Além do general Lott, José Henrique atende a todos os oficiais do gabinete do ministro da Guerra. Todos palestram muito pouco, limitando-se na maioria das vezes a fazer perguntas sobre o tempo. Nunca, porém, falam sobre política ou sobre a situação do país. Detalhe interessante é que, apesar de ser um barbeiro que não recebe gorjeta (pois é pago pelo Ministério), todos os oficiais (principalmente o general Lott) não deixam de dar-lhe uma boa gratificação.

ANSELMO DUARTE É O MAIS EXIGENTE



Aldérico Oliveira Sarmiento faz a barba e o cabelo de Ari Barroso há uns 4 anos. Durante todo esse tempo tem ouvido com muito bom humor o autor de «Aquarela do Brasil» contar as maiores maravilhas do Flamengo. Ari é o seu freguês mais conversador. Não pára um minuto silencioso na cadeira, principalmente quando acontece o Flamengo dar um «banho» num grande, como aconteceu no último Fla-Flu. O homenzinho é todo vibração e contentamento. Já o Anselmo Duarte, também seu cliente de

longa data, não é tão palrador mas é exigente. Aldérico (do Salão Glicério) dá o desconto, pois o homem é o mais popular galã do cinema brasileiro e, por isso, precisa cuidar com muito carinho da aparência pessoal. Outro bom freguês é o comediante Mesquitinha, um exemplo de fidalguia e cavalheirismo como os demais. Ainda a propósito de Ari Barroso, Aldérico afirma que gostaria imensamente de polemizar com ele sobre futebol, mas acontece que, como botafoguense, não tem o gostinho de ver o seu clube triunfar sobre o Mengo... Revela ainda que não foi ele (embora o fizesse de bom grado) quem derrubou o célebre bigode de Ari...

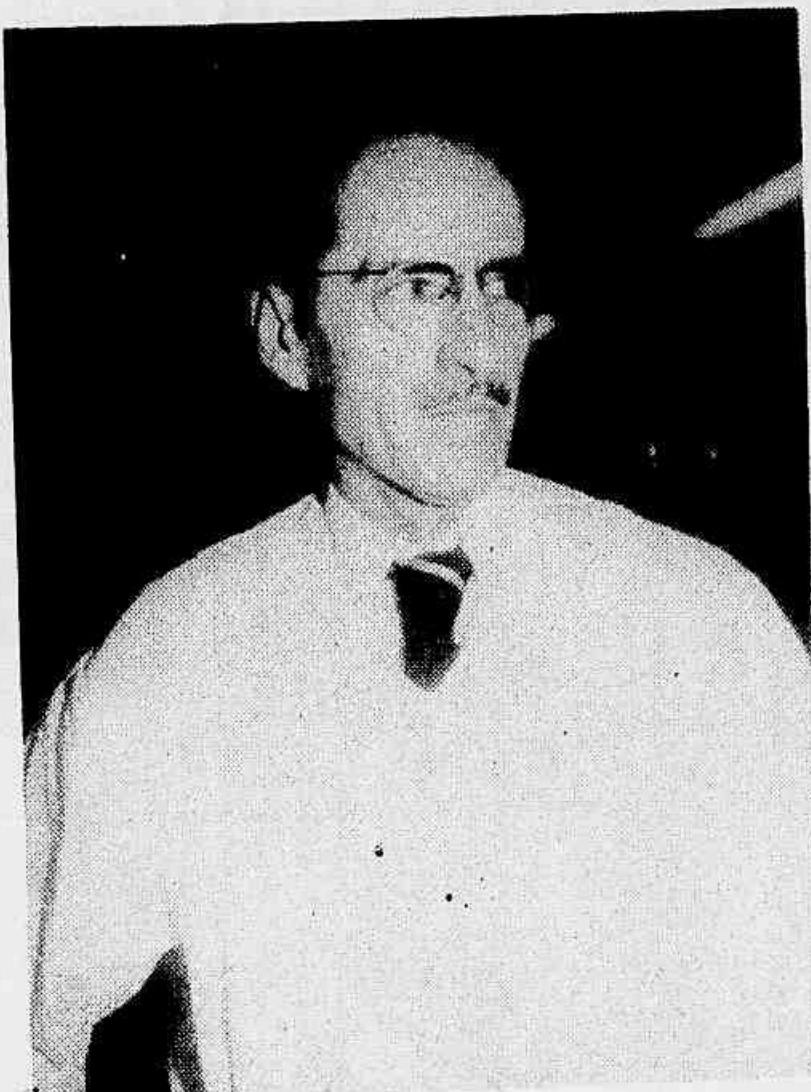
O BARBEIRO QUE FAZ MINISTROS



No Salão Regina (onde trabalha há muitos anos), o barbeiro João Rodrigues tem o apelido de «o figaro que faz ministros». Assim é que os srs. Hugo de Faria, Jango Goulart e Eduardo Catalão (seus fregueses de longa data) foram ministros de Estado. Dos três, o mais antigo é o sr. Hugo de Faria, que há 15 anos senta-se na mesma cadeira para fazer barba e cabelo. O vice-Presidente da República eleito é seu freguês há 4 anos, mas já está incluído no rol dos seus bons amigos. Quando o seu xará

aparece para cortar o cabelo, João fica num estado de euforia invejável, isto porque Jango adora falar sobre futebol e, como ele, torce pelo Vasco da Gama. Aliás (quem faz questão de frisar é o figaro do Regina), Jango é criatura das mais afáveis, sem preconceitos de qualquer espécie e, o que é mais interessante, como os seus outros clientes é de uma prodigalidade a toda prova na hora de dar a gorjeta. Sobre política, o figaro João Rodrigues não se lembra de ter conversado com seus fregueses, mesmo porque (modestamente) considera-se incompetente para discutir assuntos políticos com tão destacadas personalidades.

«BONS FREGUESES SÃO OS COMERCIANTES»



Desde 1929 o barbeiro José da Silva Manta (do Salão Leader) serve ao coronel Eurico Souza Leão, político que já foi da copa e cozinha do mariscal Eurico Dutra. Já o afoito senador Magalhães Barata é seu cliente desde 1934. Ocasionalmente atende ao locutor Oduvaldo Cozzi e ao governador do Amapá, Janari Nunes, quando este se encontra no Rio. Mas é sobre o senador Barata que o figaro Manta gosta de falar. Isto porque o parlamentar paraense fala pelos cotovelos, principalmente sobre

política. É de uma sinceridade a toda prova, não escondendo nada ao seu barbeiro de 20 anos. Mesmo diante do resultado adverso das urnas, o senador Magalhães Barata confessou-lhe que já se considera governador do Pará, pois tem certeza que triunfará nas eleições suplementares. Manta sabe de muitas outras coisas colhidas em retalhos de conversa, mas, habilidosamente, prefere silenciar sobre elas. Não tem queixas de seus fregueses políticos, porém, diante do que tem visto acontecer com outros colegas, acha que os comerciantes é que são os melhores fregueses, pois na hora da gorjeta sabem recompensar o trabalho do figaro.

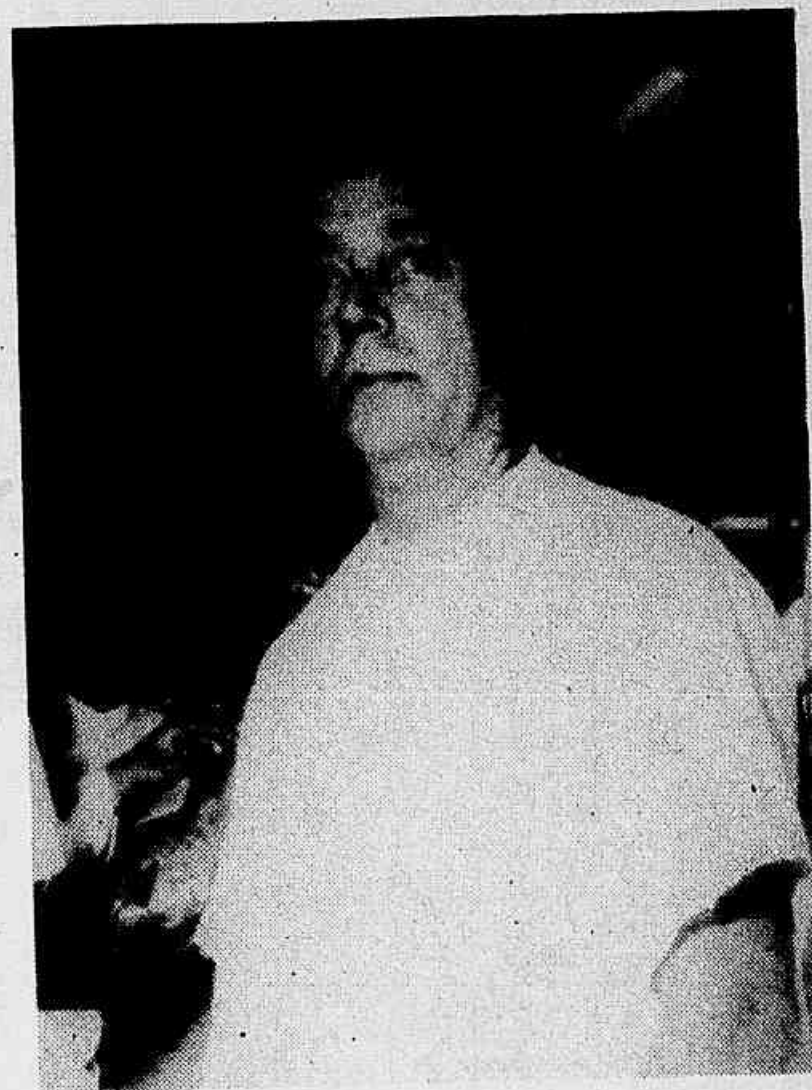
É FLUMINENSE, MAS TORCE POR ZEZE

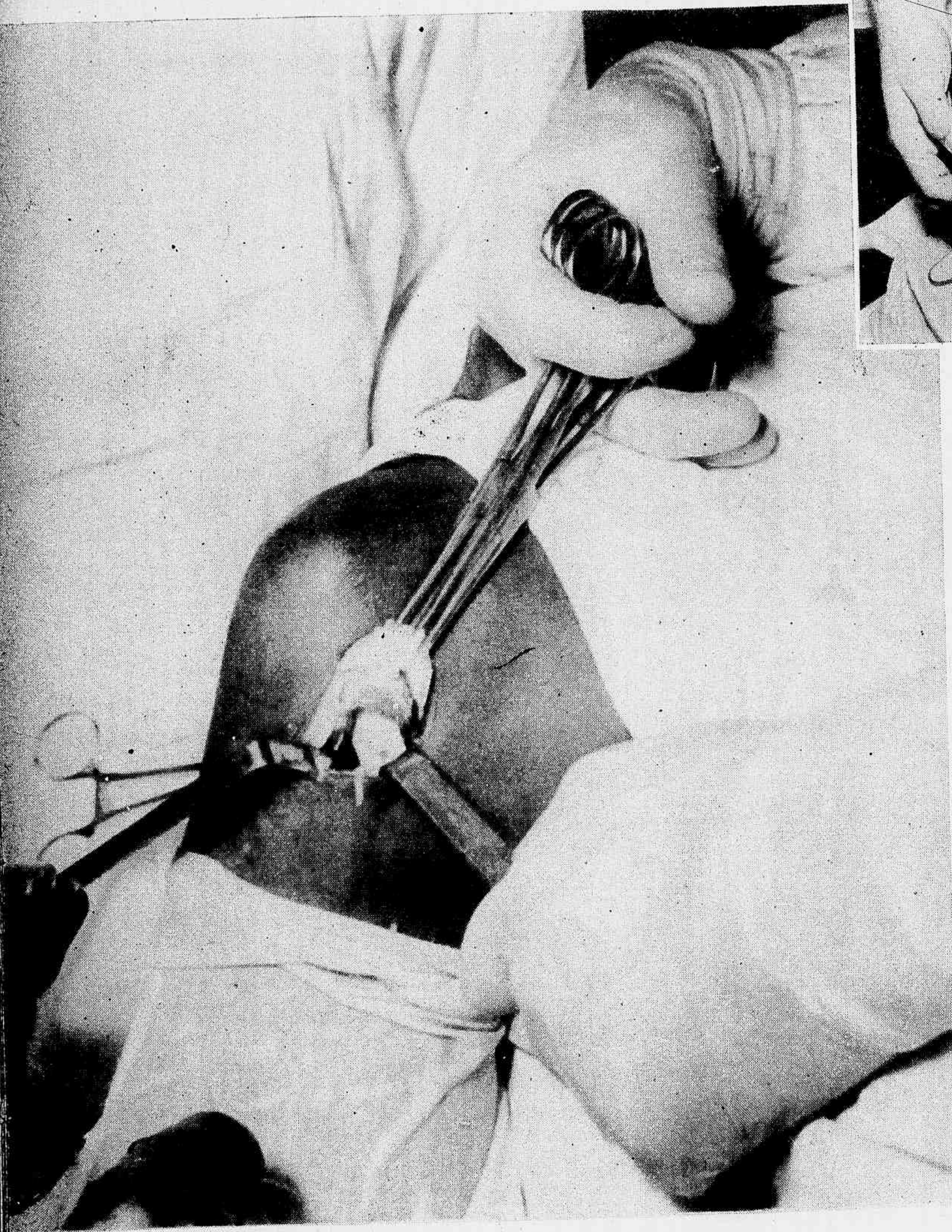
Francisco Pellegrino (o Chico do Salão Sul-Riograndense) é o barbeiro que há quase 20 anos corta o cabelo e escanhoa a face de Zezé Moreira. Diz orgulhosamente que Zezé mora no lado esquerdo do seu coração, por isso ficou a borrecido quando o Fluminense (seu clube) deixou-o ir embora. Defende o técnico com unhas e dentes, afirmando que ele não teve culpa de perdermos a Copa do Mundo disputada na Suíça e que a marcação por zona é um grande sistema, digam o que disserem. Quando Zezé foi ao Chile disputar o Pan-Americano, Chico disse-lhe: «Vá e traga a faixa de campeão». Pela amizade que dedica ao cliente, quando jogam Fluminense e Botafogo, o figaro torce desesperadamente por Zezé. «Apesar da chateação dos colegas, vale a pena perder para um quadro dirigido por Zezé Moreira». Vibrou com os feitos botafoguenses na Europa e acha que, sob a orientação do seu amigo, o alvinegro ainda conseguirá entrar na sexta vaga para o terceiro turno. Orgulha-se quando ouve dizer «aquele é o barbeiro do Zezé» e defende o freguês com unhas e dentes quando alguém o ataca. Além disso, Zezé Moreira dá boas gorjetas...



CORTARAM O CAVANHAQUE DO SENADOR

Um dos bons fregueses do barbeiro Pedro Alô (do Salão Leader) é o deputado Tenório Cavalcanti. Há cerca de 20 anos o valente parlamentar de Duque de Caxias é cliente da casa, porém Alô só o serve há relativamente pouco tempo. Outro que prefere o seu trabalho é Orlando Silva. Este, porém, segundo o depoimento dos figaros do Salão Leader é um dos fregueses mais pão-duros, já que há 17 anos gosta de aproveitar o restinho dos frascos de perfume para não ter que pagar... Aliás, por falar nisso, Alô lembrou o caso de um senador que não dava gorjeta. Um dia caiu nas mãos de um colega seu e este, por vingança, cortou-lhe a metade do cavanhaque. Desde então, o político passou ao largo... Ainda sobre Tenório, revelou o barbeiro que durante algum tempo (há anos) ele não ia ao Salão Leader cortar o cabelo, a fim de evitar encontrar-se com o falecido Albino Imparato, que também era cliente da casa. Somente depois dos lamentáveis acontecimentos de Duque de Caxias é que o deputado udenista voltou a frequentar a cadeira de Pedro Alô com a costumeira assiduidade. E a tranquilidade voltou a imperar na barbearia...





E ERA UMA VEZ UM MENISCO

PELAS FOTOS realmente impressionantes que aqui publicamos, uma deixando ver a careta de dor do fabuloso «crack», outra fixando o exato instante em que o cirurgião dr. Paulo San Thiago procedia à extração do famigerado menisco, podem os leitores ver que não foi brincadeira a intervenção cirúrgica a que vem de ser submetido, após muita relutância, o popular meia direita Rubens, o «doutor» Rubens, bacharel em «letras» e em «dribles» pela Universidade do Flamengo. Não era de hoje que o menisco do rapaz vinha dando mostras de evidente má vontade. O jogador, porém, obstinava-se em conservá-lo, talvez temendo o bisturi do médico. Agora, enfim, depois de ter caído assustadoramente de produção, Rubens aquiesceu em ser operado. Menos um menisco rubronegro na face da terra. E menos um bom valor, também, para defender o «Mengo» nesse fim apertado de Campeonato.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGENCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 2 — Rio de Janeiro — 14-1-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães A. Mendes,**
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

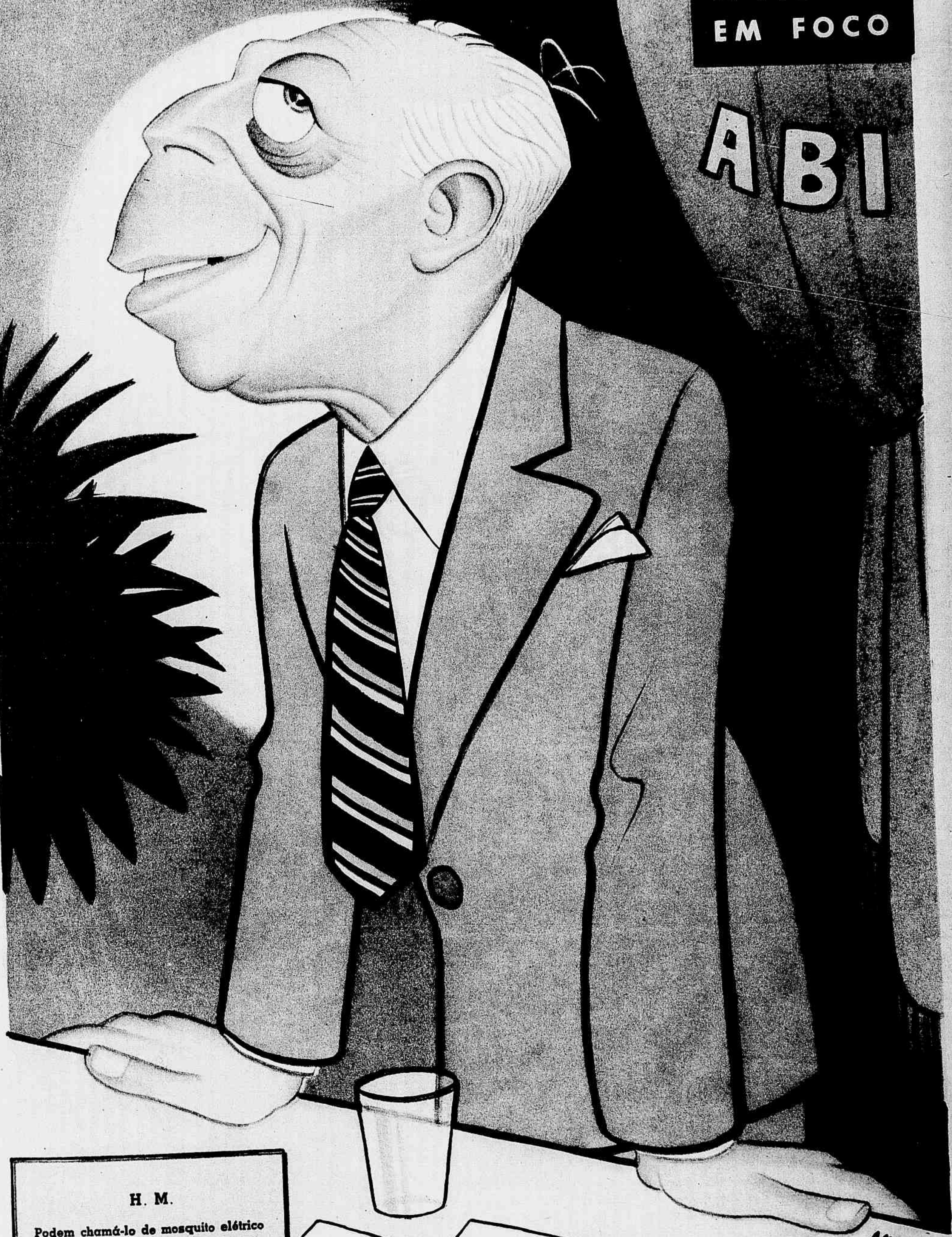
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA
EM FOCO

ABI



H. M.

Podem chamá-lo de mosquito elétrico
Ele, nem nada! Pouco está ligando!
O tempo vai correndo, quilométrico...
E ele na A.B.I., continuando...

MEN
DEZ

SINHÔ trabalha pra esse jornal, né? Será que as pessoas que lê o jornal se interessam pelo que eu fiz? Mesmo pro seu delegado só interessa se vê livre de mim... Depois, todo dia acontece dessas coisas...

Fico satisfeito de poder contar minha história. Eles não deixam eu falar... Vou pegando a fala e eles já: isso assim, assim? Já sabe: eu me embaraço todo. Me interrompeu, eu embarafundo tudo. Até que conto direito como é que foi. Mas eles não quer ouvir, não escutam, paciência. Eu preciso é falar. Fui contando aqui a coisa e seu delegado resmungou:

— Diga uma vez: ela era sua perdição, por isso você arresoveu dá sumiço nela, né?

— Eles não quer saber nada... Basta eu tê matado. Isso é tudo.

Enquanto eu vivi com Madalena fui direito como nunca fui. Arrumei emprego honesto...

Madalena não era uma beleza... Conheci outras mais bonitas. Mas a Madalena tinha uma coisa, não sei bem que era, mas que dava pra virar completamente a cabeça dum homem. Quando ela aparecia, as outras se danavam. Seus olhos se esqueciam delas só de olhar pra Madalena... E quando ela sambava? Quando ela sambava... Então naquele samba... Como é? Um que também fala numa Madalena... Me esqueço... Ora... Ah, aquele: «se ela fô sambá em Madureira eu também vou, mas só vou se a Madalena fô...» Hum, a respiração dos negros chegava a pará... Fazia um silêncio. Só ela cantando, as cuícas roncando, os tambores tamborinando morro aí fora... E a turma embasbacada no diz-que-vai-mas-não-vai daquele corpo...

Não tem ano que eu vi Madalena pela primeira vez. Foi no Carnaval. Ela vinha como portabandeira dum bloco aí. Se Madalena gostou de alguém, tenho fé que foi de mim. Se ela gostou de mim foi só porque eu fui diferente dos outros. Do Manel, o português da venda lá do morro, que tinha uns bigodes enormes, com ponta pra cima. Quando ela achava ruim comigo, me dizia:

— É pena que tu não tenha um bigodão como Manel pra te puxar toda vez que tu fala besteira...

Fui diferente do Joca, o goleiro do clube lá do morro. Do Rufino, o lixeiro, que contava história e mais história no tempo em que os dois eram um, como ela dizia... Se dois pode ser um, então eu e ela é que fomos; eles nunca se lembraram de perguntar donde ela era, que é que tinha feito, nem nunca pediram pra ela casar... E olha que foram muitos... Eu acho que não houve letra no abecedário que não deu nome pra Madalena... Foi caxero, lixeiro, pedreiro, malandro...

Lá um dia me contou seu caso, que fez ela ficar assim... Antes de contar, ficou um bocadinho quieta, com os olhos grandes e parados, como quem olha coisa que ninguém vê.

Filha só de mãe, cedo, pegou no pesado, como pobre que não quer pedir esmola. Se empregou numa casa em que a patroa explorava as empregadas até dizê que chega. Que nem a patroa, os marmanjos, filhos dela, exploravam as pobres também, lá a seu modo... Resultado: com tanta exploração, ela só podia sair explorada. Começou a bater perna por aí aí fora, de canela fina e barriga grande. Sem saber se o espanto que vinha era filho de Pedro ou João... Isso nem interessava.

Eu não sei... Qualquer coisa me diz que Madalena ria por rir, sambava por sambá, vivia por

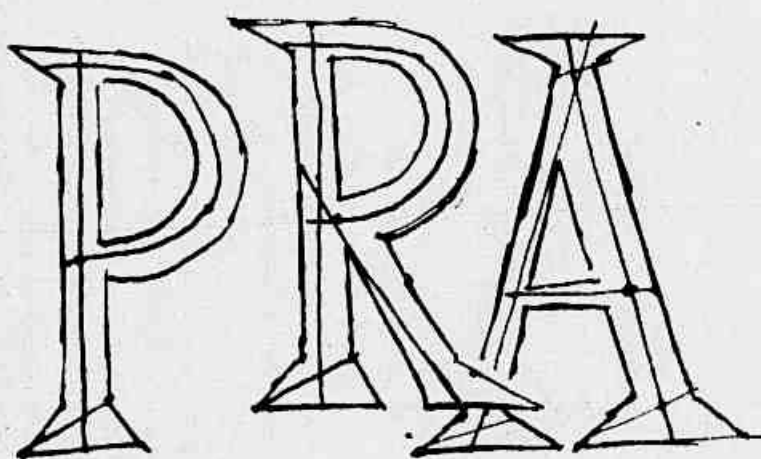
viver. Ela não sentia o riso, não sentia o samba. Tenho certeza. Ela sambava, ela ria, como toda gente respira. No fundo, bem no fundo, ela sofria... Bastava vê o olhar. Podia sambá, se requebrar, mostrar todos dentes brancos... O olhar ficava o mesmo: paradinho. Eu tinha cá comigo que muita vez Madalena olhava e não via nada. No começo, quando eu via ela olhar assim, ficava saído: será que ela tá zangada comigo? Tem carinho, até dinheiro, o mais difícil de se arrumar... Depois, toquei a pensar que aquilo era doença na vista. Era o jeito dela olhar, isso sim. Olhar maluco. Mas que chamava a gente que nem o samba dela.

Nunca consegui saber como era mesmo Madalena. É como se a gente quisesse pegá nela e ela escorregasse pelos dedos. Muita vez nós dois agarrados, eu pensava: ela é minha. E lá tava ela de olhar parado, fugindo de mim. Me lembrava logo da minha velha. Eu era guri. Uma vez ela tava lavando roupa, e eu junto, tentava em querê segurá a água. Pensava que tinha pego e a maldita escorria. A velha apercebeu e riu. Não esqueci mais aquele riso. Toda vez que eu luto por conseguir uma coisa e não consigo, eu escuto aquele riso... Madalena era esquisita. Sem fazer comparação, ela era como o céu em certos dias. Uma cor que a gente não sabe qual é... Parece branco, parece cinza...

Quis casar com Madalena. Quis casar como faz a gente dirêta. Eu queria ficar dirêto depois que conheci Madalena. Dantes, não me importava.

Querida ela pra mim e tinha medo de se castigado por Deus. Voltei a tê medo de Deus. Nosso Sinhô... No tempo de guri, cansei de ouvir:

— Menino, não faz isso, senão Deus castiga. Volta e meia, lá vinha um «Deus castiga». É como eu me lembro mais de Deus... Pra ela protegê eu e Madalena, é que eu quis ser dirêto. Fazê tudo dirêto... E tinha esperança que ela ficasse dirêta também.



Conto de RENATO ROCHA SANTOS

A primeira vez que eu falei em casar, até cuidei que Madalena acetava... Hoje tô convencido que a cara que ela fez naquele dia, foi só porque nunca ninguém pediu pra ela casar. É, foi isso. Se o sinhô visse a cara dela... Eu falei manso, bem manso, mais manso que de costume. Ela escutou. Quis rir com a boca. O riso não saiu. Os olhos arregalaram mais. Depois ficaram paradinhos. Eu esperei. De repente, Madalena riu o riso forçado que não conseguiu rir antes. Se sacudia toda, parecendo que o riso era samba. Deu o contra, com aquele jeito, de boca risonha, com olhos parados, dizendo pra eu não pensar mais em bobagens...

Falei muito em casamento pra Madalena e ela nada. Eu firme em querê, ela firme em não querê. Um dia perguntei pra ela:

— Tu quer continuar nessa vida, mulhé?

— Que vida, pode me dizê?

— Nessa vida... Hoje tá aqui com um, amanhã tá lá com outro...

Ela respondeu duro:

— Que é que você tem com minha vida? Trate de aproveitá sua vez... Faça que nem todos...

Outro dia, ela falou:

— Tu quer saber uma coisa? Não quero mudar de vida. Não posso. Eu gosto de você. E não ficarei com você. No dia que arresovê vou m'im-bora. Hoje, amanhã, depois, qualquer dia...

Calô, eu quieto. Então querendo fazer troça, disse:

— Se eu não canso, quem cansa é você.

Nunca mais se falou no casamento.

Depois, não sei, toda hora aquilo me cantava no ouvido que nem os sambas que eu gosto: «No dia que arresovê vou m'im-bora. Trate de aproveitá sua vez...» Como? Me faltava o gosto... «Faça que nem todos», eu queria ser diferente...

Desde eu fiquei que nem o ladrão que vigia o colega, com medo de uma falseta... Vigia a Madalena. Querida saber com quem ela iria m'im-bora.

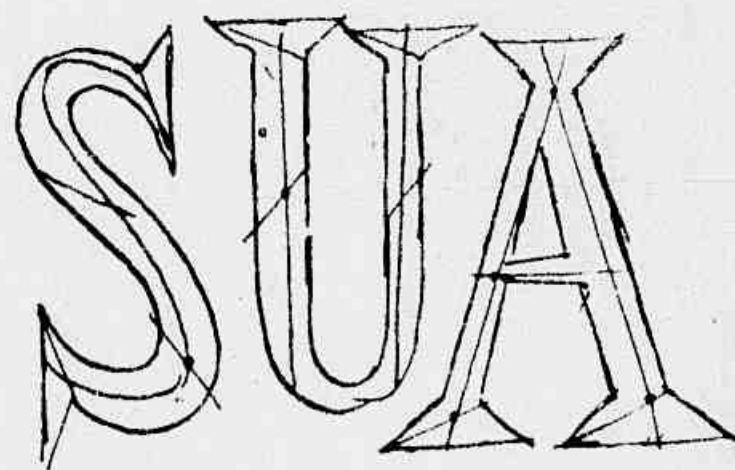
Me perguntava logo, assim que via um homem passar perto:

— Será com esse cara?

Nem dormia mais direito... Muita vez eu acordava assustado procurando ela junto de mim. E também muita vez eu acordava com a mão enrolada no corpo dela, agarrando...

Pensei muito cá comigo. Achei que a morte era remédio. Eu não podia perdê Madalena. Eu não podia viver com Madalena morta. Eu não podia morrer com Madalena viva. Pra me matar tinha coragem. Pra matar Madalena, isso não sabia.

Na noite de antes de ontem pra ontem, eu sonhei que ela havia ido m'im-bora. Sonhei a mesma coisa toda a noite. De manhã, quando acordei, ela não tava do meu lado... Fiquei gelado. Corri pra fora: a lata d'água tava lá. Ela, não. Chassei.



Desenho de JERONYMO RIBEIRO

mei. Nada. E pra ser boazinha se deu o trabalho de buscar água antes, disse pra mim. Me detei de novo, chumbado. Pensei tanta coisa num tempo pequeno... Barulho na porta. Madalena entra com as compras. Me mostrou feijão, farinha, pão.

Levantei e saí. Não fui pro emprego. Fiquei andando de venda em venda, lá por baixo, no morro. Todo mundo me olhando, com uma vontade louca de perguntar se eu tinha voltado pra vida antiga...

Comprei uma faca de ponta. Tá com seu delegado. O sinhô pode vê... Nessa noite tinha de morrer eu e ela.

Cheguei no barracão, já começava o cri-cri chato e gostoso dos grilos. Madalena tava na porta olhando pra cidade, com os olhos bem parados... Apertei ela com força. Enterrei a faca até no cabo. Os olhos dela paradinhos, olhando coisa que ninguém pode vê...

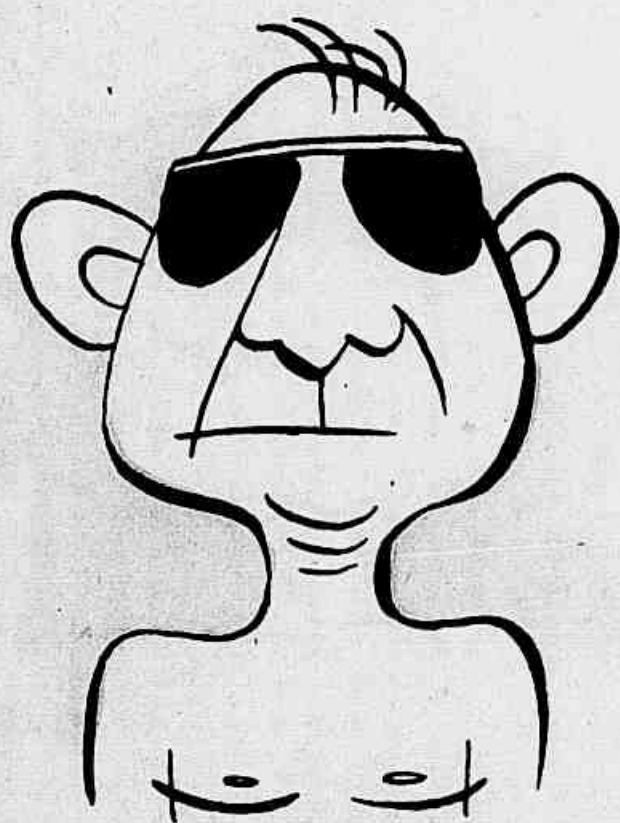
Eu? Eu perdi a coragem pra me matar.



FORTUNA

(armando a barraca) **APRESENTA**

Verão na Praia

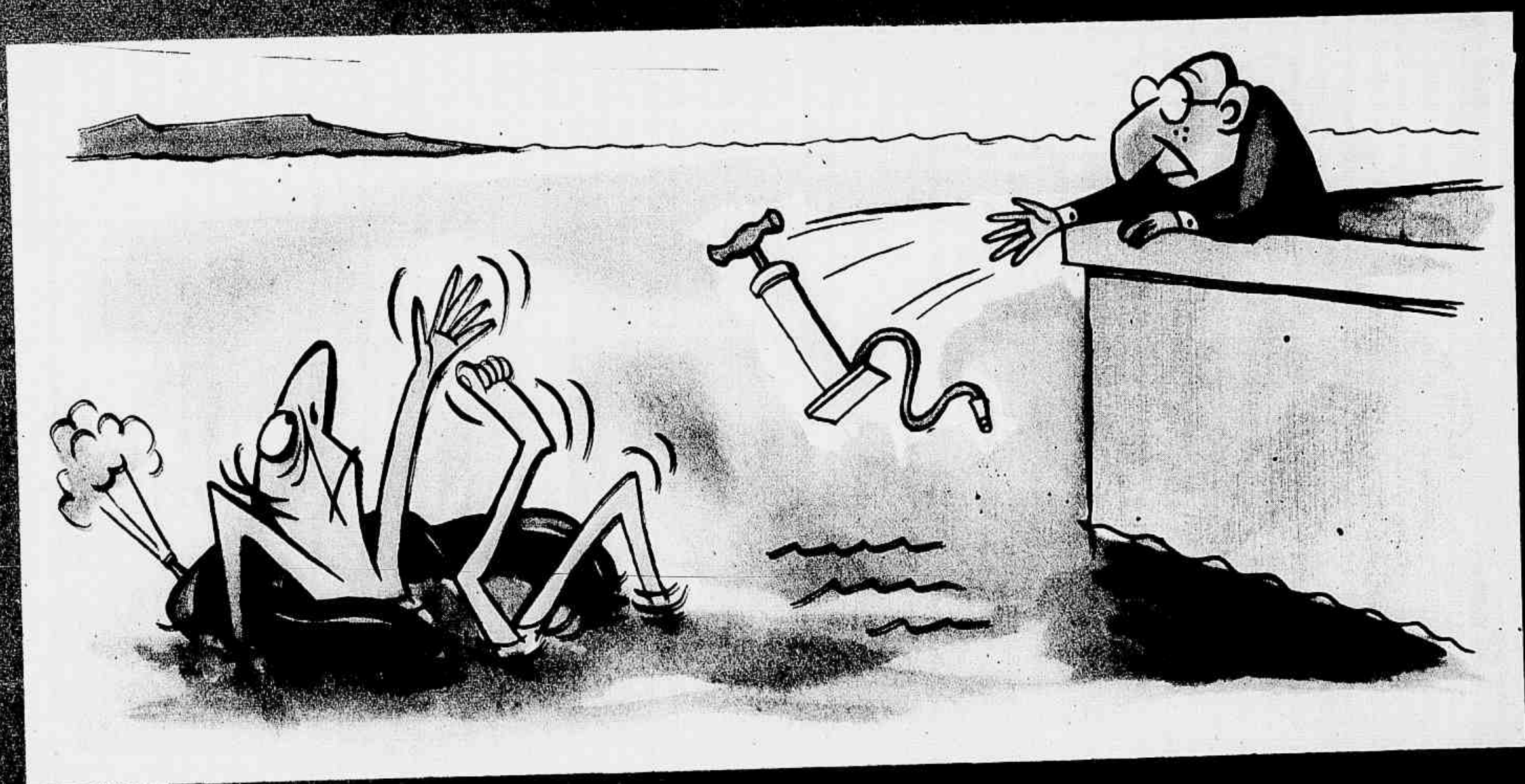
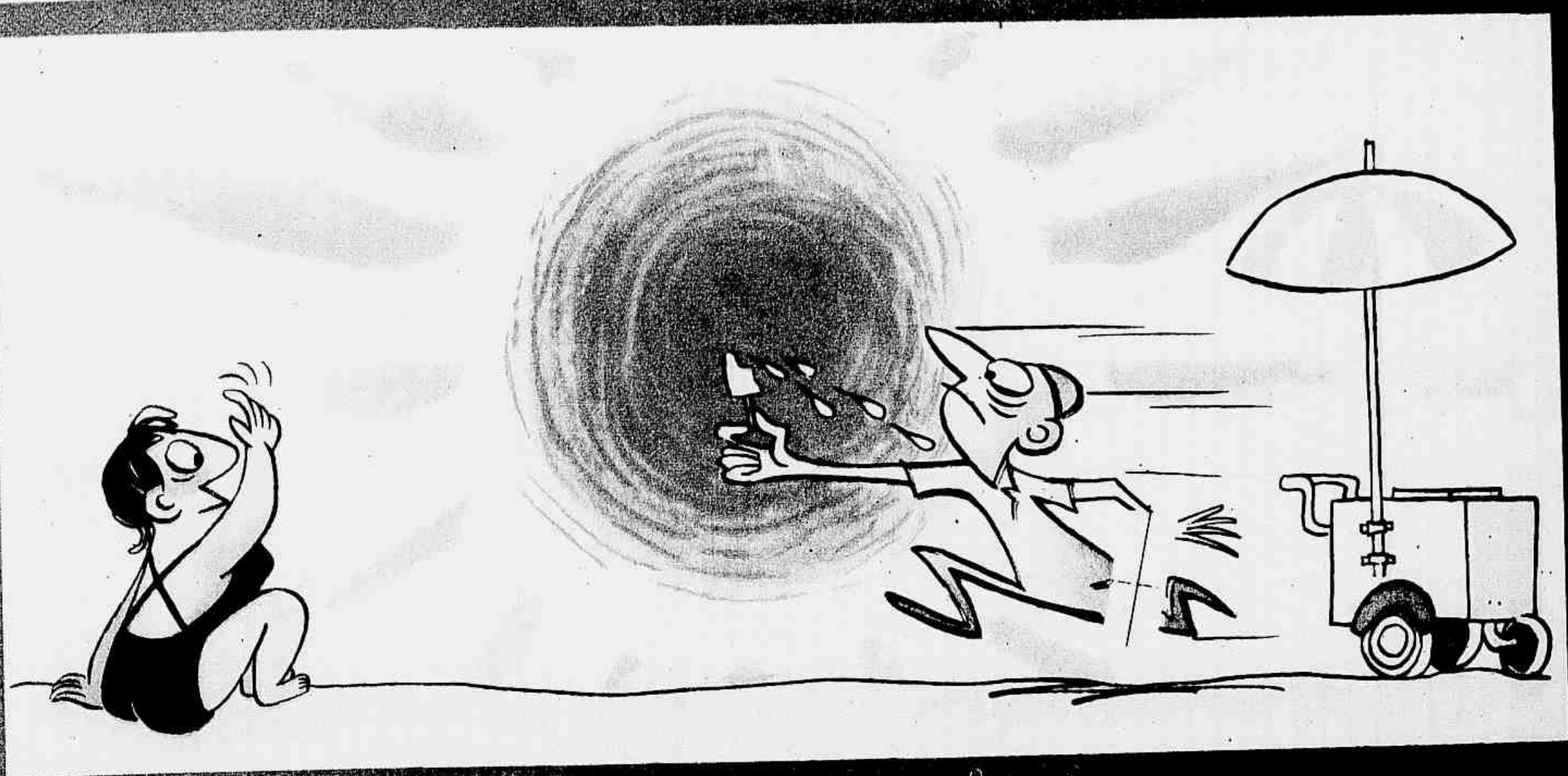


Domingo



Segunda





ASSINATURA DO

Diário de Notícias

Faça uma assinatura do «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» e receba em sua casa o matutino mais moderno, mais bem informado e independente do Distrito Federal.

SOLICITE, ainda hoje, a inclusão de seu nome entre os nossos assinantes, e terá

- * o melhor noticiário internacional
- * o magnífico suplemento literário e feminino
- * as histórias infantis, em 4 cores
- * informações precisas sobre o movimento da Prefeitura e Ministérios e
- * todos os assuntos de interesse dos seus negócios e de sua família

Para sua Comodidade
Procure a Nossa
Agência à
Av. Rio Branco
133, em frente à Galeria
dos Empregados
no Comércio

A «S. A. DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
Rua da Constituição, 11 —
Rio de Janeiro

Solicito inscrever-me entre os assinantes do «Diário de Notícias».
A importância da assinatura será remetida através de cheque,
vale postal ou dinheiro, no valor de Cr\$ 300,00 para 1 ano e Cr\$
150 para 6 meses.

NOME

RUA

CIDADE ESTADO